

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação de Mestrado

O português no ir e vir dos sujeitos *fronterizos* de Aceguá BR/UY: línguas e identidades sob o viés de uma Linguística Aplicada Indisciplinar

Thaís Rejes Marques

Pelotas, 2018

Thaís Rejes Marques

O portuñol no ir e vir dos sujeitos fronterizos de Aceguá BR/UY: línguas e identidades sob o viés de uma Linguística Aplicada Indisciplinar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras (Área de Concentração: Estudos da Linguagem)

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M357p Marques, Thaís Rejes

O português no ir e vir dos sujeitos fronteirizos de
Aleguá BR/UY : línguas e identidades sob o viés de uma
linguística aplicada indisciplinar / Thaís Rejes Marques ;
Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora. —
Pelotas, 2018.

134 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2018.

1. Fronteira. 2. Português. 3. Narrativas. I. Freitas, Letícia
Fonseca Richthofen de, orient. II. Título.

CDD : 418

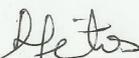
Thaís Rejes Marques

**O PORTUÑOL NO IR E VIR DOS SUJEITOS FRONTERIZOS DE ACEGUÁ –
BR/UY: LÍNGUAS E IDENTIDADES SOB O VIÉS DE UMA LINGÜÍSTICA
APLICADA INDISCIPLINAR**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

9 de fevereiro de 2018

Banca examinadora:



Profa. Dra. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas
Orientadora/Presidente da Banca
Doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff
Membro da Banca
Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. Alessandra Ávila Martins
Membro da Banca
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas

Aos meus maiores exemplos de vida e
a quem tenho um amor incondicional:
meus pais Jorge e Neli.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus e a Seu Filho Jesus Cristo, por me guiarem e me protegerem.

Aos meus pais, Jorge e Neli, por todos os esforços que fizeram para que eu chegasse até aqui e, principalmente, por todo o amor e carinho que sempre dedicaram a mim.

Aos meus irmãos, Adriana, Cristiano e Rejane, por serem exatamente como são e por estarem comigo e me apoiarem sempre.

À minha sobrinha, Carolina, minha irmã do coração, por todos os momentos que já compartilhamos juntas e pela pessoa que tu representas em minha vida.

Aos meus sobrinhos, Vitória, Renan, Camilly e Luiza, por fazerem parte da minha família e por tornarem nossos dias melhores. E Bruno (*in memoriam*), que partiu durante esse meu percurso no Mestrado, deixando um vazio enorme em todos nós, mas, com certeza, jamais será esquecido. Aqui, ficaram somente as boas memórias e uma grande saudade.

À minha família como um todo, por estar sempre presente.

Ao meu namorado, Leonardo, por compreender minhas ausências e por me incentivar a não desistir nos momentos difíceis.

À minha orientadora, professora Letícia, por me apresentar novas teorias, pelos debates em sala de aula (que sempre foram incríveis), e por me orientar nesse processo de escrita tão árduo, mas gratificante.

À banca, professoras Alessandra e Tatiana, pela disponibilidade, atenção e considerações sobre o trabalho, desde a qualificação até agora.

Aos professores Moacir, Cristina e Isaphi, da Universidade Federal do Pampa, que desde a graduação me inspiraram a sempre buscar mais conhecimento. Vocês marcaram minha vida universitária, principalmente com as aulas de espanhol.

À professora Josefa, que abriu as portas da sua sala de aula para o PIBID, lá em 2014, em Aceguá, e hoje se tornou uma pessoa muito especial em minha vida.

Às minhas colegas/amigas, Angela e Laura, que conheci no Mestrado e que levarei para vida toda. Obrigada pela amizade de vocês.

E, para finalizar, agradeço aos quatro participantes desta pesquisa e aos seus familiares, que me receberam de braços abertos em suas casas, fazendo com que o trabalho se tornasse ainda mais prazeroso. *¡Muchísimas gracias!*

Enfim, gratidão por chegar até aqui!

RESUMO

REJES MARQUES, Thaís. O *portuñol* no ir e vir dos sujeitos *fronterizos* de Aceguá BR/UY: línguas e identidades sob o viés de uma Linguística Aplicada Indisciplinar. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2018.

A presente Dissertação de Mestrado tem como objetivo apresentar como os quatro participantes da pesquisa, *fronterizos* do município de Aceguá BR/UY, constituem suas identidades performativamente através do *portuñol*, atentando-se para os atravessamentos dessa língua no cotidiano de cada um deles. A pesquisa situa-se na Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), abordando a linguagem enquanto prática social e, com isso, para estudá-la, é necessário refletir sobre a sociedade e sobre a cultura da qual faz parte. Além disso, as práticas discursivas não são vistas como neutras, portanto, elas partem de ideologias linguísticas (SILVERSTEIN, 1979), (WOOLARD, 1998), (IRVINE e GAL, 2000), (KROSKRITY, 2004), (MOITA LOPES, 2013) que, conseqüentemente, são perpassadas por relações de poder (BLOMMAERT, 2014). A metodologia se deu a partir de narrativas, compreendendo-as como um processo intimamente ligado à construção identitária (SANTOS, 2013), e as análises foram realizadas através das pistas analíticas propostas por Wortham (2001). A pesquisa destaca o quanto a fronteira é um espaço de mobilidade em vários aspectos, e que o *portuñol*, ainda que seja considerado uma língua de menor prestígio por parte de alguns dos participantes, está no dia a dia *fronterizo*, tornando-se, muitas vezes, uma transgressão linguística quando atravessa as barreiras impostas por certas ideologias linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira; *Portuñol*; Identidades; Narrativas.

ABSTRACT

REJES MARQUES, Thaís. The *portuñol* on the go and come of the *fronterizos* people from Aceguá BR/UY: languages and identity under the viewpoint about the Undisciplined Applied Linguistics. 2018. Dissertation (Master in Letters - Concentration Area: Language Studies). Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This Master's Dissertation aims to present how the four participants to this investigation, *fronterizos* from the Aceguá city BR/UY constitute their identities performatively through the *portuñol*, paying attention to this language crossings in the daily life of them each one. The investigation is based on the Undisciplined Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006), approaching the language as a social practice and, this way, for study it is necessary to reflect about the society and the culture of which is a part. Moreover, the discursive practices are not seen as neutral, so, they start from language ideology (SILVERSTEIN, 1979), (WOOLARD, 1998), (IRVINE and GAL, 2000), (KROSKRITY, 2004), (MOITA LOPES, 2013) that, consequently, are permeated by power relations (BLOMMAERT, 2014). The methodology was from narratives, understanding them how a process closely linked to the identity construction (SANTOS, 2013) and the analysis were done through the analytical clues proposed by Wortham (2001). The research emphasize how the frontier is a mobility space in several aspects and that the *portuñol*, although considered a lesser prestige language by some participants, is in frontier everyday life, often becoming a linguistic transgression when it crosses the limits imposed by certain linguistic ideologies.

Keywords: Border; *Portuñol*; Identities; Narratives.

RESUMEN

REJES MARQUES, Thaís. El portugués en el ir y venir de los sujetos fronterizos de Aceguá BR/UY: lenguas e identidades sob la perspectiva de una Lingüística Aplicada Indisciplinar. 2018. Disertación (Maestría) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2018.

La presente Disertación de Maestría tiene como objetivo presentar como los cuatro participantes de la investigación, fronterizos del municipio de Aceguá BR/UY, constituyen sus identidades performativamente a través del portugués, atentándose para los atravesamientos de esa lengua en el cotidiano de cada uno de ellos. La investigación se sitúa en la Lingüística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), abordando el lenguaje como práctica social y, con ello, para estudiarla, es necesario reflexionar sobre la sociedad y sobre la cultura de la que hacen parte. Además, las prácticas discursivas no se ven como neutras, por lo tanto, son tomadas por ideologías lingüísticas (SILVERSTEIN, 1979), (WOOLARD, 1998), (IRVINE y GAL, 2000), (KROSKRITY, 2004), (MOITA LOPES, 2013) que, por consiguiente, son atravesadas por relaciones de poder (BLOMMAERT, 2014). La metodología se dio a partir de narrativas, comprendiéndolas como un proceso íntimamente ligado a la construcción identitaria (SANTOS, 2013), y los análisis se realizaron a través de las pistas analíticas propuestas por Wortham (2001). La investigación destaca cuánto la frontera es un espacio de movilidad en varios aspectos, y que el portugués, aunque sea considerado una lengua de menor prestigio por parte de algunos de los participantes, está en el día a día fronterizo, volviéndose, muchas veces, una transgresión lingüística cuando rompe las barreras impuestas por ciertas ideologías lingüísticas.

PALABRAS-CLAVE: Frontera; Portugués; Identidades; Narrativas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.2 Da infância à universidade: minhas fronteiras percorridas.....	12
1.3 Caminhos teóricos.....	15
2. FRONTEIRA.....	17
2.2 Alguns conceitos.....	17
2.3 A fronteira de Aceguá: una mirada muy particular.....	20
2.4 Breve trajetória histórica de Aceguá.....	22
2.5 O <i>Portuñol</i>	25
3. LINGÜÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR.....	31
3.2 As viradas cultural, linguística e performativa.....	31
4. IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS.....	39
4.2 Língua, ideologia e relações de poder.....	39
4.3 Indexicalidade.....	48
5. METODOLOGIA.....	51
6. ANÁLISES.....	55
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS.....	87

1. INTRODUÇÃO

*“Vo iscrevé las lembransa pra no isquesé”
(SEVERO, 2011, p.19)¹*

1.2 Da infância à universidade: minhas fronteiras percorridas

O ato de pensar e pesquisar sobre fronteira é algo muito recente para mim, pois começou junto com a minha trajetória acadêmica, há mais ou menos cinco anos. Contudo, a fronteira me constitui desde muito antes da academia – ainda que não percebesse –, pois nasci em Bagé, uma cidade que é intitulada como Rainha da Fronteira por fazer limite com o país vizinho Uruguai e, também, por ter familiares uruguaios e dessa forma atravessar a fronteira durante as idas à cidade de Melo (UY) sempre foi uma prática comum para mim e minha família.

O contrabando, o ir e vir de pessoas, a forma de falar e os costumes que ali circulam entre os dois países nunca me causaram espanto, mas, sim, muita curiosidade, principalmente quando se tratava da língua, ou melhor, das línguas. Os questionamentos sobre aquele lugar sempre foram muitos, desde pequena, pois, quando se tratava das línguas deles, tudo se tornava novidade, mesmo eu os compreendendo. O ritmo, o som daquelas palavras sempre foram melodia para os meus ouvidos. Era tudo tão diferente e tão próximo da minha língua ao mesmo tempo.

Passados os anos, a minha relação com a fronteira cada vez foi se tornando mais estreita. Eis que, em 2006, se instala em Bagé a Universidade Federal do Pampa, instituição multi-campi que surge justamente para suprir a carência de ensino superior nas regiões de fronteira do estado do Rio Grande do Sul, já que, por estarmos afastados dos centros de maior poder econômico, há uma menor visibilidade para com os que vivem aqui. Em 2011 adentro a Unipampa como aluna do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação

¹ “Voy a escribir los recuerdos para no olvidar.” (SEVERO, 2011, p.107) Poema do poeta fronteiro Fabián Severo, de Artigas (UY), na obra Noite nu Norte/Noche en el Norte, em que ele apresenta poemas em português e em espanhol sobre a fronteira.

Português, Espanhol e Respectivas Literaturas, e a partir de então passo a dividir minhas memórias de infância e adolescência com os conteúdos da universidade. Português, espanhol, português, fronteira, limites se mesclam entre um mundo de novas teorias e um reviver do meu passado. Foi na universidade que tive a oportunidade de refletir sobre o lugar em que vivo e passo a compreender melhor a fronteira, principalmente nos dois últimos anos de graduação (2014/2015), quando participei como bolsista do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) em uma escola de Aceguá, município na divisa entre Brasil e Uruguai, a 60Km de Bagé.

Esses dois anos foram cruciais para embrenhar-me, de fato, nas questões de fronteira. Passei a deixar de ter aquele olhar superficial de uma jovem que desde criança atravessou a linha – mesmo não tendo exatamente a noção de onde começava um país e terminava o outro –, para uma universitária que percebeu a dimensão do que era a fronteira de Aceguá quando pôs os pés dentro de uma sala de aula, em uma escola do Brasil, e passou a conhecer e a fazer parte das histórias de alunos brasileiros e uruguaios, passou a compreender, através de vários olhares, a multiplicidade de ser *fronterizo*. E, desde então, muitas experiências negativas e positivas por meio das práticas escolares, muitos trabalhos apresentando a fronteira de Aceguá em eventos acadêmicos, muitos repensares sobre ser professor e sobre o ensino de línguas e, também, muita admiração pelas pessoas e pela vida na fronteira de Aceguá, ainda que muitas vezes seja árdua, proporciona na simplicidade do seu cotidiano, experiências únicas.

Como conclusão da minha graduação, em dezembro de 2015, explorei em meu TCC também a temática da fronteira, mas através da literatura. Por meio de três contos da obra “Uma Terra Só”, do escritor fronteiriço de Jaguarão, Aldyr Garcia Schlee, analiso questões emblemáticas, como o contrabando, a desmistificação do gaúcho herói, e o papel da mulher nesse espaço fronteiriço, relacionando a melancolia das personagens do livro com a solidão da fronteira. Já em 2016, continuo minha trajetória acadêmica, agora como aluna do Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Pelotas e, sentindo ainda a necessidade de falar sobre fronteira, começo a explorar esse espaço através da linguagem e suas práticas sociais.

Nos dois primeiros semestres comecei a ter contato com novas teorias e outras formas de repensar sobre linguagem. “Ideologias linguísticas”, “práticas transidiomáticas”, “linguagem e relações de poder” passam a fazer parte do meu vocabulário e de um caminho para a idealização de minha dissertação. Logo, passo a perceber a fronteira, e principalmente a de Aceguá – por estar mais próxima e envolvida pessoalmente –, como um espaço importante a ser estudado a partir dessas teorias e, por estar com uma bagagem maior para refletir sobre algumas experiências vivenciadas enquanto era pibidiana, retorno a Aceguá com o anseio de falar com os fronteiriços que ali vivem, conversando sobre as suas rotinas, a mobilidade que há no espaço e entre as línguas que circulam na cidade, a relação deles com o *portuñol*, e a escola diante de toda essa hibridização.

Mas, retornando às experiências que tive como bolsista do Pibid, em Aceguá, destaco aqui a importância do que vivi lá como motivo principal para escrever este trabalho. Foram dois anos em que pude compartilhar com os alunos, com alguns professores e com moradores do município, experiências únicas, período em que cresci de forma profissional e pessoalmente. A partir do que vivi lá, senti a necessidade de falar sobre os habitantes dessa fronteira, senti que precisava falar das línguas que lá circulam, principalmente o *portuñol*², e mostrar o quanto essa língua é importante e está viva no dia a dia fronteiriço, o quanto ela está presente na vida de cada um, seja de uma forma mais intensa ou não. Os aceguaenses são os sujeitos principais deste trabalho, pois foram eles que fizeram eu perceber a fronteira por meio de um outro olhar e me motivaram, ainda que indiretamente, a seguir acreditando na importância do *portuñol* na escola e de continuar pesquisando sobre as questões fronteiriças.

Portanto, com base nas narrativas que serão apresentadas ao final desta pesquisa, buscarei compreender por meio do objetivo geral abaixo – mas não de forma essencialista, tampouco totalizante –, como os sujeitos entrevistados constroem suas identidades através do *portuñol*. Ou seja, de

² Aqui, o *portuñol* é entendido como uma prática linguística da fronteira (STURZA, 2010) e não como uma interlíngua no processo de aprendizagem do espanhol ou português como língua estrangeira. Na sessão 2.3 do capítulo 2 irei aprofundar mais esse assunto.

forma específica, quais são os atravessamentos dessa língua no cotidiano deles e de que forma isso os afeta; se todos eles a percebem da mesma maneira; como certas ideologias linguísticas são evidenciadas nessas narrativas e constituem o ser fronteiriço. Além disso, de que maneira se dá a relação deles com as outras línguas que circulam na fronteira de Aceguá, sempre atentando para o *portuñol* em diversos ambientes, sejam eles formais ou informais.

1.3 Caminhos teóricos

Antes de adentrarmos nas narrativas, nos próximos capítulos dissertarei sobre as teorias que irão embasar este trabalho. Primeiramente, no capítulo dois, abordarei alguns conceitos de fronteira, aportando-me a teóricos como Zientara (1989), Pesavento (2002), Ratzel (2011) e Heinsfeld (2015). Na seção 2.3 lançarei meu olhar de uma forma muito pessoal para a fronteira de Aceguá, escrevendo como a vejo e sinto desde minha infância até hoje. Logo, na seção 2.4, ainda no mesmo capítulo, explano de forma breve sobre a trajetória histórica das conquistas de terra na região, e na seção 2.5 trato sobre alguns conceitos e visões sobre o *portuñol* na fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de teóricos como Sturza (2005, 2010).

No capítulo três, intitulado “Linguística Aplicada Indisciplinar”, debato sobre as viradas cultural, linguística e performativa, marcos importante das teorias pós-estruturalistas para se repensar as pesquisas, fugindo de ideais essencialistas e rígidos e da noção de língua homogênea e estática, compreendendo que os significados são construídos nas práticas discursivas, e que as atividades linguísticas se articulam por territórios moventes – assim como a fronteira –, destacando autores com Hall (1997, 2006), Bauman (2002), Pennycook (1998, 2006) Fabrício (2006), Moita Lopes (2006), Rampton (2006) entre outros.

Ademais, no capítulo quatro, abordarei a língua por meio de ideologias linguísticas, percebendo a linguagem como uma visão de mundo e observando, segundo Moita Lopes (2013), como as línguas têm sido utilizadas para separar

grupos sociais, naturalizando alguns preconceitos linguísticos e culturais, e contribuindo para a construção do estado-nação, assim como, reforçando a ideia de línguas puras e homogêneas que são faladas por grupos que, erroneamente, pensam ser, da mesma forma, homogêneos.

Blommaert (2014) e outros teóricos, ainda no capítulo quatro, trazem a relação existente entre linguagem e poder. Para Blommaert (2014, p.67), o poder é visto através de dualismos, pois ele “inclui e exclui, produz prestígio e estigma, constrói e destrói”, e a linguagem é entendida através das ideologias linguísticas, que, por sua vez, são permeadas por relações de poder. Dessa forma, certos grupos têm mais legitimidade que outros, já que detêm esse poder e se utilizam de uma linguagem que, na visão de alguns, é melhor que outras, construindo uma ideia, de acordo com Blommaert (2014, p.72), de que “a réplica artefactualizada se torna a norma, a variante da linguagem boa e correta”.

Seguindo no capítulo quatro, na seção 4.3, tratarei sobre ordens de indexicalidade, tendo como principal teórico Silverstein (2003), em que será discutida a relação de linguagem e contexto, ou seja, o quanto certos elementos linguísticos indexam outros Discursos com D maiúsculo (GEE, 2004), enfatizando o quanto a linguagem se constitui por meio de práticas sociais e também por relações de poder.

Já no capítulo cinco, descreverei sobre o processo metodológico, desde as escolhas dos informantes às narrativas nos municípios de Aceguá, tendo como aporte teórico Bastos e Santos (2013), Rollemberg (2013) entre outros, que compreendem as narrativas enquanto espaço de construção das identidades de quem as narra.

No capítulo seis, constam as análises das narrativas desta pesquisa, que foram analisadas a partir das ferramentas analíticas propostas por Wortham (2001), que auxiliam a estudar o posicionamento interacional em performances narrativas. E, no capítulo sete, as considerações finais as quais as narrativas com base nas teorias abordadas, me levaram.

2. FRONTEIRA

*“Antes
Eu quiría ser uruguaio
Agora
quiero ser daqui”
(SEVERO, 2011, p.31)³*

2.2 Alguns conceitos

Os diversos conceitos de fronteira atravessam séculos, pois conforme os interesses políticos e econômicos, os conflitos entre certos grupos religiosos ou políticos, e as mudanças climáticas que contribuem para a destruição e/ou formação de novas fronteiras naturais, fazem com que esses conceitos acompanhem os novos acontecimentos. Mas, de fato, quando pronunciamos a palavra fronteira, geralmente vem a ideia de separação⁴, limite entre um espaço e outro, dois lugares, e também a ideia da proibição.

Para o homem, muitas vezes a fronteira representa o imaginário daquilo que ele é e quem é o outro, do outro lado da linha/ponte/cerca/montanha/rio, visto que o Estado tenta delimitar povos e suas respectivas culturas. Conforme Heinsfeld (2015) “é pela fronteira que surgiu a ideia do “outro”, do inimigo, do estrangeiro. É em função da fronteira que a relação “Nós” x “Eles” se estabelece e se concretiza”. Dessa forma, o Estado precisa demarcar-se através do solo para, assim, definir quem lhe pertence, como afirma Ratzel (2011, p.51) “O Estado é uma fração de humanidade e uma fração de solo. O homem não é concebível sem o solo terrestre, ainda mais sem a maior obra do homem sobre terra: o Estado”. Daí a ascensão do nacionalismo, da

³ “Antes/yo quería ser uruguayo/Ahora/quiero ser de acá” (SEVERO, 2011, p.119) Poema do poeta fronteiriço Fabián Severo, de Artigas (UY), na obra Noite nu Norte/Noche en el Norte, em que ele apresenta poemas em português e em espanhol sobre a fronteira.

⁴ “A ideia, universalmente difundida, de fronteira como linha que separa duas regiões diferentes, é errada. Surgiu no período de evolução social no qual os homens tentaram estabelecer por via pacífica os respectivos direitos de propriedade nos territórios abrangidos. Da definição destes direitos no interior duma sociedade, passou-se então à definição pacífica de reivindicações de grupos sociais mais vastos, sobretudo quando seus confins vinham perdendo seu caráter absoluto: já não se tratava de uma fronteira entre o grupo em questão e o resto do mundo, mas de uma fronteira que servisse para dividir grupos, os quais, embora separados, se consideravam elementos de um todo maior” (ZIENTARA, 1989, p.307).

necessidade de se definir e reafirmar enquanto pertencente a um povo e a uma determinada cultura.

Contudo, antes de discutirmos sobre a fronteira aqui estudada, apresentaremos alguns conceitos de fronteira abordados por teóricos da área ao longo de tempo. Para Zientara (1989)

o termo 'fronteira', tal como os substantivos correspondentes nas línguas espanhola (*frontera*), francesa (*frontiere*) e inglesa (*frontier*) derivam do antigo latim *fronteria* ou *frontaria*, que indicava a parte do território situada *in fronte*, ou seja, nas margens (ZIENTARA, 1989, p.306).

Ademais, Zientara (1989) compreende a fronteira enquanto um espaço móvel, assim como o ser vivo, e a percebe não como uma zona de paragem duradoura, dessa forma a "mobilidade é um carácter intrínseco da fronteira, mesmo se algumas sociedades tendem a fixar definitivamente as suas próprias fronteiras" (ZIENTARA, 1989, p.306). Conceito esse que vai de acordo com a ideia de fronteira concebida nas cidades gêmeas de Aceguá, espaço de pesquisa deste trabalho. Ou seja, os fronteiriços transformam esse espaço que foi fixado pelos Estados de ambos os países, em um território de mobilidade, fluidez, de ir e vir.

O Estado, com a necessidade de delimitar seu espaço, busca a fixidez através do solo, pois conforme Ratzel (2011, p.55) "a única base material da unidade do Estado é o solo". Além disso, através da organização política, o Estado tenta unir os homens em determinado território para ser reconhecido enquanto Estado (RATZEL, 2011), ou, como pode também, segregar grupos pelos suas fronteiras impostas. Ratzel (2011, p.55) ressalta ainda que "quanto mais o Estado corre o risco de dissolver-se, mais o solo se torna importante: é o princípio unificador do Estado e a única prova palpável e indestrutível da sua unidade".

Ainda assim, as fronteiras representam nessa busca do Estado pela estabilidade, o instável, o fluxo, o movimento, pois para muitos, é um limite simbólico. De acordo com Pesavento (2002)

as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. Nesse sentido, são produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo” (PESAVENTO, 2002, p.35).

E, em se tratando das fronteiras do Brasil com o Uruguai, essa ideia das fronteiras simbólicas, como apontou Pesavento (2002), é algo que realmente se consolida no cotidiano dos fronteiriços, pois os marcos⁵ estão apenas como referência, como guia, mas não afetam diretamente o ir e vir deles. Mas, há de ressaltar-se que, em casos de leis de trânsito diferente entre os dois países, é visível a “obediência” a esses limites firmados, como por exemplo: no Uruguai, o uso de capacete para motociclistas, apesar de ser obrigatório, não é tão cobrado pelos agentes de trânsito. Já no Brasil, a falta do uso desse equipamento de segurança gera multa e por isso não é comum ver alguém andando de moto sem capacete, da mesma forma como é banal ver no Uruguai. Bem, a relação dos marcos com as leis de trânsito dos respectivos países, nesse caso, se torna perceptível quando um uruguaio não atravessa de moto sem capacete para o lado brasileiro.

Portanto, nesse ato, se percebe que as fronteiras são vistas como algo que, de fato, divide, separa, pois a simples atitude de não entrar no lado brasileiro sem o capacete ou pô-lo para poder transitar em vias brasileiras, revela o quanto o Estado está ali presente através de suas leis e demarcações. Nessa situação, por exemplo, o Estado se torna a força maior e o ir e vir não é tão “livre” assim.

Pesavento (2002) escreve que há uma tendência de relacionar fronteira sempre à territorialidade, contudo, ela destaca que as fronteiras culturais são tão importantes quanto, e que é através dessa relação entre fronteira, imaginário e identidade que se constrói o “outro” em relação a “nós” e vice-versa. Ou seja, a fronteira não trata apenas de território e limites, ela

⁵ s.m. Pedra oblonga, alongada, com que se demarcam terrenos. <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=marco> (Nesse caso, são demarcados os limites entre Brasil e Uruguai. Imagens nos anexos, página 134).

representa diálogo, trânsito de culturas, de línguas, reconstruções identitárias do eu e do outro, como enfatiza Pesavento (2002)

se a fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica (PESAVENTO, 2002, 37).

A fronteira aqui estudada é mobilidade em todos os sentidos, pois, conforme Heinsfeld (2015, p.30), “as fronteiras e os países não estiveram sempre onde estão, bem como não existiram sempre. Ambos não são mais que construções da história humana, resultado e expressão de processos sociais”.

2.3 A fronteira de Aceguá: una mirada muy particular

Antes de nos embrenharmos nas teorias sobre linguagem e fronteira é preciso conhecer um pouco sobre esse espaço, por isso lanço meu olhar para essa cidade que, de alguma forma ou outra, sempre esteve presente em minha vida, mesmo que indiretamente. Foi nesse espaço que me redescobri como professora de espanhol, que redescobri a fronteira e os seus desdobramentos, e me descobri como pesquisadora, visto que senti a necessidade de falar sobre esse lugar e essas pessoas, que o *portuñol* e outros aspectos que rodeiam a temática de fronteira fossem vistos com outros olhos, e que eles próprios, os fronteiriços, se reconhecessem como agentes principais e os que dão sentido ao que acontece em Aceguá.

É em cada amanhecer, tendo ao longe o horizonte do vasto pampa *gaucho*, com o vento minuano fazendo curvas em meio à solidão da fronteira, que o sol nasce para os *fronterizos* das cidades gêmeas de Aceguá/Aceguá, na divisa entre Brasil e Uruguai. Brasileiros e uruguaios que somam uma população com cerca de 5.493 mil habitantes, sendo aproximadamente 4.500 correspondendo ao lado brasileiro e o restante ao lado uruguaio, compartilham suas felicidades e angústias entre a lida no campo e o comércio, longe dos

grandes centros dos seus respectivos países e no esquecimento de seus governantes.

Contudo, ainda que haja dificuldades, ainda que falte uma maior visibilidade para essa região, ainda que o minuano castigue quem cedo o enfrenta no inverno, ainda que o contrabando seja um dos meios de sobrevivência, fazendo com que, diariamente, *quileros*⁶ arrisquem suas vidas, ainda assim, a fronteira deve ser admirada. Só quem vive na e a fronteira sabe que convenções e tratados políticos são olvidados diante da mescla de línguas, do fluxo de gente e mercadorias, do ir e vir de cada sujeito que vê seu espaço não como algo definido, como escreve o poeta fronteiriço Fabián Severo, mas como uma nuvem. Nuvem essa que se movimenta, se transforma, se reinventa. A fronteira de Aceguá é todo esse paradoxo do fervor das compras nos free shop⁷ e a solidão no final da tarde, do minuano seco e gelado e a erva úmida com o mate quente, do brasileiro que escuta cumbia e do uruguaio que escuta sertanejo, da rivalidade no futebol e a amizade de anos com *el hermano*. A fronteira não é somente o lá e o cá, tampouco neutralidade, a fronteira é subversão, é espaço de integrar e resistir.

Mas, até que ponto esse subversão é aceita? Em quais meios sociais, como na escola, por exemplo, o rompimento de barreiras linguísticas é aceito? O *portuñol*, aspecto central desta pesquisa, consegue quebrar leis estatais no ambiente escolar, ou será que o Estado, nessas horas, tem poder maior para definir o que pode e como se deve falar? Quais são os atravessamentos do *portuñol* na construção das identidades de quem vive na fronteira? De que forma essa língua está no cotidiano, nas relações com o outro, nas memórias dos fronteiriços? Citando, novamente, o poeta Fabián Severo, para quem vive

⁶ Pessoas que compram alimentos em grande quantidade, nos comércios brasileiros entre as fronteiras de Brasil e Uruguai, e os transportam de moto para revendê-los até os comércios do país vizinho. Em Aceguá, essa prática é muito comum e o destino principal dos *quileros* é Melo (UY), cidade vizinha à 60km da fronteira.

⁷ São lojas localizadas no interior de salas de embarque e desembarque de aeroportos onde produtos são vendidos com isenção ou redução de impostos. Em alguns países, embora existam aeroportos internacionais, há duty-free shops espalhadas pela cidade. O Uruguai e a Argentina são um exemplo disto. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Duty-free_shop

na fronteira, “falar *portuñol* é tão natural quanto respirar” (SEVERO, 2016)⁸, logo, para alguns, esse modo de falar que é visto pelo Estado como subversivo, é uma maneira de ver a vida, é a visão de mundo deles, é uma das línguas que lhes pertence.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo um olhar mais atento a essa população, com uma valorização maior do que acontece na fronteira e, principalmente, das línguas que lá circulam, como o *portuñol*, entendendo-o não como um problema, mas como uma língua que está nas memórias, nas vivências, nas *charlas* em família, no cumprimento ao vizinho, na ida ao armazém do *brasileiro*, nos momentos de maior emoção.

Portanto, percebendo, segundo Moita Lopes (2013), a necessidade de se pensar teorizações sobre linguagem que não se baseiam no estruturalismo e visões modernistas, pretende-se com este trabalho evidenciar, através de narrativas com quatro informantes, o quanto o *portuñol* está vivo no dia a dia da fronteira, desarraigando-se da ideia “de uma língua como uma unidade delimitada associada a comunidades [igualmente] delimitadas” (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011, p.5) entendendo-o como uma prática linguística legítima da região (STURZA, 2005), além de percebê-lo na construção das identidades transitórias desses sujeitos.

2.4 Breve trajetória histórica de Aceguá

Por fazer parte da Região Platina, Aceguá também foi um espaço importante para o processo de colonização e disputa de terras entre as coroas portuguesa e espanhola, assim como todo o estado do Rio Grande do Sul. Habitada por índios charruas, guenoas e minuanos (SILVA, 2009), a região de Aceguá demorou a ser invadida por não ser de tanto interesse da Coroa Espanhola, que até o tratado de Tordesilhas tinha o Uruguai e o Rio Grande do Sul como pertencentes aos seus territórios.

⁸ Trecho de uma entrevista do poeta Fabián Severo concedida ao Diário Catarinense em 13/10/2016. Fonte: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2016/10/falar-portunhol-e-tao-natural-quanto-respirar-diz-poeta-uruguaio-fabian-severo-7772725.html>

A Coroa Espanhola por não ter interesse comercial na região do Prata, envia os jesuítas no intuito de doutrinar os índios e também como uma forma de controlar aquele espaço. Com o tempo, as missões jesuíticas acabaram se tornando importantes centros econômicos na região do Pampa (SILVA, 2009), e “a pecuária, atividade mais adequada para aquele espaço devidos aos aspectos físicos e naturais, aliada aos conhecimentos e à organização do trabalho pelo povos nativos” (*Ibidem*, 17) também favoreceu, além de outras atividades, o crescimento econômico das Missões.

Passado os anos, o Rio Grande do Sul que pelo Tratado de Tordesilhas pertencia à Coroa Espanhola, deixa de ser do interesse dos espanhóis, pois eles se depararam com uma “sociedade auto-suficiente e de histórico guerreiro, fundamentada na organização comunitária da atividade pastoril” (SILVA, 2009, p. 17), e faz um novo tratado, o de Madrid, com a Coroa Portuguesa onde a Colônia do Sacramento (atual Uruguai) passa a ser território dos espanhóis (MOURE, 1994), pois, ainda que pelo Tratado de Tordesilhas a Colônia pertencesse à Espanha, esse tratado nunca foi, de fato, respeitado integralmente por ambas as partes, e por isso, antes do Tratado de Madri, Portugal já estava em posse da Colônia do Sacramento.

Em decorrência dos novos acordos, as fronteiras precisavam ser novamente demarcadas, e é “em 1752 que os exércitos espanhol e português chegaram em Aceguá pelos campos de Santa Tecla e foram rechaçados por aproximadamente 600 índios guaranis comandados por Sepé Tiaraju” (SILVA, 2009, p. 17). Por questões de força bélica, as coroas massacraram os índios e nisso culminou no domínio dos portugueses na região. Em se tratando da língua, um dos temas centrais deste trabalho, essa disputa de terras entre as coroas portuguesa e espanhola contribuiu para fenômenos como o bilinguismo na região, pois

a língua portuguesa está presente no território que corresponde ao atual norte do Uruguai desde o século XVII, resultado dos fluxos colonizadores e migratórios empreendidos por portugueses até o século XIX e, em momento posterior, por brasileiros. Portanto, a ocupação do norte uruguaio se deu historicamente de forma conjunta com a colonização portuguesa do sul do Brasil, em especial do estado do Rio Grande do Sul, de onde brasileiros continuaram migrando durante o século XX. Assim, o Uruguai se subdivide em duas regiões principais: o sul e o norte (com relação ao Rio Negro). Enquanto o sul

recebeu maior influência da colonização hispânica, no norte, a língua e a cultura luso-brasileira predominaram até o final do século XIX, quando o Uruguai, já um Estado independente, impôs o ensino de espanhol em toda a rede educacional pública (ALMEIDA, 2016, p.172).

Dessa forma, por todo esse processo histórico, a região se formou de uma forma muito plural, mesclada, ainda que compartissem os hábitos do gaúcho e a vida no campo, as línguas ali sempre estiveram entreveradas, como afirma um dos principais estudiosos sobre português no norte do Uruguai, o professor uruguaio Behares, que apresenta um panorama das línguas na região de fronteira do Brasil com o Uruguai:

Nas áreas uruguaias, deparamo-nos com uma sociedade bilíngue de falantes de espanhol como língua materna em conjunto com importantes grupos de falantes de português como língua materna. Ou seja: essas regiões uruguaias têm duas línguas: o espanhol, majoritário no Uruguai e considerado como a língua do Estado (ainda que não “língua oficial”), e o português (em sua variante uruguaia, chamado na bibliografia acadêmica e nos documentos oficiais, atualmente, de “português do Uruguai”). A região fronteiriça brasileira, por sua vez, é falante de português, marcado com características às vezes chamadas “gaúchas” e outras “de fronteira”, que entre seus traços apresenta alguma influência do espanhol, principalmente no léxico ou na fonologia. O espanhol, embora língua conhecida e bastante presente nas interações sociais, sempre foi e continua a ser uma língua estrangeira (BEHARES, 2010, p. 17 e 18).

Assim, a fronteira, desde as disputas territoriais entre os portugueses e espanhóis até os dias atuais, se constitui como um espaço móvel, mutável, de relações híbridas que se entreveram nos diversos falares dos fronteiriços, falares esses que trazem uma carga histórica muito grande, assim como uma carga emocional para cada morador da fronteira que se performa através da língua ou das línguas que lhes pertencem.

2.5 O *Portuñol*

Como foi apresentado na seção anterior, a região que hoje corresponde ao Rio Grande do Sul, assim como outras fronteiras do país, foi palco de grandes batalhas pelas divisas de terra, entre elas, claro, o município de Aceguá. A presença constante de portugueses e espanhóis, depois brasileiros e uruguaios propiciou a pluralidade de línguas nesse espaço. Conforme Sturza (2005),

este espaço desterritorializado é o que coloca as nossas línguas da fronteira em situação de contato. Com o status de línguas oficiais e predominantes, o português e o espanhol na América se colocam lado a lado ao longo das fronteiras geográficas que compartilham. Porém, do ponto de vista da situação étnica, os grupos de convívio e seus contatos linguísticos, em diferentes regiões fronteiriças do Brasil com os demais países da América do Sul, contribuem para a constituição de um panorama linguístico heterogêneo, muito aquém do que representa a dualidade português-espanhol no seu estatuto de línguas majoritárias (STURZA, 2005, p. 48).

Um dos primeiros trabalhos que aborda sobre a situação das línguas na fronteira entre Brasil e Uruguai é o de Rona (1965), intitulado “*Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay*”, que trata sobre a presença do português em território uruguaio. A partir de então, muitas definições foram surgindo ao longo do tempo, como *bayano*, *entreverado*, *fronterizo*, *portuñol*, contudo, ainda existe uma indefinição do termo dentro das pesquisas da área, segundo Sturza (2005). Para Sturza, o *portuñol* é uma prática linguística da maior parte da população fronteiriça, que “resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território linguístico da outra” (STURZA, 2005, p.48). Ademais, Sturza complementa afirmando que

essas práticas foram designadas de dois modos: o portunhol – que abrange uma maior extensão de contato, ainda que com caracterizações discutíveis, e pouco definido enquanto fenômeno de contato linguístico e os DPUs – Dialetos Portugueses do Uruguai – que gozam de um reconhecimento maior, de pesquisas e estudos regulares da linguística internacional (STURZA, 2005, p.48).

Diante desse embate para definir o que é *portuñol*, por quem é falado, com que frequência, em que contextos, nesta pesquisa o tomo não como uma língua de características fixas e rígidas, tampouco “único enquanto práticas

linguísticas”, pois nem sempre ele “remete a uma mesma relação entre línguas e sujeitos” (MOTA, 2014, p.14), mas, sim, como uma prática linguística usada no centro urbano do município de Aceguá⁹, falada tanto por brasileiros como uruguaios, em diferentes faixas etárias, cada um com uma regularidade e em diferentes situações de comunicação. Portanto, neste trabalho, não se tratará do *portuñol* enquanto interlíngua em um processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, mas como uma prática linguística que mescla¹⁰ as duas línguas (português e espanhol), como também cria palavras que não existem nem em uma língua nem em outra, prática essa motivada pela própria mobilidade da população, tanto brasileira como uruguaia, no mesmo espaço, já que Aceguá é fronteira seca, dividida apenas por uma linha imaginária. Para Sturza (2010)

essa língua é compreendida como própria do lugar, ou seja, da fronteira, marcando a nova territorialidade, o terceiro território, nem lá nem cá. Neste nem lá e nem cá cabe a mistura. O entrelínguas que remete ao processo identitário de sujeitos que estão entre espaços e línguas. E, tal como a mistura das línguas, é um processo incompleto, em construção, irregular, instável (STURZA, 2010, p. 89).

Dessa forma, se o *portuñol* é visto como um processo instável, irregular, logo, as identidades dos sujeitos que circulam nesse espaço fronteiro também são móveis, pois são construídas a partir da instabilidade dessa língua. Por sua vez, essa instabilidade e essa incompletude levam a um certo preconceito por parte daqueles que vêm de fora, da escola que, geralmente, preconiza a norma padrão e também do governo. Conforme Bentacor (2010)

el posicionamiento desde el sistema educativo ha contribuido a que un rico aporte lingüístico aparezca asociado a “pérdidas” y no a un enriquecimiento. Todo ello parece surgir de una interpretación errónea de la relación entre el español y el portugués y por tanto de reconocimiento de cual era en realidad la lengua madre en la frontera

⁹ Importante destacar aqui que o *portuñol* não é uma prática linguística somente dos municípios de Aceguá BR/UY, visto que acontece em diversas regiões fronteiriças do Brasil, apresentando em cada uma diferentes características. No texto, refiro-me sempre ao *portuñol* de Aceguá, pois é o contexto de pesquisa deste trabalho.

¹⁰ “[...] o termo “portunhol” [...] refere-se a diversos objetos, dentre eles designa a língua de mistura – entre espanhol e português – nas diversas fronteiras do Brasil com os países hispano-americanos” (CELADA, 2002, p.44).

y de la imposición de un modelo monolíngue (BENTACOR, 2010, p.89)¹¹.

Sendo assim, parte das identidades desses sujeitos é negada dentro da escola quando a própria fala em *portuñol* de um aluno é interpelada por ser uma língua “fora do padrão”, que é considerada refugo, que não é muito bem vista, principalmente dentro da sala de aula, mas, que ainda assim, está viva no dia a dia dos sujeitos *fronterizos*. Bentacor (2010) salienta que a problematização da fronteira em relação às suas questões linguísticas vem de muito tempo, ressaltando que há um desconhecimento da realidade sócio-linguística, tanto dos professores, como das instituições governamentais¹², por isso a falta de políticas públicas contextualizadas.

Por esse motivo, é importantíssimo seguirmos fazendo pesquisa dentro da temática do *portuñol* em relação à fronteira, à escola, às identidades, pois, ainda que haja muito trabalho nessa área, os conceitos, principalmente da parte de alguns professores que trabalham em áreas fronteiriças e dos governos dos respectivos países, ainda seguem engessados no ideal de *portuñol* como “língua errada”, deixando de lado as subjetividades dos sujeitos que se constituem através dele, de todo o processo histórico da região, da história de cada sujeito da fronteira.

Ainda que haja tentativas dos governos tanto do Brasil como dos países vizinhos em programas pensados na educação em áreas fronteiriças, percebe-se que o conceito de língua padrão segue enraizado em muitos projetos, como

¹¹ Tradução nossa “O posicionamento do sistema educativo tem contribuído para que um rico aporte teórico linguístico apareça associado a “perdas” e não a um enriquecimento. Tudo isso parece surgir de uma interpretação equivocada da relação entre o espanhol e o português e por tanto de reconhecimento de qual era em realidade a língua materna na fronteira e da imposição de um modelo monolíngue” (BENTACOR, 2010, p.89).

¹² En una parte de la población fronteriza, parece crecer una nueva mirada, de aceptación de la opción por el bilingüismo, (nuevo posicionamiento desde la educación formal), así como de respeto y mayor comprensión por el dialecto, que si bien representa una apertura desde el punto de vista institucional, aún debe vencer la subjetividad de los docentes, en la percepción del tema, perjudicado también por la falta de formación profesional para atender la diversidad y complejidad fronteriza” (BENTACOR, 2010, p.89).
Tradução nossa “Em um parte da população fronteiriça, parece crescer um novo olhar, de aceitação da opção do bilinguismo, (novo posicionamento a partir da educação formal), assim como de respeito e maior compreensão pelo dialeto, que embora representa uma abertura do ponto de vista institucional, ainda deve superar a subjetividade dos docentes, na percepção do tema, prejudicado também pela falta de formação profissional para entender a diversidade e complexidade fronteiriça” (BENTACOR, 2010, p.89).

no trecho a seguir retirado de um documento do Programa Escolas Bilíngües de Fronteira (PEBF)¹³, que foi acordado entre Brasil e Argentina, no ano de 2008. O programa enfatiza a educação intercultural entre os dois países, com foco no ensino de português e espanhol.

**PROGRAMA ESCOLAS BILÍNGÜES DE FRENTEIRA
(PEBF)**

“Modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol”

Documento Programa Escolas Bilíngües de Fronteira.

Mais adiante, encontra-se no mesmo documento um trecho em que é abordado, muito brevemente, as línguas que circulam nas fronteiras entre esses dois países, além do português e espanhol, mas não é citado nenhum nome, como o *portuñol*, por exemplo. Lê-se: *“É assim na fronteira entre a Argentina e o Brasil, por exemplo, onde estão presentes, entre outras línguas, o português e o espanhol. Há alternâncias nos usos de ambos os códigos com propósitos comunicativos e identitários. Encontram-se frequentemente na fronteira, ainda, fenômenos de mescla linguística e de empréstimos em uma ou outra direção. Estes fenômenos, entretanto, não são generalizados, apresentando uma configuração diferente em cada uma das fronteiras”* (Grifo nosso).

O que é importante destacar aqui é que programas como esse são de suma importância, contudo, deve haver um olhar mais cuidadoso e não tão raso para as outras línguas que circulam nas fronteiras entre o Brasil e os países hispanohablantes, como o próprio guarani que também foi citado no documento, mas de forma breve, como no trecho abaixo, em que são apresentados os dados que os pesquisadores pretendiam apontar em um levantamento sociolinguístico de alunos e professores participantes do projeto. Lê-se: “a) o grau de conhecimento do espanhol padrão dos docentes das

¹³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-fronteira/escola-de-fronteira>.

escolas da fronteira de Corrientes e Misiones; b) o grau de conhecimento de português de docentes e alunos e c) as representações sobre estas línguas e outras, como o guarani”.

Já em um documento sobre as políticas linguísticas na educação pública do Uruguai¹⁴, criado em 2006-2007, encontra-se uma atenção maior para a diversidade linguística da fronteira, como no trecho a seguir: *“La asimilación lingüística de los inmigrantes y la estandarización progresiva del español rural y de contacto contribuyó principalmente desde el sistema educativo a la formación de una tradición de monolingüismo más o menos sólida, regida desde ideales sociolingüísticos puristas y con el modelo de un español “correcto”, identificado con la norma académica española. Simultáneamente, el país desarrollaba su propio proceso de estandarización natural, que se ha caracterizado como la coexistencia de tres normas regionales: el español rioplatense en el sur, el español fronterizo en el noreste y el español litoraleño en el oeste. Entre éstas y el modelo lingüístico ofrecido en la educación ha habido una relación de conflictividad, no siempre bien resuelta en términos pedagógicos”*¹⁵ (Grifo nosso).

Percebe-se que nesse último trecho são reconhecidas as diversidades linguísticas existentes no país, nesse caso, no Uruguai, ainda que pô-las em prática dentro da escola não seja tão fácil, como fica evidente na última linha do trecho acima. De qualquer forma, deve-se ponderar que, em projetos educacionais e documentos como esse, quando falamos das fronteiras entre Brasil e os países da América do Sul, não estamos nos referindo a países monolíngues, ou seja, falar sobre essas regiões fronteiriças não é falar

¹⁴ Disponível em

<http://www.politicasinguisticas.edu.uy/phocadownload/publicaciones/comisionpoliticasinguisticaseducacion%20publica.pdf>

¹⁵ Tradução nossa “A assimilação linguística dos imigrantes e a padronização progressiva do espanhol rural e de contato contribuiu principalmente desde o sistema educativo a formação de uma tradição de monolingüismo mais ou menos sólida, regida desde ideais sociolingüísticos puristas e com o modelo de um espanhol “correto”, identificado com a norma acadêmica espanhola. Simultaneamente, o país desenvolvia seu próprio processo de padronização natural, que se caracterizou como a coexistência de três normas regionais: o espanhol rioplatense no sul, o espanhol fronteiriço no noroeste e o espanhol litorâneo no oeste. Entre estas e o modelo linguístico oferecido na educação houve uma relação conflituosa, nem sempre bem resolvida em termos pedagógicos” (URUGUAY, 2007, p.11).

somente de português e/ou espanhol, mas sim, de uma diversidade linguística muito comum nesses contextos, ainda que cada um apresente características diferentes em seus dialetos e línguas.

O *portuñol*, o guarani e outras línguas e suas variedades que circulam nesses espaços fronteiriços devem ter uma maior visibilidade dentro desses programas de educação linguística, e não apenas constarem de forma superficial nos dados da diversidade linguística da fronteira, pois, só assim, quem sabe, a diversidade linguística que acontece fora da escola, também possa estar dentro dela.

Ademais, o *portuñol* além de estar presente na língua oral das regiões de fronteira do Brasil, também acaba sendo produzido pelas comunidades surdas. Um exemplo disso fica na fronteira entre Sant'ana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), em que há a LIBRALSU, mistura de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e LSU (*Lengua de Señas Uruguaya*). Conforme Figueira e Vaz (2017) os sinais que surgem da mistura das duas línguas representam

uma comunidade que não consegue se dizer apenas brasileira ou apenas uruguaia, mas uma comunidade produzida no compartilhar, num contexto de negociação e de pertencimento cultural, produzindo modos de vida e vontades de “ser surdo” na fronteira (FIGUEIRA e VAZ, 2017, p.6).

Assim, novas identidades são construídas a partir do outro, a partir da mistura, da troca, do ir e vir de pessoas, línguas e culturas.

3. LINGÜÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR

*“Artigas teim uma língua sin dueño”
(SEVERO, 2011, p.27)¹⁶*

3.2 As viradas cultural, linguística e performativa

Quando pensamos em identidade, automaticamente remetemos a outra palavra muito citada em estudos das ciências sociais e humanas: a cultura. Contudo, muitas vezes, esses dois elementos são interpretados como homogêneos e estáticos, isto é, são tratados como se não sofressem influências externas do mundo globalizado, como se pudessem se manter atrelados a uma suposta rigidez, inertes às mudanças do mundo social. Moita Lopes (2002) discute o quanto o interesse em “quem somos” tem sido tema de debates, pesquisas, livros, etc. Hall (2006, p.7) também declara que a “questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social” e que o principal argumento é de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Portanto, esse olhar atento da modernidade tardia para temáticas como a identidade é justamente para dar conta do mundo plural em que vivemos e desmistificar a ideia de uma “sociedade exclusiva e hegemonicamente branca, heterossexual e masculina” (MOITA LOPES, 2002, p.58).

Conforme Schiffrin (1996), a idealização de “quem nós somos é apoiada em nossas interações contínuas com os outros, e pelo modo como nos posicionamos em relação os outros” (SCHIFFRIN, 1996, p. 197 apud MOITA LOPES, 2002, p.61), ou seja, as nossas identidades são construídas a partir das nossas práticas discursivas e sociais e não como algo biológico do sujeito. De acordo com Martins (2012):

¹⁶ “Artigas tiene una lengua sin dueño” (SEVERO, 2011, p.115) Poema do poeta fronteiriço Fabián Severo, de Artigas (UY), na obra Noite nu Norte/Noche en el Norte, em que ele apresenta poemas em português e em espanhol sobre a fronteira.

essa mobilidade da identidade produz discursos diferentes, isto é, o mesmo sujeito se representa com identidades diferentes e dependendo do contexto em que ele precisa se manifestar, assume uma identidade. Portanto, afirmar Eu sou brasileiro ou Eu sou uruguaio são enunciados que trazem identidades nacionais, ou melhor, certezas de quem sou/é. Contudo, essas certezas aos poucos foram perdendo espaço porque as identidades são constantemente reposicionadas (MARTINS, 2012, p.7).

Nesse sentido, as identidades são entendidas como fluidas, em movimento e construídas discursivamente a partir de um contexto. Bauman (2005) compreende identidade não como algo sólido feito uma rocha e tampouco como se fosse durar a vida toda, mas sim como um elemento que se negocia e renegocia. Ainda complementa que “em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativas – é algo cada vez malvisto” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Hall (1997) ressalta o quanto as nossas ações sociais são permeadas por significados que, por sua vez, constituem nossas culturas, isto é, constituem “quem somos”, a nossa forma de ser. Ainda conforme Hall, “toda ação social é “cultural”, todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.” (HALL, 1997, p.16). Portanto, quando nos referimos à questão das identidades, há a necessidade de considerar tudo que envolve as nossas práticas sociais que estão situadas localmente como também situadas num espaço macro, pois vivemos em um mundo globalizado, onde as informações circulam e nos transformam, ainda que minimamente. Para du Gay (1994),

isto não significa que as pessoas não tenham mais uma vida local – que não mais estejam situadas contextualmente no tempo e espaço. Significa apenas que a vida local é inerentemente deslocada – que o local não tem mais uma identidade objetiva fora de uma relação com o global (du GAY, 1994 apud HALL, 1997, p.18).

Ainda que a vida local tenha diferentes características conforme as ações sociais de seus agentes, que varie de região para região, e que as mudanças no mundo social tenham um ritmo em cada localidade geográfica, raros são os lugares que não são atravessados pelas forças culturais que

desorganizam e causam deslocamentos (HALL, 1997). Dessa forma, a cultura “penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo.” (HALL, 1997, p.22). Sendo assim, para entender melhor a relação de lugar, cultura e identidade, Hall (1997) explora em seu artigo, tendo como exemplo uma exposição chamada *Translocations*, em Londres, o conceito de lugar “como uma série de processos, marcados pela fluidez, pelo fluxo e o movimento, que têm impacto sobre os modos como nos posicionamos no mundo” (HALL, 1997, p.19). Logo, identidade e cultura são elementos fluidos que se constroem dentro de espaços macro e micro, elas se modificam e se reinventam no aqui e no agora, possibilitando novas formas de pensar e de agir, e, automaticamente, afetam as subjetividades dos indivíduos. Hall salienta que

o impacto das revoluções culturais sobre as sociedades globais e a vida cotidiana local, no final do século XX, parece tão significativo e abrangente que justifica a afirmação de que a substantiva expansão da “cultura” que hoje experimentamos, não tem precedentes. Mas a menção do seu impacto na “vida interior” lembra-nos de outra dimensão que precisa ser considerada: a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social (HALL, 1997, p.24).

Dessa maneira, identidade passa ser vista não como algo estático, generalizado, regular, mas como um elemento que é interpelado pelos discursos das culturas que nos são representadas, e o nosso desejo, ainda que consciente ou não, de querer ser interpelado por esses significados são os que fazem com que continuemos dando sentido a certas práticas culturais (HALL, 1997). O teórico tenta caracterizar, ainda, a identidade a qual nos referimos de uma forma a contemplar todos esses aspectos de mobilidade, fluidez, ações sociais como práticas de significação, buscando conceituá-la como

as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos ou procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997, p.26).

Assim, compreendendo que as identidades são formadas culturalmente e não como algo inerente ao sujeito, que uma mudança foi possível dentro das ciências sociais e humanas. Uma revolução na forma de pensar sobre cultura, uma mudança de paradigma conhecida como virada cultural (HALL, 1997). Tal virada é compreendida como uma nova maneira de se pensar sobre linguagem, entendendo-a como sendo aquilo que dá significado às coisas a partir dos jogos de linguagem, ou seja, a linguagem não apenas relata fatos, mas os constitui (du GAY, 1994, apud HALL, 1997), fazendo com que os sentidos sejam criados no aqui e no agora, e não como se os significados já pré-existissem.

Portanto, a virada cultural serviu para ampliarmos o que compreendíamos por linguagem, relacionando-a com a vida social como um todo e entendendo que nossas identidades são permeadas por práticas culturais e discursivas, pois ainda que haja algo além do discurso, toda prática social acaba tendo um caráter *discursivo* (HALL, 1997), já que dependem do significado para produzirem efeitos de sentido.

No mesmo sentido da virada cultural – que se iniciou a partir de uma revolução de atitude em relação à linguagem (HALL, 1997) –, a virada linguística também vem no intuito de repensar sobre as questões linguísticas, visto que, a partir das “viradas”, linguagem e cultura passaram a ser entendidas não como elementos que serviam apenas de integração dentro do sistema social, mas como áreas substantivas nas pesquisas, daí a necessidade de pesquisar outros temas com um novo olhar sobre a linguagem (HALL, 1997).

Dessa forma, a virada linguística trouxe, conforme Pennycook (2006), uma LA (Linguística Aplicada) problematizadora no seu modo de pensar e fazer, levando em conta outros tópicos de pesquisa como identidade, sexualidade, ética, desigualdade, desejo ou a reprodução de alteridade, etc., num processo híbrido e dinâmico de pesquisa. Para Pennycook (1998, p.25), esse novo olhar para as pesquisas dentro da LA parte de uma abordagem crítica “que seja mais sensível às preocupações sociais, culturais e políticas do que a maioria dos trabalhos nessa área tem demonstrado ser”.

Ademais, segundo Scott (1994), nas pesquisas dentro da Linguística Aplicada Indisciplinar, “as posições devem ser lidas como contingenciais, as histórias como locais, os sujeitos como construídos e o conhecimento como enredado de poder” (SCOTT, 1999, p.4)¹⁷. Sendo assim, os estudos contemporâneos de Linguística Aplicada preconizam pesquisas locais, atentando para as falas situadas dos sujeitos, porém, não deixando de fazer a relação com o espaço macro.

Os sujeitos e suas identidades são construídos no aqui e no agora e as posições que ocupam em determinadas situações são perpassadas por relações de poder, além de serem eventuais. Portanto, compreende-se que a fluidez das práticas sociais e discursivas são suporte para as capacidades de produção, cognição e desejo dos agentes sociais, conforme assinala Fabrício (2006).

Autores como Moita Lopes (2006), Pennycook (1998), Fabrício (2006) entre outros citados neste trabalho, veem a Linguística Aplicada Indisciplinar como um novo repensar e teorizar da linguagem. Uma LA que deixa de lado ideias estruturalistas/modernistas da língua como um objeto autônomo, constituída de elementos gramaticais e normas, para uma ideia de linguagem constituída pelo social e político, pelas relações de poder, por ideologias, pois, já que o mundo está em constantes mudanças, as pesquisas na área da linguística aplicada precisam acompanhar a movimentação dos sujeitos, como também compreender “as mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que eles experienciam” (MOITA LOPES, 2006, p.21).

É tempo de recorrer a novas teorias que possam ir além da busca por resultados, do produto final, mas, de fato, perceber todos os caminhos percorridos, os contextos que circundam a pesquisa, sem a necessidade de tornar tal conhecimento legítimo ou não, de torná-lo uma verdade única, pois, conforme Signorini (1998), a LA está “concentrada em pontos de deriva, sem alvo certo, que, aderindo ao fluxo, não sabe onde vai chegar. Tem metas,

¹⁷Tradução nossa “[...] that positions are to be read as contingent, histories as local, subjects as constructed, and knowledge as enmeshed in power” (SCOTT, 1999, p.4).

mas tem, ao mesmo tempo, a clareza de que não pode predeterminar ou prescrever o próprio destino.” (SIGNORINI, 1998 apud FABRÍCIO, 2006, p.59).

Nesse sentido, percebendo que o mundo contemporâneo em que vivemos é composto por sujeitos e relações fluidas, moventes e híbridas, em espaços desterritorializados, a LA busca por pesquisas que acompanhem essas transformações no mundo social, e, em se tratando da fronteira, as narrativas que aqui serão analisadas mostram claramente toda essa hibridização e fluidez no espaço *fronterizo*. Por isso a importância desse lugar e dessas pessoas estarem tão conectados com a nova perspectiva de pesquisa da Linguística Aplicada.

Moita Lopes (2006) apresenta alguns aspectos que evidenciam os pontos centrais da Linguística Aplicada Indisciplinar, compreendendo a linguagem como uma prática social, portanto, quando a estudamos, também refletimos sobre a sociedade e a cultura em que está inserida. Entre alguns desses pontos que caracterizam a LA, destacamos, em primeiro lugar, o fato de que nenhuma manifestação linguística e prática discursiva são inocentes ou neutras, pois envolvem ideologias que partem das escolhas de cada um e que são perpassadas por relações de poder que geram diferentes efeitos no mundo social; em segundo lugar, cabe ressaltar que, no mundo contemporâneo, os sentidos são construídos a partir de sistemas semióticos.

Dessa forma, a Linguística Aplicada Indisciplinar traz, segundo Fabrício (2006), um novo horizonte de trabalho, preocupada com a sua responsabilidade social e política, fugindo da neutralidade e objetividade e atenta à relevância de seus conhecimentos produzidos. Os trabalhos contemporâneos sobre linguagem percorrem um território movente, buscam sempre a ideia de fluidez, multiplicidade, hibridismo das relações sociais e, conseqüentemente, da linguagem.

Também se atentam aos jogos de poder que perpassam as nossas práticas sociais e discursivas, além de considerar os sujeitos como constituídos sócio-historicamente, logo, não são considerados sujeitos a-históricos, tampouco neutros. Somos todos perpassados por ideologias, por isso não há neutralidade em nossos discursos.

Portanto, é em meio a todo esse fluxo de ideias, relações e acontecimentos que a Linguística Aplicada Indisciplinar está voltada para uma pesquisa que abarque todos esses aspectos, estranhando sentidos essencializados, situando o objeto de estudo num espaço local e global, problematizando-o, além de preocupar-se com sua responsabilidade social e cultural. Fabrício (2006) escreve, também, de modo geral, a que se propõe a LA, fazendo um panorama dos principais pontos dessa Linguística Aplicada Indisciplinar:

afilio-me a uma LA que se constitui como prática problematizadora envolvida em contínuo questionamento das premissas de que norteiam nosso modo de vida; que percebe questões de linguagem como questões políticas; que não tem pretensões a respostas definitivas e universais, por compreender que elas significam a imobilização do pensamento; que tem clara postura epistemológica, entendendo que a produção de conhecimento não é neutra, pois se encontra entretecida a um domínio de práticas sócio-historicamente situadas [...] (FABRÍCIO, 2006, p. 61).

Para complementar, Fabrício (2006) ainda aponta o quanto a LA foge de conceitos essencialistas, generalizadores, pelo contrário, está sempre em um movimento contínuo, sem ter um destino fixo, buscando sempre a auto-reflexão e disposta a reavaliações, além de estar preocupada com as questões éticas da pesquisa. Rampton (2006) ressalta o quanto é difícil pensar em outra área de estudos da linguagem que seja tão fluida, marginal e em transição, que focaliza novos tópicos e tenha interesse em fluxos culturais em fronteiras e margens em vez de centros.

Nesses novos tempos de teorização, a LA vem se firmando para além de uma área centrada em práticas de ensino e aprendizagem de línguas, principalmente estrangeiras, mas está voltada para uma pesquisa que contemple quem somos e as “vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc”, redescrevendo essas vidas sociais e as formas como as conhecemos, compreendendo melhor o mundo contemporâneo em que vivemos e colaborando na “construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado” (MOITA LOPES, 2006, p.27).

A Linguística Aplicada Indisciplinar também considera a virada performativa como parte de seus pressupostos. Esse novo olhar em direção à identidade abre nossas possibilidades de relacioná-la com a linguagem, pois, para Pennycook (2006), a performatividade possibilita “um modo de pensar as relações entre linguagem e identidade que enfatiza a força produtiva da linguagem na constituição da identidade, em vez de a identidade ser um construto pré-dado refletido no uso da linguagem” (PENNYCOOK, 2006, p.80 e 81), ou seja, o sujeito se constitui no discurso e não se utiliza da linguagem apenas como ferramenta para expressar uma identidade já pré-existente.

Portanto, é nesse sentido que a presente pesquisa se centralizará na compreensão de como esses sujeitos fronteiriços desempenham suas múltiplas identidades por meio do *portuñol*, visto que cada um constrói suas identidades através de suas performances discursivas, sociais, culturais, e não em um modelo pré-dado de como ser *fronterizo*.

Austin (1990, p. 10) “considera a linguagem como ação, como forma de atuação sobre o real, e, portanto, de constituição do real, e não meramente de representação ou correspondência com a realidade”. Dessa forma, “o uso da linguagem é um ato de identidade que possibilita a existência da língua” (PENNYCOOK, 2006, p.83). Os atos de fala são atos performativos (AUSTIN, 1990), acontecem no aqui e no agora e devem ser analisados a partir de uma perspectiva que contemple o contexto e não somente meras análises de sentenças gramaticais, como já foi discutido em trechos anteriores.

Diante dessas novas possibilidades de se pensar a linguagem, este trabalho se apoiará nessa Linguística Aplicada Indisciplinar que busca pelo que é espetacular, pelo que foge às regras, pelo que é considerado refugio, como o *portuñol*, dando atenção a comunidades marginalizadas, como as de fronteira muitas vezes são, evitando buscar uma essencialidade, uma única identidade para esses sujeitos, mas sim mostrar todo o fluxo e hibridismo que há na vida fronteiriça e nas línguas que lá circulam, dando ênfase ao *portuñol* e a todos os seus atravessamentos nas práticas sociais e discursivas de quem vive em Aceguá-BR/Aceguá-UY.

4. IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS

*“Miña lingua le saca la lengua al disionario
baila um pagode ensima dus mapa
i fas com a túnica i a moña uma cometa
pra voar, livre i solta pelu seu”
(SEVERO, 2011, p.28)¹⁸*

4.2 Língua, ideologia e relações de poder

Após dissertar sobre alguns aspectos que envolvem as novas pesquisas na Linguística Aplicada, discutirei agora um dos pontos centrais deste trabalho, que é compreender a língua por meio de ideologias linguísticas, assunto que, nos últimos anos, tem possibilitado novos repensares na área da linguística. Woolard (1998) aborda as ideologias linguísticas não como algo que se refere somente à linguagem, pois inclui a relação da linguagem com “a identidade, com a estética, com a moralidade e com a epistemologia” (WOOLARD, 1998, p.3)¹⁹, além de pensar a língua não só a partir de sua forma e seus usos linguísticos, mas também como “a própria noção da pessoa e do grupo social, bem como instituições sociais fundamentais como o ritual religioso, a socialização da criança, as relações de gênero, o Estado-nação, a escolaridade e a lei” (WOOLARD, 1998, p.3)²⁰.

Ainda que sejam muitas as discussões para buscar delimitar as ideologias linguísticas, segundo Woolard (1998), há várias ênfases a partir da perspectiva de cada teórico e, como já foi visto, de acordo com os novos estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar, não há a necessidade de buscar uma essência e, sim, o sentido conforme o contexto.

¹⁸ “Mi lengua le saca la lengua al diccionario/baila un *pagode* arriba del mapa/y hace con la túnica y la moña una cometa/para volar, libre y suelta por el cielo” (SEVERO, 2011, p.28). Poema do poeta fronteiriço Fabián Severo, de Artigas (UY), na obra Noite nu Norte/Noche en el Norte, em que ele apresenta poemas em português e em espanhol sobre a fronteira.

¹⁹ Tradução nossa “Rather, they envision and enact ties of language to identity, to aesthetics, to morality, and to epistemology” (WOOLARD, 1998, p.3).

²⁰ Tradução nossa “the very notion of the person and the social group, as well as such fundamental social institutions as religious ritual, child socialization, gender relations, the nation-state, schooling, and law” (WOOLARD, 1998, p.3).

Para teóricos como Silverstein (1979), as ideologias linguísticas partem de uma ênfase mais linguística e na natureza ativista da ideologia. Silverstein (1979) define as ideologias linguísticas como sendo "conjuntos de crenças sobre a linguagem articulada pelos usuários como uma racionalização ou justificação da estrutura e uso da linguagem percebida" (SILVERSTEIN, 1979, p.193)²¹.

Já Heath (1980, p.53) aborda as ideologias linguísticas com uma ênfase mais social, entendendo-as como "ideias e objetivos auto-evidentes que um grupo tem sobre os papéis da linguagem nas experiências sociais dos membros, na medida em que contribuem para a expressão do grupo" (apud WOOLARD, 1998, p.4)²². Ou, ainda, conforme a visão de Irvine (1989, p. 255)²³, as ideologias são compreendidas como um "sistema cultural de ideias sobre relações sociais e linguísticas, juntamente com sua carga de interesses morais e políticos".

Kroskrity (2004) ressalta que, apesar de as pesquisas sobre ideologias linguísticas tenham sido produtivas nas últimas décadas, ainda falta uma literatura básica e mais definições sobre o tema. Ademais, destaca o artigo pioneiro de Silverstein (1985), em que o teórico defende um reconhecimento maior e central para a ideologia linguística, pois Silverstein (1985) entendia que

o fato linguístico total, o dado para uma ciência da linguagem, é irredutivelmente dialético na natureza. Trata-se de uma instável interação mútua de formas significativas de signos, contextualizadas para situações de uso humano interessado e mediadas pelo fato da ideologia cultural (SILVERSTEIN, 1985, p. 220)²⁴.

Ou seja, as pesquisas na área precisam levar em conta a relação dos usos e das formas linguísticas de acordo com o contexto e as ideologias de cada falante, daí a importância de situar as pesquisas sobre linguagem a partir de ideologias e

²¹ Tradução nossa "sets of beliefs about language articulated by users as a rationalization or justification of perceived language structure and use" (SILVERSTEIN, 1979, p.193).

²² Tradução nossa "self-evident ideas and objectives a group holds concerning roles of language in the social experiences of members as they contribute to the expression of the group" (HEATH, 1989, p.53 apud WOOLARD, 1998, p.4).

²³ Tradução nossa "the cultural system of ideas about social and linguistic relationships, together with their loading of moral and political interests" (IRVINE, 1989, p. 255).

²⁴ Tradução nossa "The total linguistic fact, the datum for a science of language, is irreducibly dialectic in nature. It is an unstable mutual interaction of meaningful sign forms, contextualized to situations of interested human use and mediated by the fact of cultural ideology" (SILVERSTEIN, 1985, p. 220).

não somente focar nos seus usos e formas como sendo rígidos e homogêneos. Questões sobre identidade devem permear os estudos da linguagem de forma que não sejam apenas um aspecto externo que deve ser analisado separadamente do sistema linguístico, mas como um elemento que se constitui também no falar dos indivíduos, que é carregado de significado.

Portanto, falar em comunidades de fala homogênea – ou melhor, a tentativa de ser homogêneo, pois a homogeneidade, nesse sentido, nunca aconteceu – no mundo globalizado em que vivemos hoje, é ignorar e limitar, de certa forma, elementos culturais locais e globais que perpassam a vida de cada um em um grupo.

Nesse sentido, segundo Kroskrity (2004), “os grupos não estão mais estreitamente territorializados, espacialmente limitados, historicamente inconscientes ou culturalmente homogêneos” (KROSKRITY, 2004, p.512)²⁵. Sendo assim, Kroskrity (2004) destaca as mudanças no olhar de antropólogos e linguistas para com as pesquisas sobre representação cultural, pois

a fim de realizar de forma mais adequada a arte e a ciência da representação cultural, os antropólogos mudaram seu olhar focal da uniformidade de "centros" estáveis e culturais para o que Rosaldo (1988: 85) chama de "zonas fronteiriças" emergentes dentro e entre grupos sociais. Rejeitando a prática de descrever culturas autônomas e homogêneas em um mundo pós-colonial, ele escreve: "Todos nós habitamos um mundo interdependente... que é marcado por empréstimos e empréstimo através de fronteiras culturais porosas e saturado de desigualdade, poder e dominação" (Rosaldo, 1988: 87). Assim como os modos de representação cultural foram reformulados por um confronto com a crescente complexidade do mundo sociocultural, também os antropólogos linguísticos se voltaram para as perspectivas ideológicas da linguagem como um meio cada vez mais importante de compreender essa complexidade e a forma como os oradores, e os governos usam linguagens - e suas ideias sobre linguagens - para criar e negociar esses mundos socioculturais (KROSKRITY, 2004, p. 512)²⁶.

²⁵ Tradução nossa “as groups are no longer tightly territorialized, spatially bounded, historically unselfconscious, or culturally homogeneous” (KROSKRITY, 2004, p.512).

²⁶ Tradução nossa “In order to more adequately perform the art and science of cultural representation, anthropologists have shifted their focal glance from the uniformity of stable, cultural “centers” to what Rosaldo (1988: 85) calls the emergent “border zones” within and between social groups. Rejecting the practice of describing autonomous, homogeneous cultures in a postcolonial world, he writes, “All of us inhabit an interdependent ... world, which is marked by borrowing and lending across porous cultural boundaries, and saturated with inequality, power, and domination” (Rosaldo 1988: 87). Just as modes of cultural representation have been reshaped by a confrontation with the increasing complexity of the sociocultural world so, too, linguistic anthropologists have turned to language-ideological perspectives as an increasingly important means of understanding this complexity and the way that speakers,

Essa mudança de olhar para a representação cultural de “centros estáveis” para “zonas fronteiriças” dentro da antropologia e dos estudos sobre linguagem vai ao encontro da fronteira enquanto espaço físico, pois nada mais adequado para se estudar a região de fronteira física, que é um lugar de hibridismo e fluidez, do que a partir de um referencial teórico que considera as fronteiras epistemológicas, também encaradas por meio de sua mobilidade e liquidez.

Moita Lopes (2013) aborda a língua, juntamente com outros teóricos, como visão de mundo e não como um objeto autônomo. Ou seja, percebendo toda essa multiplicidade e hibridização desse mundo globalizado, é notável que análises linguísticas tradicionais não dão mais conta da transformação social que os fenômenos comunicativos podem nos oferecer, por isso é necessário abordá-los com outras ferramentas. Ao se debruçar sobre questões de ideologias linguísticas, Moita Lopes (2013) revela o quanto os estudiosos da linguagem custaram a perceber a importância de novas teorias sobre a globalização dentro dos estudos da linguagem, pois ainda se amarram a teorias estruturalistas/modernistas que ignoram tópicos como sexualidade, feminismo, antirracismo, pós-modernidade entre outros, que fazem parte do mundo contemporâneo e por isso devem ser relevantes para serem pesquisados dentro da área da linguagem.

De acordo com Moita Lopes (2013), “quando pronunciamos palavras no mundo, falamos de uma posição particular, que nos coloca ideologicamente na vida social, trazendo à tona efeitos semânticos particulares” (MOITA LOPES, 2013, p.20), portanto, as ideologias linguísticas são diversas e partem das perspectivas políticas, culturais e econômicas específicas de cada sujeito (MOITA LOPES, 2013), ainda que nem sempre sejam de forma tão explícita. Dessa maneira, ideologias linguísticas são “crenças ou sentimentos sobre as línguas como são usadas em seus mundos sociais” (KROSKRITY, 2004, p.498)²⁷, ou seja, a forma como cada indivíduo vê sua língua ou suas línguas, ou, ainda, a língua do outro, nos espaços discursivos. Irvine e Gal (2000) corroboram essa ideia, afirmando que as ideologias linguísticas são

groups, and governments use languages – and their ideas about languages – to create and negotiate those sociocultural worlds” (KROSKRITY, 2004, p.512).

²⁷ Tradução nossa “[...] language ideologies are beliefs, or feelings, about languages as used in their social worlds” (KROSKRITY, 2004,p.498).

ideias com as quais participantes e observadores enquadram suas compreensões das variedades linguísticas e projetam essas compreensões nas pessoas, eventos e atividades que são significativos para eles. (IRVINE e GAL, 2000, p.35)²⁸

Irvine e Gal (2000, p.36) ainda acrescentam que “não há ‘visão do nada’, nenhum olhar que não esteja posicionado”²⁹, pois, quando nos manifestamos, estamos situados em um tempo e espaço, dentro de um contexto cultural, nos posicionando por meio de nossas ideologias e sendo atravessados por relações de poder que fazem de um discurso mais “legítimo” perante a outros. Mas quem tem essa legitimidade? Kroskrity (2004) aponta que linguagem, ideologia e discriminação promovem ideologias linguísticas nas políticas educativas contemporâneas que partem da fala da classe média alta, portanto, toda forma linguística que fuja desse padrão é considerada inadequada. Ainda destaca que a “ideologia padrão de linguagem” é

como "um viés em direção a uma linguagem abstraída, idealizada, homogênea, que é imposta e mantida por instituições de blocos dominantes e que nomeia como modelo a linguagem escrita, mas que é extraída principalmente da fala da classe média alta " (Lippi-Green 1997: 64). Esta ideologia linguística promove o "processo de subordinação da linguagem", o que equivale a um programa de mistificação linguística realizado por instituições dominantes destinadas a valorizar simultaneamente a linguagem padrão e outros aspectos da "cultura dominante", enquanto desvaloriza o não-padrão e seus associados formas culturais (KROSKRITY, 2004, p. 502)³⁰.

Algumas visões de língua dentro uma ideia modernista podem promover ideologias nacionalistas, pois participantes e observadores, principalmente os de maior influência e legitimidade para falar sobre linguagem, promovem a ideia de uma só língua ligada a um estado/nação e tudo que foge desse padrão

²⁸ Tradução nossa “the ideas with which participants and observers frame their understanding of linguistic varieties and map those understandings onto people, events, and activities that are significant to them” (IRVINE and GAL, 2000, p.35).

²⁹ Tradução nossa “There is no “view from nowhere,” no gaze that is not positioned” (IRVINE e GAL, 2000, p.36).

³⁰ Tradução nossa it as “a bias toward an abstracted, idealized, homogenous spoken language which is imposed and maintained by dominant bloc institutions and which names as its model the written language, but which is drawn primarily from the speech of the upper, middle class” (Lippi-Green 1997: 64). This language ideology promotes “the language subordination process” which amounts to a program of linguistic mystification undertaken by dominant institutions designed to simultaneously valorize the standard language and other aspects of “mainstream culture” while devaluing the non-standard and its associated cultural forms (KROSKRITY, 2004, p. 502).

é considerado como refugio. Moita Lopes (2013) desconstrói essa noção de língua atrelada a um estado/nação, de país monolíngue, como o Brasil, pois, como já foi afirmado acima, conceitos como esses podem levar a ideologias nacionalistas, entre outras, perpetuando preconceitos que já estão enraizados em nossa sociedade, como a relação de poder de uma língua sobre a outra, ou de uma variedade de um falante de uma classe social favorecida e de um falante de uma menos favorecida.

Além disso, em se tratando de fronteira, espaço físico e social deste trabalho, assuntos como os de ideologias linguísticas se tornam ainda mais importantes de serem debatidos, pois há um embate entre a escola que preconiza uma língua estatal e que é vista como homogênea e de maior valor, em contraponto com as práticas linguísticas que se dão por meio das hibridizações entre o português e o espanhol, neste caso o *portuñol*, que possui menos prestígio, visto que é uma língua mais presente na oralidade dos fronteiriços; além disso, ela desconstrói a idealização do estado/nação, pois não é nem de lá nem de cá.

Essa ideia de monolinguismo no Brasil desconsidera todos os outros grupos falantes de duas línguas, ou até mesmo de uma só língua, que não seja o português - como os indígenas, os quilombolas, imigrantes, quem utiliza a Língua Brasileira de Sinais (Libras) -, pois muitos não têm a língua portuguesa como segunda língua. E o que falar das regiões de fronteira, que são foco deste trabalho, em que espanhol e português se mesclam, ou, ainda, português, espanhol e guarani em outras fronteiras, sem falar nas regiões com descendentes de italianos, alemães, poloneses, japoneses, chineses, entre tantos outros que existem no Brasil e que tentam manter seus dialetos juntamente com o português?

Ademais, a mídia e a internet também possibilitam o contato com outras línguas no nosso dia a dia, logo, não podemos seguir fazendo pesquisa com esse ideal de país monolíngue, pois como Moita Lopes (2013) declara:

O fenômeno de compartilhamento de uma língua tem sido utilizado para separar ou dividir grupos sociais, construindo diferenças de várias naturezas entre os grupos, tornando-as naturais, favorecendo a construção do estado/ação (MOITA LOPES, 2013, p.27).

Assim, compreender que uma só língua corresponde a um estado/nação, e que dela há uma só variedade, é uma visão totalmente essencialista de linguagem que parte das ideologias de quem as promove, deixando de perceber outras dimensões da linguagem, pois, conforme argumentam Irvine e Gal (2000, p.38)³¹, “apagamento é o processo em que a ideologia, ao simplificar o campo sociolinguístico, torna invisíveis algumas pessoas ou atividades (ou fenômenos sociolinguísticos).” Certas ideologias linguísticas apagam tudo aquilo que não está dentro do discurso dos dominantes e acabam fomentando outras ideologias, como ideologias racistas, sexistas, nacionalistas, colonialistas (MOITA LOPES, 2013).

Ideais de língua homogênea contribuem para uma visão de mundo como comunidades imaginadas, conceito de Anderson (1983)³² sobre o qual Pratt (1987) discorre, fazendo uma crítica a abordagens que utilizam a comunidade imaginada como parâmetro para pesquisas que tratam sobre linguagem e práticas sociais, pois homogeneizam grupos conforme sua fala, costumes, etc. evidenciando uma linearidade nos discursos que ali circulam. Ou seja, na comunidade de fala se enfatiza a idéia de que há uma fala que é típica das mulheres, dos adolescentes, das minorias, e que isso é compartilhado por todos desses grupos, com a mesma regularidade, usando formas ordenadamente (PRATT, 1987).

Contudo, isso acaba promovendo, como já foi destacado anteriormente, ideologias sexistas, quando se afirma que há uma fala típica da mulher e típica do homem; ideologias racistas, quando se difere a língua do branco e a do negro, e a do branco acaba sendo exaltada; ideologias colonialistas quando se diz que a língua do país colonizador é mais limpa, pura que a do país colonizado; ideologias nacionalistas quando se constrói a ideia de país monolíngue num mundo híbrido de “mutações comunicativas resultantes da

³¹ Tradução nossa “Erasure is the process in which ideology, in simplifying the sociolinguistic field, renders some persons or activities (or sociolinguistic phenomena) invisible” (IRVINE and GAL, 2000,p.38).

³² Benedict Anderson “Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism (1983)”

interseção entre pessoas móveis e textos móveis” (JACQUEMET, 2005, p. 257)³³.

Já a linguística de contato surge no sentido de não limitar esses grupos a apenas esses aspectos, mas, conforme Pratt (1987) sugere, buscar uma

linguística que descentralizasse a comunidade, que colocasse em seu centro a operação da linguagem através das linhas de diferenciação social; uma linguística que focalizasse os modos e zonas de contato entre grupos dominantes e dominados, entre pessoas de diferentes e múltiplas identidades, falantes de diferentes línguas; que focalizasse o modo como essas/es falantes se constituem umas/uns às/aos outras/os relacionalmente e na diferença, como encenam diferenças na língua (PRATT, 1987, p.452).

No espaço em que estão situadas as narrativas aqui analisadas, isto é, na fronteira de Aceguá, é possível ver essa relação de grupo dominante e grupo dominado quando tratamos do assunto escola e comunidade, língua oficial e práticas linguísticas da região, e como brasileiros e uruguaios se relacionam em suas diferenças e semelhanças por meio de suas relações sociais e discursivas. A língua portuguesa está entre eles, se apresentando com uma sonoridade mais próxima à língua do país vizinho, Uruguai, e a língua espanhola também está presente na fronteira, pois ainda que ela se diferencie da língua da capital que é considerada como “padrão”, ela segue sendo espanhol. E entre tudo isso ainda há o *portuñol*, que traz novas palavras, novos *sonidos*, novos sentidos para quem vive na fronteira.

Uma das questões levantadas por Moita Lopes (2013, p.102) é “como explicar e teorizar o que entendemos por português diante desse cenário linguístico-discursivo complexo, que também é verdadeiro em outras partes do mundo?” Por isso, conforme vimos com os textos abordados de Moita Lopes até aqui, há a necessidade de teorizar o português para além de uma língua homogênea dentro de um país monolíngue, como o Brasil, “construindo pequenas teorizações situadas do português e da relevância de compreender as ideologias linguísticas dos falantes, escritores etc.” (MOITA LOPES, 2013, p.103).

³³ Tradução nossa “communicative mutations resulting from the intersection between mobile people and mobile texts” (JACQUEMET, 2005, p.257).

Fabrício (2013) problematiza a “outridade lusófona” em tempos de globalização e questiona o que significa ser falante da língua portuguesa e a que cultura essa língua está atrelada, já que vivemos em um mundo de mobilidade e hiperdiversidade. O português vai além de Portugal e do Brasil e, dentro do nosso próprio país, há muitas variedades dessa língua, portanto, falar de uma identidade homogênea compartilhada é, de fato, um “equivoco lusocêntrico”, conforme Martins (2004), ou seja, “as figuras de lusofonia e de comunidade lusófona não podem, pois, remeter para um imaginário único” (*Ibidem*, p.5).

A ideia de língua pura é uma herança dos tempos das colonizações, em que cada país queria conquistar territórios e a língua era um elemento forte para demarcá-los e tomá-los como seus. Contudo, hoje em dia, se torna inviável trabalhar com questões teóricas que ainda preconizam esse ideal de purificação, pois como indicam Bauman e Briggs (2003, p.17)³⁴, “formas de falar e escrever fazem com que classes sociais, gêneros, raças e nações pareçam reais e os tornem capazes de suscitar sentimentos e justificar relações de poder, fazendo com que subalternos parecem falar de maneiras que exigem sua subordinação.”, já que as relações de poder estão intimamente ligadas à linguagem, como afirma Blommaert (2014):

A réplica artefactualizada se torna a norma, a variante de linguagem boa e correta. Aqueles que se utilizam dela para falar inspiram identidades de prestígio e de classes médias ou altas a partir dela. Aqueles que não o fazem acabam falando com “sotaque” – uma pequena diferenciação linguística medida em relação às imagens agora institucionalizadas do que a língua “sem sotaque” deveria ser (sendo que “sem sotaque” é, invariavelmente, o sotaque da elite) (BLOMMAERT, 2014, p.72).

Ou seja, falar de poder e de linguagem significa, de acordo com Blommert (2014, p.76), falar de um “processo não igualitário de construção de camadas e ordenação de variantes grandes e pequenas em relação a percepções de uma ordem social e cultural desejada: uma ordem de indexicalidade”.

³⁴ Tradução nossa “ways of speaking and writing make social classes, genders, races, and nations seem real and enable them to elicit feelings and justify relations of power, making subalterns seem to speak in ways that necessitate their subordination” (BAUMAN and BRIGGS, 2003, p.17).

4.3 Indexicalidade

O próximo tópico a ser discutido neste trabalho é um dos elementos usados para analisar pesquisas na área da linguística aplicada indisciplinar: a indexicalidade. É importante destacar que nenhuma manifestação linguística é inocente, pois em todo o discurso há ideologias que são perpassadas por relações de poder. Silverstein (2003) destaca que “ordem de indexicalidade é o conceito necessário para nos mostrar como relacionar as estruturas microsociais às macrosociais de análise de qualquer fenômeno sociolinguístico” (SILVERSTEIN, 2003 p.193), ou seja, a partir de discursos dentro de um espaço microsocial, apontamos para discursos com “D” maiúsculo (GEE, 2004), que circulam em um espaço macrosocial, que são aqueles falados por quem tem mais legitimidade, poder, mais verdade, como o Estado, instituições e estudiosos que disseminam suas ideologias em um tempo e espaço maiores justamente por deterem o poder.

Nesse sentido, é preciso, ao analisar um discurso, que se tenha consciência de que é uma fala situada, dentro de um contexto, rodeada por identidades performadas no espaço pesquisado, mas que também aponta para outros espaços, onde circulam Discursos com “D” maiúsculo. Portanto, indexicalidade e contexto têm uma relação muito forte, pois conforme Silverstein:

a indexicalidade é o princípio de contextualização de signos linguísticos em uso e outros, vista como componente do significado das formas do signo que ocorrem. A indexicalidade é revelada de forma que, aos poucos, os signos linguísticos e outros apontam os usuários desses signos às condições circundantes específicas em que são usados (SILVERSTEIN, p.755).

Collins (2011), por meio dos estudos de Gumperz (2002), também destaca a relação entre indexicalidade, contexto e interação como fatores importantes e que tudo que dizemos ou escrevemos vai muito além daquilo que, de fato, é dito ou escrito, ou seja, nossos discursos são perpassados por muitos outros e apontam para outros discursos também, ainda que de forma implícita. Collins (2011, p.410) ressalta que “os signos indexicais são interpretados em encontros situados em que tempo e troca importam”, e

mesmo que a interpretação de signos linguísticos em eventos específicos seja por meio de elementos muito particulares de tal situação, ela também depende de elementos externos, de suposições mais gerais.

Ademais, Collins (2011, p.411) ressalta que “o significado social é baseado (indexicalmente) nas regularidades compreendidas entre o uso linguístico e as ordens sociais”, portanto, os significados não se constituem por si só, eles se constroem por meio de ações sociais permeadas por relações de poder. Collins (2011), baseado nos estudos feitos por Gumperz (2002) enfatiza o vínculo entre a indexicalidade e contexto frisando que:

o conceito concentra-se na questão de contexto, de que forma o que se quer dizer ou se compreende é mais do que o que é dito ou escrito. Os signos indexicais que evocam ou chamam a informação contextual podem envolver grandes ou pequenas distinções da forma linguística. Em suas discussões sobre a indexicalidade, Gumperz insistiu, num leque de casos empíricos, que diferenças muito pequenas na forma podem ter grandes consequências para o significado, pois essas pequenas diferenças podem sugerir estruturas implícitas de interpretação (COLINS, 2011, p.409 e 410).

Dessa forma, indexicalidade se analisa a partir de uma relação dos elementos linguísticos com o contexto, elementos esses que também apontam, direcionam, indexam para outros espaços discursivos fazendo uma ligação do espaço micro para o macro, todos atravessados por ideologias e poder, além de possibilitar outras interpretações por parte daqueles que não se fazem presentes no mesmo contexto. Austin (1990) salienta o quanto linguagem e contexto são indissociáveis, pois:

quando analisamos a linguagem nossa finalidade não é apenas analisar a linguagem enquanto tal, mas investigar o contexto social e cultural no qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a "racionalidade", enfim, desta comunidade, elementos estes dos quais a linguagem é indissociável. A linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada. Não há mais uma separação radical entre "linguagem" e "mundo", porque o que consideramos a "realidade" é constituído exatamente pela linguagem que adquirimos e empregamos (AUSTIN, 1990, p. 10).

A linguagem, portanto, de acordo com Austin (1990, p.11), “deve ser tratada essencialmente como uma forma de ação e não de representação da realidade”, e as pesquisas voltadas para os estudos da filosofia da linguagem

devem se fundamentar “não em um *teoria do significado*, mas em uma *teoria da ação*” (AUSTIN, 1990, p.11). Por conseguinte, a análise das narrativas, neste trabalho, se centralizará em compreender a língua não como ferramenta, mas como uma ação social e que, a partir das narrativas dos participantes, vai ser possível perceber as indexicalidades que apontam para outros discursos, levando em consideração o espaço em que os participantes estão situados, os sujeitos, suas ideologias.

5. METODOLOGIA

A ferramenta metodológica utilizada neste trabalho é a análise de narrativas³⁵, sendo a pesquisa de natureza qualitativa, preocupada com o mundo social. Assim como já foi apresentado em capítulos anteriores, a linguagem aqui é construída através das práticas sociais, portanto, é impossível desassociar língua do contexto.

De acordo Santos (2013, p.24), “a construção de narrativas está intimamente ligada à construção identitária”, dessa forma, o narrador entrevistado se reconstrói a partir de sua própria narrativa, ou seja, conforme ressalta Rollemberg (2013, p.43), “durante as entrevistas, os participantes se envolvem num processo constante de reconstrução da própria entrevista, do discurso e de suas experiências”. Logo, as narrativas são importantíssimas para entender a relação da língua enquanto prática social e, por conseguinte, o ato de narrar enquanto um processo de construção identitária, que acontece no aqui e no agora.

Ademais, a relação do pesquisador com o espaço do qual seu entrevistado faz parte deve ser uma relação mais estreita e não superficial, ou seja, é preciso considerar que o pesquisador também está situado socialmente. Por muito tempo acreditava-se que pesquisador e o objeto não poderiam ter certa proximidade para não afetar a veracidade da pesquisa, contudo, os tempos mudaram e “a noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi

³⁵ As transcrições visam apresentar todo o conteúdo falado das entrevistas narrativas, sem correções ou modificações daquilo que, de fato, foi dito entre seus participantes. Alguns símbolos são utilizados para expressar determinadas características da fala. Os símbolos encontrados nas transcrições desta dissertação significam, respectivamente, / para separação de frases, hh para risos ou aspirações audíveis, :: ou ::: para prolongamento de vogal, (.) micropausa, ... pausa não medida, - corte abrupto de fala, ↑ subida de entonação, ↓ descida de entonação, Sublinhado para ênfases e () palavra ou trecho inaudível. Essas convenções foram elaboradas por Jefferson (1983) e, posteriormente, adaptadas e simplificadas por Liliana Cabral Bastos e William Soares dos Santos no livro *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa – Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. O livro foi publicado em 2013 pela Editora Quartet.

clara e precisamente enunciada”, segundo Velho (1981, p.123). Santos (2013) ainda complementa:

No âmbito da pesquisa de natureza interpretativa/qualitativa, é importante considerar que o pesquisador está localizado no mundo social da mesma forma que aqueles que lhe fornecem seus dados, ou seja, ele não é um mero observador à parte, encontrando-se integrado no ambiente de pesquisa (SANTOS, 2013, p. 28).

A nova abordagem de entrevistas proposta por Mishler (1986) é a de compreendê-las como “um tipo de discurso, um evento de fala, algo produzido em conjunto e não unilateralmente”. Além disso, o autor as localiza em “contextos sociais macro e micros e analisa os diferentes efeitos que as diferentes atitudes dos entrevistadores despertam nos entrevistados” (apud BASTOS e SANTOS, 2013, p.12).

Rolleberg (2013, p.42) percebe as narrativas como “coconstrução de realidades, subjetividades e significados”, não meros dados relatados a um pesquisador. De acordo com Gubrium e Holstein (2012, p.28) “as entrevistas ajudaram a difundir a informação de que todo indivíduo tem os meios para fazer uma descrição significativa ou um conjunto de opiniões sobre sua vida”³⁶. Silverman (2001) complementa ainda que as entrevistas narrativas

não são momentos para ouvirmos o que é verdadeiro ou falso, completo ou incompleto, mas, sim, eventos que propiciam reconstruções de sentidos, a emergência de narrativas de vida e a performance de identidade sociais (SILVERMAN, 2001, apud ROLLEMBERG, 2013, p.42).

Essa relação entre o pesquisador e o entrevistado deve ser vista como uma produção de sentidos em conjunto, “um evento discursivo com natureza dinâmica, dialógica e imprevisível” (CAMPOS, 2013, p.103), visto que a entrevista não é um encontro assimétrico em que entrevistador pergunta e entrevistado responde passivamente, pelo contrário, pois

o entrevistador não tem poder sobre o que é dito, nem sobre como é dito, uma vez que “o valor dos dados de uma entrevista reside [...] em como significados são construídos” por todos os participantes, tendo

³⁶ Tradução nossa “Interviewing helped spread the understanding that all individuals have the wherewithal to offer a meaningful description of, or a set of opinions about, their lives” (GUBRIUM and HOLSTEIN, 2012, p.28).

em vista as posições que ocupam no processo (CAMPOS, 2013, p.103).

E é nesse sentido, de buscar compreender melhor como é a relação de língua e identidade no município de Aceguá, que decidi regressar à fronteira para ouvir as histórias de seus moradores. Portanto, este trabalho inicial com as narrativas começou com três informantes³⁷ que conheci durante os dois anos em que estagiei como professora de espanhol em Aceguá, pelo projeto PIBID.

Dois dos meus informantes foram meus alunos, e o terceiro é a mãe de um outro aluno que conheci durante as atividades escolares de que os pais participavam. A escolha deles se deu, além da facilidade de entrar em contato pela proximidade pessoal, por terem ainda essa relação próxima com a escola, já que um deles, na época das narrativas, estava no nono ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal, com 14 anos, a outra estava no segundo ano do Ensino Médio em uma escola do Estado, com 16 anos, e a terceira informante, na época da entrevista, fazia meio ano que havia se formado no Ensino Médio através da EJA, na escola do Estado também, com 39 anos de idade. A quarta informante, de 38 anos, surgiu após a qualificação, momento em que foi sugerido pela banca mais uma pessoa para fazer parte da pesquisa. Até então não a conhecia, mas foi através de uma professora da escola brasileira onde a informante foi aluna que pude conhecê-la.

A escolha em conversar com alunos ou ex-alunos e não com os professores é, justamente, compreender o olhar dos estudantes fronteiriços de Aceguá – já que a grande maioria dos professores não são do município –, nessa relação escola → línguas → fronteira, visto que são os estudantes que têm mais contato com o *portuñol* e têm que se adequar, na maioria das vezes, a um sistema educacional que prioriza uma determinada variante mais prestigiada, seja da língua portuguesa ou espanhola.

³⁷ Importante deixar claro que anterior às narrativas, os informantes assinaram um termo de consentimento, sendo que com os dois adolescentes menores de idade, o termo foi assinado também pelos seus respectivos pais e/ou responsáveis. Os nomes dos informantes e demais pessoas que são citadas nas narrativas são fictícios e foram escolhidos pela pesquisadora.

As entrevistas ocorreram na casa dos informantes, sendo que com os mais jovens ela foi realizada com os dois juntos, na casa de um deles, e com a outra informante, foi realizada também em sua casa, porém sozinha. Contudo, antes de começar a gravação, tive um momento menos informal com toda família em que pude almoçar junto com eles e ouvir suas histórias também. A entrevista com a quarta informante foi realizada na casa dela, onde também fui muito bem recebida.

Sendo assim, por meio da análise das narrativas, tentarei perceber como se dá essa relação do *portuñol* com as identidades desses fronteiriços, ou seja, de que forma suas identidades são construídas através do *portuñol*. De que forma certas ideologias em relação às línguas chegam até eles? Isso os afeta ou já os afetou? Como eles se performam diante da variedade de línguas da fronteira? E em seus discursos, quais indexicalizações são feitas em relação a Discursos com “D” maiúsculo?

6. ANÁLISES

“Não somos uma definição, mas uma nuvem de pessoas”

(SEVERO, 2016).

Para a análise das narrativas, além de retomar alguns conceitos de fronteira abordados nos primeiros capítulos deste trabalho e pensar as línguas e as identidades enquanto fluidas e não fixas, relacionando-as com as narrativas dos participantes, abordo também alguns conceitos de Wortham (2001) sobre as narrativas, percebendo o quanto o ato de narrar pode construir o indivíduo, ou seja, o indivíduo pode criar várias identidades através de suas performances (WORTHAM, 2001).

Ademais, para embasar as análises, foram utilizadas as ferramentas analíticas propostas também por Wortham (2001), que consistem em referência e predicação; descritores metapragmáticos; citação; indexicais avaliativos e modalização epistêmica. Essas pistas linguísticas³⁸ ajudam a entender os posicionamentos do narrador durante a narrativa com o mundo social, como afirma Wortham (2001):

Minha intenção é fornecer um conjunto de ferramentas analíticas para estudar posicionamento interacional em performances narrativas, incluindo padrões emocionais e relacionais complexos (WORTHAM, 2001, p.13).

Durante as análises, atentei-me a determinados temas, como: o que os sujeitos entrevistados entendem por *portuñol* e qual a relação deles com essa língua e com as outras, como o português e o espanhol que circulam na fronteira. Para isso, abordo o conceito de ideologias linguísticas para

³⁸ Para Wortham (2001) Referência e Predicação consistem em referir-se ou predicar algum personagem ou objeto escolhido, com a intenção de dar voz ou avaliá-lo. Os Descritores Metapragmáticos são verbos que descrevem algo significativo, introduzem a fala de uma pessoa. Citação é a imitação quase absoluta de um discurso ou uma citação indireta, a recriação de um discurso. Indexicais Avaliativos são determinadas expressões que indexam um grupo social, ou o narrador posicionando-se enquanto pertencente a um grupo. Modalização Epistêmica é o status epistêmico da narração e dos eventos narrados, conforme Wortham, (2001, p.74).

compreender certos discursos que fazem algumas pessoas considerar o *portuñol* como um “mal falar”, como uma língua “errada”.

Em relação à educação, o foco é na maneira como eles percebem a escola diante de toda essa hibridização e mobilidade da fronteira, por isso detive-me ao que experenciam/experenciaram em relação à língua, em sala de aula, principalmente na disciplina de língua estrangeira (espanhol), quando o professor utiliza uma outra variante da língua espanhola que não é tão próxima a deles.

Ademais, analiso como se sentem em poder “transitar” entre essas línguas (português, espanhol e *portuñol*) - no sentido de, como foi relatado por eles, ajudar turistas tanto brasileiros quanto uruguaios, como também conversar em *portuñol* com os amigos e ser entendido somente por quem ali vive. Além disso, foram analisadas questões em geral que surgiram durante as narrativas e que rodeiam o imaginário fronteiriço.

O “IR E VIR” NO COTIDIANO DOS NARRADORES FRONTERIZOS DE ACEGUÁ BR/UY

Como já foi abordado em capítulos anteriores, o ir e vir na fronteira de Aceguá é tratado como algo natural por parte de quem vive na divisa entre as duas cidades gêmeas, ainda que cause estranhamento para quem vem de outras regiões. Nas narrativas, os quatro narradores contam como se dá essa relação de ir e vir entre um país e outro, que é marcada desde os primeiros anos de vida de cada um. Luiza, de 15 anos, relata:

Pesquisadora: *Tá/ E tu é aqui de Aceguá mesmo?*

Luiza: *Sim/ De Aceguá/*

Pesquisadora: *De Aceguá/ E tu nasceu no lado brasileiro ou no lado Uruguai?*

Luiza: *Eu nasci no lado brasileiro/*

Pesquisadora: *No lado brasileiro/ E agora tu tá morando/ no lado do Uruguai/*

Luiza: *No lado Uruguai/ Unhun/*

Pesquisadora: *E os teus pais são brasileiros/ uruguaios?*

Luiza: *A minha mãe é brasileira e o meu pai é uruguaio/*

Pesquisadora: *Sim/ E tu sempre/ Tu sempre morou no/ no lado Uruguai?*

Luiza: *Não/ eu morava no lado brasileiro antes/ e agora que eu vim morar aqui/ Faz um ano que eu moro aqui/*

Para Luiza, esse deslocamento entre Brasil e Uruguai sempre esteve presente em sua vida, pois nasceu no lado brasileiro da fronteira, mas, ao longo do tempo já firmou residência nos dois países.

Felipe, 14 anos, que não nasceu na fronteira, mas em uma cidade uruguaia vizinha, conta em que momento começou esse ir e vir da fronteira em seu cotidiano:

Felipe: *Tá é/ Meu nome é Felipe/ tenho 14 anos/ Passei pro nono ano e eu nasci em Melo no Uruguai/*

Pesquisadora: *Tu nasceu em Melo/ que é uma cidade aqui perto/ E há quanto tempo tu tá morando aqui Felipe?*

Felipe: *10 anos/*

Pesquisadora: *10 anos já/ E das escolas assim que tu passou/ tá 10 anos/ tu tá com 14 desde os 4/*

Felipe: *Não/ Sim/ Eu estudei/ Eu fiz o primeiro ano em escola uruguaia e depois/ até agora to no Brasil/ Do primeiro ano até agora to no Brasil/*

Pesquisadora: *Ah bom/ Tá então tu só teve um ano na escola uruguaia. E foi aqui em Aceguá ou foi em/*

Felipe: *Unhum/ Foi aqui em Aceguá/*

Pesquisadora: *Foi aqui em Aceguá/ E a tua família/ tem brasileiro/ uruguaio/ ou a maioria é/*

Felipe: *A maioria é uruguaia.*

Pesquisadora: *Uruguaia. E teus pais são?*

Felipe: *Meus pais são uruguaios só que a família do/ a família do meu pai era brasileira.*

Felipe, ainda que não tenha nascido na fronteira, vive essa fluidez desde muito cedo, pois aos quatro anos mudou-se, junto com seus pais, para Aceguá, e ainda que grande parte da família seja uruguaia e ele more no lado uruguaio, sempre estudou em escola brasileira, exceto no seu primeiro ano escolar. Além disso, percebe-se, em ambas as narrativas, que as famílias dos narradores representam uma característica muito comum das fronteiras do Brasil com o Uruguai, que é a mescla de nacionalidades no mesmo grupo familiar.

Mônica, 38 anos, nascida no lado uruguaio de Aceguá, também narra o fluxo entre os dois países no seu cotidiano, que vai desde o transitar entre um espaço e outro, à escolha da nacionalidade de suas filhas.

Mônica: *meu nome é Mônica e eu tenho 38 anos/ eu sou daqui toda vida morei aqui e algum tempo fora no exterior/ morei no Uruguai muito tempo/ depois eu morei na Europa também muito tempo/*

Pesquisadora: *sim ah que legal/ então tu nasceu do lado uruguaio aqui de Aceguá?*

Mônica: *nasci do lado uruguaio Uruguai/*

Pesquisadora: *mas aqui agora é o lado brasileiro? Sim/ Claro/*

Mônica: *agora eu moro do lado brasileiro eu tenho toda documentação de estrangeiro eu tenho uma filha que é a minha primeira filha é o uruguaia e a minha segunda filha que é brasileira eu optei por ter ela no Brasil por n motivos que era muito melhor eu achei muito melhor na verdade acho que não me arrependo <risos>/ as duas minhas duas filhas estudam na X³⁹ a escola aqui do lado brasileiro e pretendo que elas sigam estudando no Brasil/*

Mônica, que nasceu no lado uruguaio da fronteira, hoje tem sua residência no lado brasileiro de Aceguá, tendo duas filhas de nacionalidades diferentes, mas ambas estudam na escola brasileira. Isso mostra o quanto a

³⁹ “X” refere-se ao nome da escola em que as filhas da narradora estudam. A fim de não tornar possível a identificação da narradora, optou-se, nesta pesquisa, por não informar o nome da escola.

vida na fronteira de Aceguá revela-se em movimento, sempre em um fluxo constante de escolhas entre o lá e o cá.

Importante destacar que os três excertos acima sobre essa mobilidade entre esses espaços e essas escolhas de poder morar aqui mas estudar lá, entre tantas outras escolhas, por exemplo, dão início a um entendimento melhor sobre a fluidez das línguas e das identidades da fronteira, que serão abordados logo mais.

A RELAÇÃO COM O OUTRO/CON EL OTRO

Assim como o ir e vir entre um espaço (país) e outro é comum para os fronteiriços, a relação com quem está do outro lado da linha (imaginária) também acontece de forma que todos se sintam parte do mesmo lugar e não delimitados ao Estado que representam. Sara, em sua narrativa, percebe com naturalidade a fluidez desse espaço, não limitando aquilo que o Estado demarcou como Brasil e Uruguai e, conseqüentemente, não limitando a relação com o outro.

Pesquisadora: *e outra coisa que eu queria saber assim como é que a tua vida aqui na fronteira Sara/ por mais que tu me falou assim chegou até morar em Montevideú em Bagé mas grande parte ficou aqui em Aceguá né/ aí eu queria saber como é que a tua rotina aqui na fronteira/ como é que tu vê essa relação aqui em Aceguá/ na fronteira do Brasil com Uruguai/ e como é que tu te relaciona com quem tá do outro lado?*

Sara: *normal*

Pesquisadora: *para ti é normal*

Sara: *é como se não não existe essa de fronteira é normal é Aceguá/ é Aceguá tanto do lado do Uruguai/ porque eu já morei do lado do Guarujá/ morei do lado brasileiro/*

Pesquisadora: *sim/ agora tu tá do lado brasileiro*

Sara: *sim agora eu tô/ mas faz uns meses eu morava no lado uruguaio tá/ só a única diferença você quanto vai pagar as contas é diferente/ risos/ mas demais eu acho normal as pessoas curtem/ tem umas uruguaias que tu tem que falar*

em espanhol com elas/ tem outras que não mas não tem diferença porque tu mora numa fronteira/ mas no fim é tudo a mesma coisa/

Pesquisadora: *tudo a mesma coisa e circulam e tudo*

Sara: *tudo não precisa tu vai e vem normal*

Percebe-se que Sara, a quarta participante, reforça, quando utiliza a predicação “normal”, a naturalidade que é para os fronteiriços essa relação dos dois países, que não há diferença, a não ser na hora de pagar as contas, como ela afirma. Para eles, é normal atravessar a linha imaginária, situação que não acontece em outras fronteiras. A narradora ainda ressalta, através do trecho “tu vai e vem normal”, a fluidez, os deslocamentos cotidianos que há na fronteira sem a demarcação do Estado de forma explícita. Ainda complementa com a referência “uruguaias” – no trecho “tem umas uruguaias” – ressaltando que há, na fronteira, um certo grupo com quem é necessário falar mais espanhol, mas que, apesar disso, a grande maioria se entende, uma vez que, justamente por se tratar de uma fronteira, as pessoas se entendem.

Ao utilizar as referências “uruguaias”, Sara mostra-nos o quanto a fronteira se apresenta diversa nesse contexto linguístico, pois há algumas pessoas, neste caso uruguaias, que preferem se comunicar mais em espanhol, evidenciando que não é pelo fato de viver na fronteira que todos falam em *portuñol* ou que saibam falar em português também.

Sara finaliza afirmando que “mas no fim tudo é a mesma coisa”, fortalecendo a ideia da fronteira enquanto um espaço de semelhanças e diferenças, pois ainda que haja línguas diferentes, ao fim e ao cabo todos se entendem ou encontram uma forma de se entenderem.

Mônica também traz em sua narrativa o fluxo e a relação harmoniosa que há entre os dois países, compreendendo a fronteira de Aceguá/BR e Aceguá/UY como um só lugar.

Pesquisadora: *isso que eu ia te perguntar/ como é que tu vê essa relação dos dois países/ assim?*

Mônica: *é tranquila/ aqui não tem diferença/ tu entra de um lado/ porque não tem a divisa aqui né/ de uma ponte ou coisa assim/ é muito/ então tu não sabe quando tá lá/ quando tá aqui/ tu que mora aqui/ é indiferente/*

Pesquisadora: *sim/ sim/ é um lugar só/*

Mônica: *é um lugar só/ e todo mundo/ Tu compra lá/ tu compra aqui/ e tu vai para lá e faz o curso que tem lá que aqui não tem/ e a mesma coisa os de lá/ vêm para cá/ mas é tudo/ a gente não vê essa diferença/ o Uruguai e o Brasil/ não/ só tu vê/ o curso de inglês é dado em espanhol/ mas se aprende inglês/*

Mônica utiliza predicções como “tranquila” e “indiferente” para caracterizar as relações na fronteira, deixando claro que para quem vive em Aceguá, essas relações tanto pessoais como econômicas que se estabelecem com quem está do outro lado da linha são comuns, pois fazem parte da realidade deles, por isso tratam o tema com naturalidade.

As expressões “lá e cá” também são muito presentes na narrativa de Mônica, como no trecho “*Tu compra lá/ tu compra aqui/*”, evidenciando a mobilidade que há na fronteira em todos os sentidos. Além disso, Mônica marca o “outro” através do indexical avaliativo “os de lá”, no trecho “*a mesma coisa os de lá/ vem para cá/*”, referindo ao outro que está do outro lado da linha imaginária. Interessante destacar aqui que Mônica é uruguaia, mas vive no lado brasileiro, contudo, no trecho citado acima ela marca a diferença entre os daqui e os de lá, mesmo que perante o Estado ela também seja de “lá” (Uruguai).

Ainda no mesmo trecho, Mônica complementa com o indexical avaliativo “a gente”, no trecho “*a gente não vê essa diferença/*” se colocando como parte de um grupo, ou seja, como fronteiriça. Em um primeiro momento ela marca a diferença quando se refere os de lá e os de cá, mas finaliza afirmando que não há diferenças entre eles.

Mônica continua:

Mônica: *no que tem mais assim é tranquilo/ eu não tenho que reclamar de Aceguá/ eu gosto de Aceguá/ gosto das pessoas de Aceguá/ gosto dessa nossa cultura/ assim popular/ no Uruguai um pouco/ lá um pouco cá no Brasil/ com todo mundo sabe?*

Pesquisadora: *acho que isso é mais interessante que tem aqui*

Mônica: *é aquela/ é o dinheiro do Uruguai que é o peso né/ e o real/ então é aquela mistura/ Mas tu vai lá e compra em reais também/ tu vem aqui compra com peso também/ não tem problema/ a moeda ela circula aqui de um jeito que não tem diferença/ do jeito que/ na minha carteira/ eu tenho uns reais e tem os pesos/ tem os dois/ tenho sempre os dois/ porque tu vai lá/ tu vai tá/ tu termina que tu te acostuma de um jeito que tu não vê diferença/ e aí tem gente que pergunta aí que tem as duas moedas e como é? aí tu demora para fazer/ o que tu já sabe que é tanto e tanto/ agora atualmente um real tá 9 peso/ então tu sabe disso aí/ é e aí vai subindo/ vai descendo tu sabe essa subida e descida da diferença*

Pesquisadora: *e tá na rotina de vocês os valores/*

Mônica: *e direto/ direto tu sabe o preço das coisas que tem lá/ tu sabe o preço do que tem cá/ tu sabe o que é mais caro lá/ do que aqui porque é normal para gente/ é diário tu não vê a diferença não/ cara isso é muito bom também/*

O fluxo acontece também com o dinheiro, como afirma Mônica no trecho a seguir: “*então é aquela mistura/ Mas tu vai lá e compra em reais também/ tu vem aqui compra com peso também/ não tem problema/ a moeda ela circula aqui de um jeito que não tem diferença/ do jeito que/ na minha carteira/ eu tenho uns reais e tem os pesos/ tem os dois*”. Ainda que sejam moedas diferentes, que representam diferentes nações, na relação com o outro elas se tornam objetos que simbolizam essa quebra de barreira do Estado, pois o peso pode ser usado em compras no lado brasileiro e vice e versa.

Saber a cotação de cada moeda, por exemplo, é um costume comum para quem vive na fronteira, pois é uma prática necessária para que se faça acontecer as relações comerciais, que vão desde uma compra simples em um armazém, a negócios maiores, como narra Mônica no trecho a seguir: “*agora atualmente um real tá 9 peso/ então tu sabe disso aí/ é e aí vai subindo/ vai descendo tu sabe essa subida e descida da diferença*”.

Além disso, Mônica conta o quanto gosta de sua cidade, destacando, principalmente, a cultura entre os dois países que se encontra em um mesmo espaço: “*no que tem mais assim é tranquilo/ eu não tenho que reclamar de Aceguá/ eu gosto de Aceguá/ gosto das pessoas de Aceguá/ gosto dessa*

nossa cultura/ assim popular/ no Uruguai um pouco/ lá um pouco cá no Brasil/ com todo mundo sabe?”

Quando Mônica utiliza o indexical avaliativo “nossa”, no trecho “nossa cultura”, fica evidente que ela se identifica com os costumes que circulam na fronteira e por isso também se sente parte desse espaço que é tão híbrido. As identidades, nesse sentido, para Mônica, também se apresentam como híbridas e fluidas, pois ela se performa tanto no lá quanto no cá.

Os adolescentes Luiza e Felipe também narram como veem essa relação com o outro no trecho abaixo:

Pesquisadora: *Tu que é uruguaio e se relaciona com os brasileiros/ Como é que é essa rotina de vocês entre os dois países? Queria ouvir/*

Luiza: *Essa/ Essa interação entre os dois países já acontece a gente morando aqui e no colégio/ O colégio é no Brasil e a gente mora no Uruguai/ Tem essa coisa também/ E de amigo/ A gente tem amigo tanto no Brasil quanto no Uruguai/ Quando a gente junta todos já tem isso dos dois países/ E passar pro lado por outro/ Querendo ou não tu passa pro um lado é um país e no outro lado tu mora no Uruguai. E isso já virou normal também/ na rotina ou como sai assim/ mas pra gente eu acho que já é meio comum por aqui/*

Pesquisadora: *Sim/ Sim/ Sim/ Claro né/ Só pra quem é de fora que não percebe isso/ mas pra vocês é independente em Aceguá não tá pensando se tá na rua que lado tu tá né/ Como é que é pra ti Felipe/ como é a tua interação assim?*

Felipe: *A minha é/ A minha família é uruguaia mas eu estudo no Brasil/ Tipo a maioria dos meus amigos são brasileiros por causa do colégio/*

Mais uma vez percebemos, através das narrativas, a naturalidade com que os narradores tratam as relações que eles têm com quem está do outro lado quando utilizam predicções como “normal”, “meio comum”, pois, de fato, eles não pensam se estão no Brasil ou Uruguai, ou se estão falando com um brasileiro ou uruguaio.

O ir e vir entre a casa de cada um e a escola, por exemplo, já proporciona uma relação mais próxima com o outro, como afirma Luiza, pois os dois adolescentes vivem no lado uruguaio, mas estudam em escolas brasileiras, e conseqüentemente, através desse lá e cá, eles estreitam as

relações com o outro, relações essas que se dão de forma mútua, sem pensar em nacionalidades e muito menos na língua, como veremos a seguir.

O PORTUÑOL

O *portuñol* é o tema central deste trabalho. As narrativas foram construídas, basicamente, com perguntas relacionadas a esse tema que não pode deixar de ser falado quando estudamos as fronteiras entre Brasil e Uruguai. Portanto, nesse primeiro momento, os participantes responderam questões relacionadas ao que eles entendem por *portuñol* e que logo depois foram mais aprofundadas.

Pesquisadora: *E assim hã sempre quando a gente fala/ quando a gente fala em fronteira/ Vê as outras pessoas falarem em fronteira/ sempre vem à tona o portuñol/ E pra muita gente/ pra vocês/ Essa própria relação que vocês disseram que não notam/ pra muita gente ninguém faz ideia do que que é esse portuñol/ Então imaginem pra uma pessoa que vive longe da fronteira/ que vive lá no meio do país/ Como vocês explicariam o que é o portuñol aqui de Aceguá? Porque existem várias fronteiras né/ E existem várias formas dessas misturas de línguas/ Mas se chegasse uma pessoa aqui e vocês tivessem que explicar o que é o portuñol pra vocês/ o que vocês usam aqui? Como é que vocês explicariam pra pessoa o portuñol de Aceguá/*

Felipe: *É uma mistura das duas línguas/*

Pesquisadora: *É a mistura das duas línguas? É assim que tu explicaria Luiza?*

Luiza: *É/ Acho que sim porque tem umas palavras que a gente fala que ninguém vai entender por aí/*

Pesquisadora: *Sim/ Que nem brasileiro nem uruguaio*

Felipe: *Tem palavras que nem existem mas a gente fala igual/*

Pesquisadora: *Ah/ então digamos da mistura acaba surgindo uma outra palavra? Seria isso?*

Federico: *Sim/*

Luiza: *É/ isso/*

Basicamente, Felipe e Luiza respondem que o *portuñol* trata-se de uma língua que vem da mistura do português e espanhol e que, conseqüentemente, há palavras novas, além das já existentes nas outras duas línguas. Luiza conta algo bem interessante, que muitas palavras podem não ser entendidas nem por brasileiros nem por uruguaiois que não sejam da fronteira, como no trecho a seguir: “É/ Acho que sim porque têm umas palavras que a gente fala que ninguém vai entender por aí”.

Na frase acima, Luiza utiliza dois indexicais avaliativos: “a gente” em “a gente fala” e “ninguém” em “ninguém vai entender”. O primeiro refere-se a um grupo de que ela faz parte, portanto, nesse momento, Luiza se posiciona na narrativa como membro de um grupo que fala *portuñol*. Ao utilizar o indexical avaliativo “ninguém”, Luiza aponta para todos aqueles que não fazem parte daquele primeiro grupo citado, ou seja, os que não entendem *portuñol* justamente por ser uma língua local e que não é compreendida facilmente “por aí”, como afirma a jovem.

Mônica também traz à tona em sua narrativa o fato do *portuñol* ser a mistura de duas línguas e possuir outras palavras:

Mônica: *é a mistura das duas línguas né/ e tem muita é inventada/ a palavra inventada que não existe nem lá nem cá/ é inventada/ é uma palavra que tu diz assim da onde que tirou/ mas aí eu não sei da onde/*

Pesquisadora: *é/ sim/ <risos> mas que vocês entendem aqui?*

Mônica: *aqui a gente entende tudo que/ é até esse momento assim/ não surge nada que eu lembre/ mas tem muita palavra que a gente ouve diariamente mas que não está no dicionário em espanhol não tá no em português/ inventado mas teria que fazer um mini dicionário de portuñol/*

Ao explicar com as suas palavras o que ela entende por *portuñol*, Mônica narra: “a palavra inventada que não existe nem lá nem cá”, ou seja, o *portuñol* se constrói no entreverado entre o lá e o cá, ele existe no entremeio.

Sara já compreende o *portuñol* como uma língua mais próxima do espanhol, como no trecho a seguir:

Sara: *é o que eu digo ou espanhol ou portuñol/ Nossa não tem nada a ver com espanhol que que ensina nos colégios/ porque o espanhol que ensinam na escola é da Espanha/ o nosso é porque nela tem coisas que tu vai dizer se expressar de maneira que para nós não é normal/*

Pesquisadora: *sim/ sim/ são expressões diferentes pras mesmas coisas*

Sara: *objetos quaisquer/ nome/ só estão tudo diferente do portunhol que a gente aprendeu do colégio/ porque no colégio uruguaio⁴⁰ tu aprende portuñol/ mas não é o mesmo espanhol da Espanha/ então às vezes tem dificuldades para fazer as coisas para falar porque que dizem assim: vamo num caso né pegar um objeto "coger" tá para a gente para o portuñol/ nossa isso é um palavrão*

Sara faz uma relação dessas línguas na escola e lembra que quando estudou na escola uruguaia, não era o mesmo espanhol quando foi estudar na EJA, no lado brasileiro. Acredito que Sara veja o *portuñol* mais como uma variante do espanhol do Uruguai, por isso faz a comparação com a variante da Espanha, diferente dos outros narradores.

Logo após, eles são questionados sobre a relação deles com as línguas da fronteira, principalmente o *portuñol*, claro.

Pesquisadora: *e tu tem o costume assim de falar em protuñol ou em que situações assim?*

Mônica: *não/ eu acho que eu não tenho costume de falar as palavras essas inventadas daqui/ eu Não misturo assim/ eu tento/ e não sou muito de misturar/ quando eu falo espanhol eu falo espanhol/ quando eu falo em português/ eu não misturo as duas línguas mas não agora não/ inventado eu não invento/*

Mônica: *têm algumas palavras que sai assim*

Pesquisadora: *que já é daqui*

Mônica: *que já é da fala daqui e sai assim como se fosse normal/ só que eu sei eu tenho uma amiga que é do Rio/ e ela dizia o que que essa palavra? já dizia assim/ é espanhol e eu não/ não é espanhol/ essa palavra inventada não existe/*

Pesquisadora: *hhh*

⁴⁰ Sara quando comenta que aprendeu portuñol na escola, ela refere-se à escola uruguaia em que estudou nos seus primeiros anos escolares. Quando comenta sobre o espanhol da Espanha, ela refere-se ao ensino que teve na escola brasileira, em que ela concluiu o Ensino Médio através da EJA.

Mônica: *mas ela quer dizer tal coisa/ aí eu falava*

Pesquisadora: *é oportunhol de Aceguá*

Mônica: *é eu acho que é/ daí eu dizia assim/ eu acho que é da fronteira sim/ quem mora para lá que escuta/ aí ela sempre dizia assim/ ah tá/ aí ela ia entendendo sabe essa essas palavras que a gente diz que um dia desse vou te copiar/ algum dia eu te mando por whats para tu ler saber*

Ainda que Mônica seja nascida na fronteira, ela relata que prefere não misturar as línguas, ou seja, prefere não falar *portuñol*. Ela destaca que ou fala português ou fala espanhol, apesar de que, algumas vezes, ela fala algumas palavras em *portuñol*, pois já se tornaram muito comuns na localidade, como no trecho abaixo: “*quando eu falo espanhol eu falo espanhol/ quando eu falo em português/ eu não misturo as duas línguas mas não agora não/ inventado eu não invento/ tem algumas palavras que sai assim/ [...] que já é da fala daqui e sai assim como se fosse normal/*”

No último trecho Mônica evidencia em sua narrativa que, apesar de preferir não misturar as línguas, há momentos que as palavras “inventadas” do *portuñol* saem naturalmente, ou seja, talvez um contexto não tão formal permita que ela utilize palavras do *portuñol*, pois pode estar com pessoas que falem mais em *portuñol* e para haver uma maior comunicação entre eles, ela acaba também utilizando-o.

Interessante pensar, quando Mônica narra “*eu não misturo as duas línguas*”, que ideia ela tem dessa “mistura” para tentar evitar palavras em *portuñol*, mesmo que em algumas situações ela as fale. Talvez seja a ideologia linguística de que *portuñol* é uma língua errada, que para se “falar bem”, para se “falar corretamente”, ou fala-se numa língua, ou fala-se em outra, nesse caso, ou português ou espanhol, línguas consideradas oficiais/predominantes dentro do contexto fronteiro.

Mas, ao mesmo tempo, ela trata com naturalidade o *portuñol*, pois, no último trecho, Mônica afirma: “*que já é da fala daqui e sai assim como se fosse normal/*”, reconhecendo que é uma língua da fronteira de Aceguá, e que, mesmo ela negando em um primeiro momento, depois reconhece que também fala em *portuñol*.

Felipe, quando questionado se tem o costume de falar em *portuñol*, responde:

Felipe: Não/

Pesquisadora: Não tem costume? Tá e com a tua família tu fala/ Ah

Felipe: Não/ não é que/ Às vezes eu tô conversando assim em espanhol e muitas vezes param pra me corrigir porque eu falo palavras que não existem/ também tipo/ eu tento traduzir uma palavra só que falo ela errado porque não existe/ Mas não é sempre/

Pesquisadora: Sim/ Não existe/ seria no portuñol no caso né/ Porque se tu tiver falando com uma pessoa daqui ela vai te entender/ talvez se tu fale com alguém lá/ ah sei lá de Montevideú/ não vai te entender claro/

Felipe: Tipo a minha família mesmo de Melo/ às vezes eu falo com ela e eles não entendem e ficam me perguntando o que é.

[...]

Pesquisadora: Mas vocês não sentiram em algum lugar que vocês estivessem falando (.) e vocês não se sentiram à vontade?

Felipe: Às vezes eu falo umas coisas que eu fico muito envergonhado/

Pesquisadora: Ah:::/ Tipo em algum lugar específico? ... Mas tu fica envergonhado por quê?

Felipe: Porque eu falo errado/

Pesquisadora: Hum errado em que sentido? Que a pessoa não vai compreender?

Felipe: É/

Pesquisadora: Tu não lembra agora um exemplo sei lá/ pensando assim como eu falei errado? ... Tá/ Tu fala tênis?

Felipe: Por exemplo hoje quando eu falei de tênis/ Tipo às vezes eu não falo *champion* eu falo tênis/ É/ Só que aí eu não percebo só depois que eu falo/

A ideia do “não existir” é muito presente nas narrativas de alguns dos participantes. Quando se referiam ao *portuñol*, em alguns momentos utilizavam a expressão “essa palavra não existe”, como no trecho da narrativa de Felipe: “[...] param pra me corrigir porque eu falo palavras que não existem”. Mas, não existem para quem? Ainda em outro trecho, ele predica o *portuñol* como uma

língua errada em: “*Porque eu falo errado*”. Logo, também vem o questionamento, errado para quem?

Quando Felipe utiliza a citação “*eu falo palavras que não existem*” ele recria um discurso muito comum que é o do *portuñol* enquanto uma língua “errada” e que “não existe” porque não tem um sistema escrito, porque não representa nem um nem outro país e por tantos outros motivos.

Essa expressão automaticamente indexa uma ideia de língua que representa uma nação, que precisa ter um sistema gramatical fixo, para uma ideologia linguística que vê a língua dentro de um único padrão. O *portuñol* estando no ir e vir entre esses dois países acaba ficando a margem, por isso a ideia do “não existir”, ainda que todos os narradores reconheçam a sua “existência” na fronteira.

Para Pratt (1987) há uma distância entre a “homogeneidade da comunidade imaginada e a realidade fraturada da experiência linguística nas sociedades estratificadas modernas”, ou seja, as comunidades nunca foram homogêneas, contudo, o que sempre houve foi a tentativa de homogeneizá-las. E isso é visível quando percebemos nas narrativas expressões como “é errado” e “não existe” referindo-se *ao portuñol*, língua essa que foge desse padrão linguístico da comunidade de fala.

O PORTUÑOL NA ESCOLA

A escola enquanto parte do Estado, também preconiza certas ideologias linguísticas dentro da sala de aula, entre elas, o ensino da norma padrão da língua portuguesa como algo fixo e imutável, ou o próprio ensino de espanhol no Brasil que se utiliza, na maioria das vezes, de uma única variante, a da Espanha, por ser mais prestigiada.

Contudo, em se tratando de um contexto fronteiriço, em que temos uma diversidade linguística, é impossível esquecer de tantas outras variantes, entre elas, o *portuñol*. Portanto, nos trechos a seguir, os narradores relatam como é/foi a relação deles com a escola e o *portuñol*.

Pesquisadora: *Sim e aqui vocês falam/ E na escola assim/ geralmente vocês usam esse portuñol quando assim?*

Luiza: *Eu acho que isso do portuñol tem bastante porque tipo a maioria mora aqui no Uruguai/ e a maioria assim (.) na minha turma tem mais contato com o Uruguai assim/*

Pesquisadora: *Na tua turma na escola*

Luiza: *É/ e amigos em festas assim/ e isso de falar já virou assim um/ eu vejo que as professoras não entendem/ (.) E a gente falava aquilo de escrever/ E a gente fala assim tá normal né/ Pra gente é normal/ E aí tu vai passa pro papel/ E tu tem que te encaixa porque tipo as redações agora assim sabe/ já não aceitam como antigamente/ hh/ Pois é então tem tudo aquelas coisas/ e eles acabam mudando as palavras/*

Pesquisadora: *Sim/ Sim/ Claro/ porque acabam utilizando as expressões que sempre usam e aí no caso a professora ela considera como errado ou ela pergunta o que que é?*

Luiza: *Geralmente ela não entende né/ Ela pergunta o que é/ A nossa professora de espanhol também/ Ela tem dúvidas porque o espanhol da escola é mais punk assim sabe/ A gente tem dúvida sabe e acha que ela tá fazendo errado/ Porque não é o mesmo espanhol/ não é a mesma maneira de escrever também e sempre tem essa coisa assim do português com o espanhol junto/*

Na narrativa de Luiza fica claro que na hora da escrita, em um trabalho escolar, a mistura das duas línguas acaba ocorrendo. Da mesma forma que a professora, às vezes, não entende o que eles escrevem, o contrário também acontece. Ao predicar a escrita ou fala da professora como “errada” em “*ela tá fazendo errado*”, Luiza percebe que não se trata do mesmo espanhol. O uso da predicação “*errado*” indexa uma ideia de que há algo mais “correto” que aquilo, e por isso há um certo estranhamento entre a variante da professora e a variante da aluna.

Luiza avalia que não é a mesma variante quando afirma “*Porque não é o mesmo espanhol/ não é a mesma maneira de escrever também e sempre tem*

essa coisa assim do português com o espanhol junto/". Ou seja, há um certo distanciamento da escola com a comunidade, porque enquanto a escola aborda em sala de aula a "variante do colonizador" o contexto real apresenta outras variantes do espanhol e também do português, claro.

Esse mesmo discurso é notório na fala de Sara também.

Sara: *nas provas quando a gente fazia que a gente tinha que responder em espanhol/ várias vezes eu respondi errado/ e eu entregava prova para ela e depois ela vai botava é mais ou menos tá/ ela e dizia/ não/ não era assim porque/ É como eu digo é diferente o portuñol meu e o que eles ensinam no colégio/ completamente diferente/*

Sara, quando questionada sobre como ela reage a uma expressão que na variante dela não corresponde ao que a professora solicitou, responde:

Sara: *E aí a gente não fala/ Eu por exemplo não falo porque já aconteceu isso de eu falar com a professora de espanhol e ela me disse assim como é "cogime esa taza"*

Pesquisador: *sim*

Sheila: *que seria/ me levanta essa xícara/ e eu fiquei olhando para ela/ não isso aí eu não vou dizer porque no meu vocabulário isso é um palavrão/ daí ela ficou/ se surpreendeu/ me perguntou/ é porque eu disse é porque no portuñol é um palavrão/ tá mas tu tem que dizer sim /mas eu não quero dizer/ aí ela me deu outra palavra pra mim de um objeto no banheiro e não sabia que que era/ porque no meu portuñol não era isso/ e eu dizia para ela mas o que a senhora está me ensinando é espanhol da Espanha/ Não é o que eu sei falar é diferente/ completamente/ diferente um montão de coisa*

Quando Sara utiliza o descritor metapragmático "se surpreendeu", referindo-se à reação da professora, fica claro que há um estranhamento entre as variantes da professora e da aluna. Enquanto a professora traz uma variante mais distante da realidade dos alunos, o *portuñol* e as outras variantes do espanhol da região ficam a margem da sala de aula.

Já Mônica apresenta uma outra realidade, mesmo que tenha estudado na mesma escola:

Mônica: *não/ no meu caso eu acho que eles não tiveram dificuldade*

Pesquisadora: *e tu chegou a ver algum colega assim que tinha na fala mais misturado o *portuñol*/ e aí o professor que estava entendendo chegou a ver isso?*

Mônica: *não sei se o professor/ eu acho que os professores daqui de Aceguá já estão acostumados*

Pesquisadora: *já estão acostumados/ já estão aprendendo/*

Mônica: *acho que eles já estão aprendendo é o *portuñol*/ essas palavras inventadas eles já estão assim tirando de letra/ olha eu não vi nunca dificuldade nele/ sem/*

Independente das diferentes realidades que as narradoras apresentam, em um mesmo contexto, algo em comum é perceptível na fala delas: a presença do *portuñol* na escola. Não há como negar que ele também chega a esse espaço “prestigiado”, sendo bem-vindo ou não.

Mônica, como relatou no início da narrativa, não tem muito o costume de misturar, talvez por isso acabe não tendo tanta dificuldade para escrever em ambas as línguas (português e espanhol). Ela afirma que os professores, ainda que não sejam de Aceguá, já estão se acostumando com o *portuñol* da localidade. Já Luiza e Sara, conforme foi relatado por elas, acabam misturando mais na escrita, justamente porque na fala o *portuñol* está mais presente, seja nas conversas com os amigos uruguaios ou nas festas, como afirma Luiza.

Portanto, com esses relatos, é possível perceber o quanto o *portuñol* se apresenta em diferentes situações e com diferentes desdobramentos, ainda que no mesmo contexto, neste caso, o contexto escolar. Talvez uns estejam mais próximos dele, outros nem tanto, mas de fato ele está presente na fronteira e no cotidiano de quem vive em Aceguá.

PERFORMANDO MÚLTIPLAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO *PORTUÑOL*, PORTUGUÊS E ESPANHOL

Para finalizar, pergunto a cada um como se sentem em poder se comunicar em mais de uma língua e também tendo o *portuñol* no cotidiano deles. As reações foram diversas.

Luiza comenta o quanto a língua os marca enquanto pertencentes a fronteira:

Luiza: *É/ Eu acho que já faz parte da identidade sabe/ Vai carregar isso pra sempre/ hh Vão ouvir tu falando e vão dizer esse ↑ só pode ser da fronteira/*

Pesquisadora: *hh ↑ Só pode ser da fronteira/ Sim/*

Luiza: *Vai carrega essa coisinha/ Sempre vai dizer isso porque é costume já/*

[...]

Luiza: *Eu acho que às vezes tu conta umas histórias/ assim sabe/ E só pode ser coisa de lá sabe? Eu acho que também por isso ou pela língua/ mas acho que as histórias assim sabe/ quando tu conta assim só pode ser lá de Aceguá mesmo/ hh/ só pode ser da fronteira*

Ao utilizar os referentes “vão ouvir” e “vão dizer”, referindo-se ao pronome oculto “eles”, ou seja, aqueles que não são da fronteira, Luiza deixa claro o quanto o ato de narrar marca identitariamente uma pessoa, pois através da língua e das histórias, ela se constrói performativamente enquanto fronteiriça. Ela cria e recria sua(s) identidade(s) através de suas línguas (português, espanhol e *portuñol*) e suas histórias.

Além disso, relata o quanto o fato de ela saber mais de uma língua possibilita que ela transite no Brasil e no Uruguai e gere dúvidas quanto a sua nacionalidade devido ao “sotaque”, tanto quando fala português ou quando fala espanhol, como no trecho abaixo:

Luiza: *Aí se tu tá em Melo e fala em espanhol assim eles sentem/ eu não sei se é da fronteira/ mas eles sentem isso do sotaque sabe/ E quando tá no Brasil é a mesma coisa/ Eles sentem que tu não é sabe/*

No fragmento “*Eles sentem que tu não é sabe?*” Luiza usa novamente o referente “*eles*” para se referir àqueles que não são da fronteira, neste caso específico, seria brasileiros e uruguaios de outras localidades.

Ao utilizar o descritor metapragmático “*sentem*”, Luiza conclui que, ao escutarem a sua fala, tanto brasileiros quanto uruguaios sentem um certo estranhamento que acaba gerando, digamos, um conflito para reconhecer a sua nacionalidade, pois, ao falar em espanhol, os uruguaios não a reconhecem como uruguaia, e ao estar no Brasil falando em português, os brasileiros também não a reconhecem como brasileira, por isso a afirmação “*eles sentem que tu não é (nem brasileira nem uruguaia), sabe?*”.

Nesse pequeno trecho fica claro o quanto uma língua, ou melhor, uma determinada variante tem uma representação muito forte para definir quem sou eu e quem é o outro. Luiza, ao poder transitar nos dois países e fluir nas duas ou mais línguas, acaba vivendo várias identidades, às vezes brasileira, às vezes uruguaia, às vezes da fronteira.

Sara também relata essa experiência de poder “brincar” com as línguas, seja aqui no Brasil ou no Uruguai.

Sara: *e as pessoas às vezes tu vai a Bagé por exemplo/ eu faço isso às vezes de gosto/ eu vou a Bagé e vou com alguém assim/ e converso em espanhol/ e se eu vou ela conversa*

Pesquisadora: *hh/ coisa boa isso*

Sara: *e é muito engraçado eles te olharem e dizerem/ olha/ olha lá maneira que ela fala/ assim muito legal isso/ aí de te falarem assim/ porque se dão conta (.) a parte do sotaque daqui é diferente/ sabe quando a pessoa é da fronteira/ porque eu não sei como eles fazem mas eles te dizem/ ai onde tu mora? Aceguá/ ah sabia que tu era da fronteira*

Sara constrói suas múltiplas identidades ao se performar narrando suas histórias em diversas línguas, em diferentes contextos. No Brasil fala em espanhol e no Uruguai fala em português. Ela faz um jogo de línguas e identidades quando afirma “*eu faço isso às vezes de gosto*”.

Além disso, como foi relatado em outros momentos das narrativas, o *portuñol* enquanto uma língua da localidade de Aceguá acaba gerando uma certa curiosidade por parte de quem vem de fora, justamente pelo fato de as pessoas não entenderem parte do vocabulário, e os que moram na região “brincam” ao usar expressões, gírias e palavras “inventadas”, como muitas vezes foi narrado aqui, que só eles entendem.

Contudo, nem todos têm essa mesma visão. Mônica comenta que se sente um pouco incomodada com essa língua que só é compreendida por eles.

Mônica: *o portuñol das palavras inventadas eu acho não legal*

Pesquisadora: *tu não acha?*

Mônica: *não/ não/ umas palavras inventadas assim que não têm significado/ hh*

Pesquisadora: *hh*

Mônica: *mas tem um significado só para nós*

Pesquisadora: *só para vocês*

Mônica: *para o resto do de lá e de cá não tem significado nenhum/ acho/ não sei assim as minhas filhas às vezes elas vêm com as palavras assim/ eu digo não/ isso não é/ isso não existe*

Pesquisadora: *hhh*

Mônica: *Ah mas na escola fala/ e eu digo é/ fala mas tá errado/ °não se diz isso/ isso tá errado tá^o*

Pesquisadora: *sim*

Mônica: *eu acho assim/ não gosto muito das palavras inventadas/ algumas/ algumas eu acho que eu já tenho meio*

Pesquisadora: *porque já é né*

Mônica: *do dia a dia/*

Pesquisadora: *é e aí tu vê/ tu não gosta mas já tá falando/*

Mônica: *Aí eu não vejo/ já tô falando/ já tô/ já é letrinha/ já é do vocabulário/ e/ mas eu acharia/ sim eu gosto mais do português e do espanhol/ agora quando é misturado assim ... me incomoda*

Pesquisadora: *te incomoda?*

Mônica: *ah quando tem umas pessoas assim tal fala espanhol/ eu não tô entendendo não/ tenta falar em português/ é melhor/ não sabe*

Pesquisadora: *hhh*

Mônica: *aquela coisa assim vai misturando uma palavra/ vai misturando outra/ vai misturando outra/ afinal qual é o idioma que está falando mesmo? é o espanhol ou é português ou é os dois juntos? então fala um/ decide/ eu às vezes me incomodo quando as pessoas/ e eu sou muito de corrigir/ eu corrijo as minhas tias velhas/ as que moram mais aqui/ elas misturam numa frase de 10 palavras/ ↑umas 7 é em português e umas 3 misturado do Uruguai/ aí eu tia não fala isso não*

Mônica, em vários momentos de sua fala utiliza as predicções “inventada” e “misturada” para referir-se às palavras do *portuñol*. Logo, afirma não gostar disso, como neste trecho: “*não gosto muito das palavras inventadas*”. Ao relatar sobre sua relação com essa língua, Mônica deixa claro que não gosta de utilizá-la por dois motivos: por haver uma mistura de vocabulário tanto de português quanto do espanhol, além da criação de outras palavras que, como a própria narradora afirma, têm significado só para quem vive naquele contexto “*mas tem um significado só para nós*”.

Esse não gostar motivado pela “invenção e mistura” de palavras indexa um conceito de língua que por muito tempo foi propagado – e ainda é – por aqueles que têm legitimidade para tal, seja por ser um(a) estudioso(a), seja por ser uma instituição pertencente a um órgão do Estado ou privado, enfim, indivíduos ou entidades que acreditam na língua pura e estável, legítima e fixa. Por isso há a negação da narradora ao utilizar o *portuñol*, ainda que a própria afirme que mesmo não querendo, acaba falando, como no trecho: “*Aí eu não vejo/ já tô falando/ já tô/ já é letrinha/ já é do vocabulário*”.

Dessa forma, Mônica acaba criando uma relação não tão próxima com o *portuñol*, ainda que ele esteja presente em seu cotidiano. É perceptível, através

de seu discurso, em comparação aos outros narradores, o distanciamento que há com essa terceira língua, ainda que cada um se constitua performativamente através do *portuñol* de diferentes formas, como o excerto de Sara a seguir, que tem uma relação mais estreita com essa língua.

Sara, emocionada, narra o quanto ela se sente útil em poder saber mais de uma língua e ajudar o próximo:

Sara: *eu sim porque assim óh tu te sente útil/ saber que tu vai no lugar e tem uma pessoa que tá falando portuñol com uma pessoa que fala português/ tipo como a minha vizinha eu me sinto feliz de poder ajudar ela porque eu sei que ela vai ali no X⁴¹ e ela não entende nada de te explicando para ela e cada vez que ela vai ali ela vem me chama a me chama de "moletto" podes vir comigo?/ não é incômodo nenhum vamos lá/ lá vou eu com ela sim e tu te sente útil porque tu sabe que a pessoa precisa é que tu pode ajudar uma pessoa que é muito bom ajudar os outros/ então é muito bom saber as duas eu gostaria que ela aprendeu também que ela aprender sozinha tipo e não lugar comprar; por exemplo e trocar dinheiro; por que vai ter que ir com alguém que traduza o que eles estão dizendo ou a pessoa fala devagar ela entende ou a pessoa falar rápido/ e ela não entende/ então é muito bom sim/ bah*

Quando Sara utiliza a predicação “útil” para referir-se ao fato de ela saber as línguas que circulam na fronteira e poder ajudar o próximo, fica notório o quanto o *portuñol*, neste caso, assume um papel importante na vida da narradora. Ainda que em muitas outras situações ele seja visto como um “mal falar”, no cotidiano de Sara ele se torna peça fundamental para estreitar as relações com o próximo, além de proporcionar algo produtivo para ela, pois, como afirma Wortham (2001, p.6) “Narrativas autobiográficas redirecionam vidas representacionalmente trazendo ao primeiro plano características mais produtivas e inspirando pessoas a atuação dessas características mais produtivas”.

De forma geral, o *portuñol* norteou o desenvolver das narrativas aqui apresentadas e, com isso, fica perceptível que ele está entre os “ires e vires” dos quatro narradores, ainda que de forma e intensidade diferentes, e produzindo significados muito particulares para cada um deles.

⁴¹ “X” refere-se ao nome de uma escola do lado brasileiro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nossas palavras não sabem geografia”

(SEVERO, 2016).

É curioso pensar o quanto certas vivências de infância marcam a nossa vida. E mais curioso ainda é até onde isso pode nos levar. A fronteira de Aceguá foi espaço de várias memórias de infância e de adolescência e, desde lá, esse lugar sempre me despertou muita curiosidade. Ainda que eu não tivesse ligação direta com essa fronteira, pois ela era só uma cidade de passagem para minhas viagens ao interior do Uruguai, ainda assim, nessas curtas passagens, aquele lugar me gerava vários questionamentos. E foram esses questionamentos que me fizeram chegar até aqui.

O caminho foi longo, desde as discussões sobre fronteira na universidade, a entrada no Pibid nos dois últimos anos de graduação, e os novos repensares durante o mestrado. Mas, o mais gratificante durante todo esse processo de passar a perceber esse espaço fronteiro com um olhar mais de pesquisadora, foi o de poder estar em contato com as pessoas que vivem na fronteira. Esse contato mais direto, que começou lá em 2014, como professora de espanhol em Aceguá, através do Pibid, me proporcionou uma experiência incrível enquanto acadêmica e professora em formação. Estar vivenciando na prática uma sala de aula tão diversa cultural, linguística e socioeconomicamente realmente foi um grande desafio, mas, também, recompensador, por poder compartilhar durante dois anos vários momentos únicos com os alunos da fronteira.

E sobre as narrativas, esse momento se tornou ainda mais único, porque pude entrar na casa dessas pessoas, conhecer um pouco sobre a realidade delas, e ouvir suas histórias. Querer saber sobre o cotidiano de alguém sempre foi visto como algo mais íntimo, em que revelar o seu dia a dia era para pessoas mais próximas (GUBRIUM e HOLSTEIN, 2012 p. 28 e 29), contudo, os tempos mudaram e as narrativas passaram a ser vistas como uma ferramenta para pensar sobre os vários “eus” de um indivíduo interagindo com

outro, ainda que esse não seja tão próximo assim. Gubrium e Holstein complementam:

A noção de que cada um de nós tem um próprio eu, capaz de refletir sobre sua experiência, individualmente a descrevendo, e dando opiniões sobre a mesma e o mundo ao seu redor, criou uma nova subjetividade que vale a pena comunicar (GUBRIUM e HOLSTEIN, 2012, p.29).

Portanto, essa forma de interação mais próxima com os fronteiriços participantes desta pesquisa fez com que eu percebesse a fronteira e as questões que circundam essa temática a partir de outras visões, e não só a partir da minha enquanto pesquisadora. Além disso, através das narrativas, os narradores puderam construir performativamente seus “eus” em relação ao *portuñol*, língua essa que ora era negada ora era aceita. E essa contradição de por um momento negá-la e logo afirmar que ela já faz parte do cotidiano dos fronteiriços, revela o quanto “narrativas autobiográficas têm poder não porque eles ressaltam um conjunto de características coerentes, mas porque elas ajudam narradores a expressar e gerir múltiplos e em parte contraditórios eus e experiências” (WORTHAM, 2001, p.7).

Uma das principais inquietações deste trabalho era tentar compreender como os participantes constroem suas identidades a partir do *portuñol*, e por meio das narrativas foi possível perceber os vários desdobramentos dessa língua na vida de cada um. Enquanto um se via como alguém útil em poder ajudar outras pessoas através do *portuñol*, outro já o percebia como um incômodo, justamente por ser uma língua de mistura. Cada um se constituiu performativamente de formas diferentes em relação ao *portuñol*, ou seja, cada um tem a sua maneira de ver a fronteira – ainda que algumas visões sejam compartilhadas por todos -, e dentro dessa mesma fronteira, cada um toma o *portuñol* para si com olhares e significados diferentes. Portanto, cada um constrói a sua maneira de ser fronteiriço.

A partir das visões de cada um sobre o *portuñol*, também foi possível compreender o quanto certas ideologias linguísticas estão presentes em seus discursos. Palavras como “mistura”, “inventada” e “não existem” foram

recorrentes nas narrativas quando se referiam ao *portuñol*, e isso indexa uma ideia de língua que está fora do padrão, isto é, da mistura de duas línguas (português e espanhol) e da invenção de palavras, surge uma língua que “não existe”. Mas, se ela é falada, como é possível afirmar a sua não existência? A questão aqui é “por quem ela é falada” e então retornamos ao tema das relações de poder.

Por quem o *portuñol* é falado? Um dos estudos pioneiros sobre a situação linguística entre Brasil e Uruguai, Rona (1965) traz o *portuñol*, ou *fronterizo*, como o próprio autor nomeia, como um dialeto de zonas rurais. Sturza (2005) já o trata como uma prática linguística das zonas de fronteira e sobretudo dos centros urbanos. Independente da localidade, seja ela rural ou urbana, o *portuñol* está no cotidiano fronteiriço, ainda que com significados diferentes na vida de cada um dos participantes, como foi possível perceber através das narrativas. Contudo, também é notório, nas narrativas, a comparação que os narradores fazem do *portuñol* com as outras línguas que circulam na fronteira, o português como língua oficial do Brasil e o espanhol como a língua predominante no Uruguai. Essas duas últimas línguas marcam a relação de poder que há delas com o *portuñol*, pois enquanto elas representam suas nações, respectivamente, e têm um maior prestígio, seja dentro de instituições ou fora delas, o *portuñol* está nesse entreverado do ir e vir dos fronteiriços.

Nesse sentido, o português e o espanhol vistos a partir de uma ideia tradicional de uma língua se tornam, conforme Blommaert e Rampton

um artefato ideológico com poder considerável — funciona como principal ingrediente no aparato da governamentalidade, é representado numa ampla variedade de domínios (educação, imigração, educação, alta cultura e cultura popular, etc.), e pode servir como objeto de paixão pessoal (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011, p.5)

O *portuñol*, por estar atrelado, muitas vezes, a uma língua praticada por pessoas das zonas rurais – como a própria participante Mônica comenta que seus tios que moram na campanha têm mais o costume de falar em *portuñol* –, e também, na zona urbana, acaba estando presente em conversas mais

coloquiais, enquanto o português e o espanhol circulam em ambientes de maior influência, com isso, o *portuñol* acaba sendo visto como uma língua de menor valor. Ele não representa um estado-nação, ou melhor, ele não representa apenas um estado-nação, ele não tem um sistema gramatical fixo, muito menos um sistema de escrita – ainda que já existam poemas e letras de músicas escritas em *portuñol* –, e raramente ele está em ambientes de prestígio, ou seja, o *portuñol* foge do padrão de língua propagado por ideais essencialistas. Por isso, talvez, haja tanta resistência em relação ao *portuñol* por parte de alguns participantes desta pesquisa.

Dessa forma, através das narrativas, foi possível perceber o quanto a fronteira de Aceguá se apresenta como um espaço poroso, um lugar de fluidez e mobilidade em todos os sentidos, desde o livre transitar, o fluir entre uma língua e outra, e a multiplicidade das identidades que são construídas através dessas línguas. A fronteira se apresenta como um espaço de integrar e resistir, integração com o outro, com as línguas; e resistência a padrões linguísticos, a definições imutáveis de quem são os de lá do outro lado da linha, e quem são os de cá.

A fronteira, aqui, representa subversão. O ir e vir dos sujeitos *fronterizos* de Aceguá-BR/UY representam uma transgressão territorial, enquanto que o *portuñol*, uma transgressão linguística, pois, é através da Linguística Aplicada Indisciplinar que percebemos que transgredir, neste caso, é um olhar para além do padrão, é uma *nueva mirada* para aquilo que nos faz sair do lugar. E, neste sentido, o *portuñol* transgride/atravessa essa língua imaginária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L.O. O Uruguai lusófono. Português ou portunhol? Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v.16, n.1, 2016.

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho/ Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. D.E.L.T.A., 31-especial, 2015, p. 97-126.

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. Entrevista, narrativa e pesquisa. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (orgs.) A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet: Fajerp, 2013, p. 9-17.

BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Voices of modernity: Language Ideologies and the Politics of Inequality. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BEHARES, L. E. Educação fronteiriça Brasil/Uruguai, línguas e sujeitos. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 17-24, set./dez. 2010.

BENTACOR, G. Una frontera singular: La vida cotidiana en ciudades gemelas Rivera (Uruguay) y Sant'Ana do Livramento (Brasil). In: NÚÑEZ, A.; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. (orgs.) Dilemas e diálogos platinos Fronteiras, Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010, 2v. p.73-106.

BLOMMAERT, J. RAMPTON, B. Language and Superdiversity. Diversities Vol. 13, No. 2, 2011.

BLOMMAERT, J. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, D.N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C.N. (orgs.) Nova Pragmática - modos de fazer. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

CELADA, M. T. O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2002.

FABRÍCIO, B. F. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Português no Século XXI. Cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

FIGUEIRA, M. P. C.; VAZ, C. P. Surdos na fronteira: identidade e experiência compartilhada. Acesso em 20 de março de 2018. Disponível em: http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1495204908_ARQUIVO_SurdosnaFronteiraMarianaFigueiraeCristianoVaz.pdf

GEE, J. P. Situated Language and Learning: A Critique of Traditional Schooling. First published 2004 in the USA and Canada by Routledge.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. Narrative Practice and the Transformation of Interview Subjectivity. in The SAGE Handbook of Interview Research: The Complexity of the Craft Second Edition. Eds. Jaber F. Gubrium, James A. Holstein, Amir B. Marvasti, and Karyn D. McKinney. SAGE Publications (2012): 27-43. Permalink. © 2012 Sage Publications.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. Educação e Realidade, v. 22, n. 02, jul/dez 1997, p. 15-46

HENSFELD, A. A fronteira: historicidade e conceitualização. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (orgs.) História da Fronteira Sul. Editora UFFS, 2015, p.25-42.

IRVINE, J. T. When Talk Isn't Cheap: Language and Political Economy. American Ethnologist, 1989; v.16; p.248-267.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation, in: KROSKRITY, P. (org.) Regimes off language. Ideologies, politics and identities. Santa Fe: School of American Research Press, 2000.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: Language and power in the age of globalization. Language & Communication 25 (2005) 257–277.

LIVIA, A.; HALL, K. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (orgs.) Linguagem, gênero e sexualidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 109-127.

MARTINS, M. de L. Lusofonia e luso-tropicalismo: equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. Conferência Inaugural no X Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa. Acesso em 04 de janeiro de 2018, disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1075>

MARTINS, A. A. A representação discursiva da irmandade na fronteira Jaguarão/Rio Branco. Letrônica, Porto Alegre v.5, n. 2, p.4, jun./2012.

MOITA LOPES, L. P. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula – Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Português no Século XXI. Cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013. p. 18-33.

MOTA, S.S. Portunhol e sua re-territorialização na/pela escrit(ur)a literária: os sentidos de um gesto político. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2014.

MOURE, T.R. História do Rio Grande do Sul, São Paulo: FTD, 1994.

PRATT, M. L. Linguistic Utopias. In: FABB, N.; ATTRIDGE, D.; DURANTI, A.; MCCABE, C. (orgs.) The linguistics of writing. Manchester: Manchester University Press, 1987.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. (orgs.) Linguística

aplicada e transdisciplinariedade: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

PESAVENTO, S. J. Além das fronteiras In: MARTINS, Maria Helena (org.). Fronteiras Culturais. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002 p. 35-39.

RATZEL, F. A relação entre o solo e o Estado – Capítulo I. O Estado como organismo ligado ao solo. Tradução de Matheus Pfrimer. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29, pp. 51 - 58, 2011.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W.S.(orgs.) A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet: Fajerp, 2013, 37-46.

SANTOS, W. S. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (orgs.) A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet: Fajerp, 2013, p. 21-35.

SILVA, F. C. Tramas territoriais na campanha gaúcha: processos de transformações na área de Aceguá. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-graduação em Administração, 2009.

SILVERSTEIN, M. A ordem de indexicalidade e a dialética da vida sociolinguística. *Language & Communication* 23 (2003) 193–229.

SILVERSTEIN, M. Language and the Culture of Gender. In E. Mertz and R. Parmentier (eds.), *Semiotic Mediation* (p. 219–259). New York: Academic Press, 1985.

SILVERSTEIN, M. Language Structure and Linguistic Ideology. In *The Elements: A Parasession on Linguistic Units and Levels*, ed. Paul R. Clyne,

William F. Hanks, and Carol L. Hofbauer, pp. 193-247. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979

STURZA, E. R. Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários. *Posições*, Campinas, v.21, n.3, set./dez. 2010, p. 83-96.

STURZA, E. R. Línguas de Fronteira: O Desconhecido Território das Práticas Linguísticas nas Fronteiras Brasileiras. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, 2005. *Unbral Fronteiras*. Acesso em 19 de junho de 2017, disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/base/items/show/424>.

VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WOOLARD, K.A. Introduction: Language ideology as a Field of Inquiry. In: SCHIEFFELIN, B. B.; WOOLARD, K., KOSKRITY, P.V. *Language Ideologies: practice and theory*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1998.

WORTHAM, S. *Narratives in Action*. New York: Teacher's College Press, 2001. 183p.

ZIENTARA, Benedikt. Fronteira. In: ZIENTARA, Benedikt. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989, v.14.

ANEXOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Thaís Rejes Marques

Eu, _____,
responsável de _____,
permito-o que participe como voluntário(a) da pesquisa intitulada “O *portuñol* no ir e vir dos sujeitos *fronterizos* de Aceguá BR/UY: línguas e identidades sob o viés de uma Linguística Aplicada Indisciplinar”, desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas..

A forma de participação consiste em uma narrativa sobre sua relação com a fronteira e o *portuñol*. É relevante salientar que: o nome do(a) participante não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante o seu anonimato; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; ele(a) poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado.

Gostaríamos de deixar claro que a participação não é obrigatória, no entanto ela é muito importante para esta pesquisa. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do endereço eletrônico thaisrejes.m@gmail.com

Eu, _____,
confirmando que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação de meu filho(a). Eu li e compreendi este termo de consentimento e, portanto, permito que a entrevista narrativa concedida pelo meu filho(a) seja utilizada neste estudo.

Assinatura do(a) responsável

Endereço eletrônico do responsável: _____

Local e data: _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Thaís Rejes Marques

Prezado(a) participante,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada “O *portuñol* no ir e vir dos sujeitos *fronterizos* de Aceguá BR/UY: línguas e identidades sob o viés de uma Linguística Aplicada Indisciplinar”” desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas.

Sua forma de participação consiste em uma narrativa sobre sua relação com a fronteira e o portunhol. É relevante salientar que: seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante o seu anonimato; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; você poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação não é obrigatória, no entanto ela é muito importante para esta pesquisa. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do endereço eletrônico thaisrejes.m@gmail.com

Eu, _____,
confirmando que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como a minha forma de participação. Eu li e compreendi este termo de consentimento e, portanto, permito que a entrevista narrativa concedida por mim seja utilizada neste estudo.

Assinatura do participante

Endereço eletrônico do participante: _____

Local e data: _____

Perguntas que nortearam as narrativas:

- Primeiramente, gostaria que tu te apresentasses falando teu nome, idade, cidade de nascimento e profissão.
- Gostaria que tu me contasses um pouco como é a tua vida na fronteira, como tu vê a relação entre os dois países e como tu te relacionas com quem está do outro lado.
- Quando se fala em fronteira, ouvimos muito sobre *o portuñol*. E pra ti, o que é esse *portuñol*? Tu tens o costume de falar essa língua? Em quais situações? Te sentes a vontade com ela?
- Em relação ao português e o espanhol, em que momentos tens preferência por utilizá-los?
- Tu já viveste alguma situação, seja na escola ou fora dela, em que tu usaste alguma expressão tanto na fala como na escrita, e não foi compreendido (já que a grande maioria dos professores são de Bagé), ou que não gostaram da forma como tu falou/escreveu?
- Tu já presenciaste ou ficaste sabendo de alguém que sofreu algum preconceito por se expressar em *portuñol* na escola? Que tu achas sobre isso?
- De que forma tu achas que essas línguas que circulam aqui na fronteira de Aceguá (português/espanhol/*portuñol*) influenciam na tua vida e na tua forma de ser?

Transcrição na íntegra - Narrativa I

Pesquisadora: Bom vamos começar:::/ Luiza eu gostaria que tu te apresentasse primeiro (.) dizendo nome/ idade (.) e o que que tu faz (.) / que série tu tá/ (.)

Luiza: Tá/ Meu nome é Luiza/ Tenho 15 anos e to no primeiro ano do ensino médio (.) / passei agora pro segundo/

Pesquisadora: Tu passasse agora pro segundo?

Luiza: Unhum.

Pesquisadora: Tá/ E tu é aqui de Aceguá mesmo?

Luiza: Sim/ De Aceguá/

Pesquisadora: De Aceguá/ E tu nasceu no lado brasileiro ou no lado Uruguai?

Luiza: Eu nasci no lado:: brasileiro/

Pesquisadora: No lado brasileiro/ E agora tu tá morando (.) / no lado do Uruguai/

Luiza: No lado Uruguai/ Unhun/

Pesquisadora: E os teus pais são brasileiros/ uruguaios?

Luiza: A minha mãe é brasileira (.) e o meu pai é uruguaio/

Pesquisadora: Sim/ E tu sempre/ (.) Tu sempre ↑morou no/ no lado Uruguai?

Luiza: Não/ eu morava no lado brasileiro antes/ e agora que eu vim mora aqui/ Faz um ano que eu moro aqui/

Pesquisadora: Ah sim ↓ E nas escolas assim que tu passou/ sempre foram escolas brasileiras ou tu já passou por escola uruguaia aqui em Aceguá?

Luiza: Não/ Eu sempre estudei no lado brasileiro/

Pesquisadora: Sempre estudou em escola brasileira/ E tu?/ Queria que tu te apresentasse também/ dando teus dados aí/ nome/ idade/ onde tu nasceu/

Felipe: Tá (.) é/ Meu nome é Felipe (.) / tenho 14 anos (.) / Passei pro nono ano e eu nasci em Melo (.) no Uruguai/

Pesquisadora: Tu nasceu em Melo/ que é uma cidade aqui perto/ E há quanto tempo tu tá morando aqui Felipe?

Felipe: 10 anos/

Pesquisadora: 10 anos já ↑ / E das escolas assim que tu passou/ tá 10 anos/ tu tá com 14 desde os 4/

Felipe: Não - Sim - Eu estudei/ Eu fiz o primeiro ano em escola uruguaia ↓ e depois/ até agora to no Brasil/ Do primeiro ano até agora to no Brasil/

Pesquisadora: Ah bom/ Tá então tu só teve um ano na escola uruguaia. E foi aqui em ↑ Aceguá ou foi em/

Felipe: Unhum/ Foi aqui em Aceguá/

Pesquisadora: Foi aqui em Aceguá/ E a tua família/ ↑ tem brasileiro/ uruguaio/ ou a maioria é/

Felipe: A maioria é uruguaia.

Pesquisadora: Uruguaia. E teus pais - são?

Felipe: Meus pais são uruguaios só que a família do/ a família do meu pai era brasileira.

Pesquisadora: Ah a família do teu pai era brasileira ↓ Hã hum eu queria saber assim de vocês como que é a vida de vocês aqui especificamente na fronteira de Aceguá:: Tipo qual a rotina de vocês (.) O que vocês fazem né e como é que vocês veem essa relação ... hã::: hum ::: entre os dois países/ entre o Brasil e o Uruguai/ (.) Porque:: pode parecer uma pergunta bem boba pra vocês porque isso aí é algo comum/ mas se vocês imaginarem tem pessoas que não têm ideia do que pode acontecer dessa relação que existe entre Brasil e Uruguai. (.) Então eu gostaria de saber como é que vocês se relacionam com o outro/ no caso a Luiza é brasileira como é que ela se relaciona com::: os amigos do Uruguai/ E tu que é uruguaio/ Tu mora do lado uruguaio Felipe?

Felipe: Sim.

Pesquisadora: ... Tu que é uruguaio e se relaciona com os brasileiros/ Como é que é essa rotina de vocês entre os dois países:::? Quería ouvir/

Luiza: ... Essa/ Essa interação (.) entre os dois países já acontece a gente morando aqui e no colégio/ porque tipo colégio é no Brasil e a gente mora no Uruguai/ Tem essa coisa também (.) E de amigo/ A gente tem amigo tanto (.) no Brasil quanto no Uruguai/ Quando a gente junta todos já tem isso dos dois países também isso (.) de passar pro lado por outro/ Querendo ou não tu passa pro um lado é um país e no outro lado tu mora no Uruguai. E isso já virou normal também/ tanto na rotina ou como saí assim (.) mas pra gente eu acho que já é meio comum por aqui/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ Sim/ Claro né/ Só pra quem é de fora:: que não percebe isso/ mas pra vocês é independente em Aceguá não tá pensando se

ta na rua que lado tu tá né::: Como é que é pra ti Felipe/ como é a tua interação assim?

Felipe: Porque tipo - A minha é/ A minha família é uruguaia mas eu estudo no Brasil/ Tipo a maioria dos meus amigos são brasileiros por causa do colégio

Pesquisadora: ... Então pra ti é natural essa relação entre os dois países? Tu não vê assim::: Muito bem:::

Felipe: Unhum.

Pesquisadora: E assim há sempre quando a gente fala/ quando a gente fala em fronteira/ Vê::: as outras pessoas falarem em fronteira ... sempre vem à tona::: o *portuñol* ... E pra muita gente ↑ pra vocês/ Essa própria relação que vocês disseram que não notam/ pra muita gente ninguém faz ideia do que que é esse portunhol/ Então imaginem pra uma pessoa que vive longe da fronteira/ que vive lá no meio do país/ Como vocês explicariam o que é o *portuñol* aqui de Aceguá? Porque existem várias fronteiras né/ E existem várias formas dessas misturas de línguas/ Mas se chegasse uma pessoa aqui e vocês tivessem que explicar o que é o *portuñol* pra vocês/ o que vocês usam aqui? Como é que vocês explicariam pra pessoa o *portuñol* de Aceguá/

Felipe: É a mistura das duas línguas/

Pesquisadora: É a mistura das duas línguas? É assim que tu explicaria Luiza?

Luiza: Acho que sim porque tem umas palavras que a gente fala que ninguém vai entender por aí/

Pesquisadora: Sim/ Que nem brasileiro nem uruguaio

Felipe: Têm palavras que nem existem mas a gente fala igual/

Pesquisadora: Ah::: então digamos da mistura acaba surgindo uma outra palavra? Seria isso?

Felipe: Sim/

Luiza: É/ isso/

Pesquisadora: Ah ta então porque/ por exemplo se a gente vai alguém/ ta eu sou brasileira to estudando espanhol/ Às vezes eu to num processo de *portuñol*/ porque às vezes eu não consigo falar toda a frase/ por exemplo um estudante/ toda a frase em portunhol/ mas eu digo às vezes palavras em português às vezes palavras em espanhol/ E isso dentro da escola é considerado né/ Mas aqui é diferente porque surgem palavras diferentes né/ Como até como eu tinha comentado contigo da outra vez né Luiza do tal do molho que aqui vocês falam *tuco*/ e em espanhol é *salsa*/ E em português é *molho*/ Aí eu lembro que eu utilizei em sala de aula (.) e que me disseram “não

aqui a gente não fala salsa/ aqui a gente fala tuco”. E que pra mim era uma novidade/ Não sei se é algo do *portuñol* aqui da região até/ mas surgem expressões diferentes/ E aí como é que vocês veem esse ↑*portuñol*? Vocês têm o costume?

Luiza: É/

Felipe: Tipo tem muita gente aqui em Aceguá que não fala o carro por exemplo fala auto/ os brasileiros eles falam ah o meu auto é azul/ Porque tipo em espanhol é auto/

Pesquisadora: Sim/ É auto/ E aí um brasileiro fala auto/ E aí vocês têm costume assim de de fazer isso/ Tipo agora tu tá falando/ as pessoas têm costume/ tu também tem costume de fazer isso?

Felipe: Não/

Pesquisadora: Não tem costume? Tá e com a tua família tu fala/ Ah

Felipe: Não/ não é que/ Às vezes eu to conversando assim em espanhol e muitas vezes param pra me corrigir porque eu falo palavras que não existem/ também tipo/ eu tento traduzir uma palavra só que falo ela errado porque não existe/ Mas não é sempre/

Pesquisadora: Sim/ Não existe/ seria no *portuñol* no caso né/ Porque se tu tiver falando com uma pessoa daqui ela vai te entender/ talvez se tu fale com alguém lá/ ah sei lá de Montevideú/ não vai te entender claro/

Felipe: Tipo a minha família mesmo de Melo/ às vezes eu falo com ela e eles não entendem e ficam me perguntando o que é.

Pesquisadora: Ah que legal/ Sim/ porque de certa forma são gírias né? Que só entre vocês aqui/ Eu lembro também (.) que logo nos primeiros meses quando eu cheguei ali na escola/ vocês tinham expressões bem diferentes que a gente não tava acostumada assim né/ E estudando essa palavras em hh espanhol assim/ Mas eu não lembro de ter estudado essa palavra em espanhol/ E aí que a gente vai ver que são gírias daqui que são próprias do *portuñol*/

Luiza: hh

Felipe: Tipo às vezes pessoas falam/ tênis em espanhol é *champion* só que muitas pessoas/ no Uruguai eles não falam/ eles falam tênis/ Sim/

Pesquisadora: Sim e aqui vocês falam/ E na escola assim/ geralmente vocês usam esse *portuñol* quando assim?

Luiza: Eu acho que isso do *portuñol* tem bastante porque tipo a maioria mora aqui no Uruguai/ e a maioria assim (.) na minha turma tem mais contato com o Uruguai assim/

Pesquisadora: Na tua turma na escola

Luiza: É/ e amigos em festas assim/ e isso de falar já virou assim um/ eu vejo que as professora não entendem/ (.) E a gente falava aquilo de escrever/ E a gente fala assim tá normal né/ Pra gente é normal/ E aí tu vai passa pro papel/ E tu tem que te encaixa porque tipo as redações agora assim sabe/ já não aceitam como antigamente/ hh/ Pois é então tem tudo aquelas coisas/ e eles acabam mudando as palavras/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ Claro/ porque acabam utilizando as expressões que sempre usam e aí no caso a professora ela considera como errado ou ela pergunta o que que é?

Luiza: Geralmente ela não entende né/ Ela pergunta o que é/ A nossa professora de espanhol também/ Ela tem dúvidas porque o espanhol da escola é mais punk assim sabe/ A gente tem dúvida sabe e acha que ela tá fazendo errado/ Porque não é o mesmo espanhol/ não é a mesma maneira de escrever também e sempre tem essa coisa assim do português com o espanhol junto/

Pesquisadora: hh/ Sim/ Sim/ hh/ Sim/ Sim/ Tu lembra de alguma palavra ou alguma coisa assim Felipe? Que tu tenha escrito e que a professora não fazia ideia do que era aquilo ou uma situação sei lá? Não lembram? E assim tu falou que costuma mais hum pelos teus próprios colegas que a maioria tem contato com amigos uruguaios e tal/ Então tu costuma falar assim ... geralmente quando tá com eles/ dentro de casa e em que outras situações?

Felipe: Na minha/ Na minha casa só falam espanhol. Sim só espanhol/ português/

Pesquisadora: Espanhol? Tá e aí na escola já que tu estuda no lado brasileiro? português/ Tá e aí tu/ tu te vê falando *portuñol* em algum momento ou não?

Felipe: Sim/

Pesquisadora: E principalmente entre os amigos ou não?

Felipe: Principalmente com a minha família/ Às vezes eu tô falando espanhol só que daí ... algumas palavras são em português e aí (.) acontece o *portuñol*/

Pesquisadora: Claro/ Sim/ Que legal/ Ah::: ... e eu gostaria de saber assim se vocês se sentem à vontade falando ... *portuñol* assim? ... Porque eu acho que é uma forma mais próxima/ Normal/

Felipe: É/ pra mim é uma coisa normal/ É/ É uma coisa bem normal/

Luiza: Pra mim também/ ... A gente tá falando e nem tá vendo/

Pesquisadora: Mas vocês não sentiram em algum lugar que vocês estivessem falando (.) e vocês não se sentiram à vontade?

Felipe: Às vezes eu falo umas coisas que eu fico muito envergonhado/

Pesquisadora: Ah:::/ Tipo em algum lugar específico? ... Mas tu fica envergonhado por quê?

Felipe: Porque eu falo errado/

Pesquisadora: Hum errado em que sentido? Que a pessoa não vai compreender?

Felipe: É/

Pesquisadora: Tu não lembra agora um exemplo sei lá/ pensando assim como eu falei errado? ... Tá/ Tu fala tênis?

Felipe: Por exemplo hoje quando eu falei de tênis/ Tipo às vezes eu não falo *champion* eu falo tênis/ É/ Só que aí eu não percebo só depois que eu falo/

Pesquisadora: E vocês nunca se sentiram tipo na escola? já que eu acredito (.) que lá a maioria dos professores são de Bagé/ E na da Luiza também a maioria dos professores são de Bagé/ E muitos não têm esse contato direto com o espanhol como vocês têm/ Né/ A não ser a professora de espanhol e mesmo assim como tu disse ela ensina uma variedade diferente e muitas coisas não parecem né/ Vem com um acento diferente/ Vem com um vocabulário diferente/ vocês na escola em algum momento já sentiram ou perceberam que algum colega que usa mais o *portuñol* ainda seja na fala ou na escrita é que se sentiram meio que incomodados ou envergonhados por terem usando o *portuñol*? Como é que vocês se sentem na escola/ não conversando com os colegas/ mas na hora assim de tá com a professora assim sabe? Naquele momento de avaliação/ seja na apresentação de um seminário ou na escrita/ porque com os colegas a gente fala de qualquer jeito né/ Vocês já se sentiram assim na escola?

Luiza: Esse ano a gente teve a colega nova que ela tinha ido pra lá né/ E ela só falava em espanhol/ Sabe da onde a Jeniffer é? É lá pro Rio Negro acho que era/

Pesquisadora: Sim/ E ela é da onde Luiza? Mas é Uruguai? Uruguai? Ah tá/ não era da fronteira/

Luiza: É/ Bem no centro assim aí não tinha contato/ Não era na fronteira/ E aí ela foi:::/ tinha seminário pra apresentar né/ e ela não sabia falar/ não sabia falar em português assim sabe sabe/ Aprendia palavras com a gente sabe/ Mas falando com a gente é diferente hh/ Tu vai apresentar um trabalho e não sabe falar tudo em português vai apresentar na tua língua né/ É/ pra não errar na hora/ e eu lembro que lembro a professora pediu pra um colega nosso ajudasse ela a apresentar/ Então ela numas palavras difíceis assim que os

alunos da tarde não têm contato com o espanhol (.) como a gente tem/ a maioria é da colônia né/ E aí ele traduzia algumas palavras mas tipo se via que ela não tava muito bem sabe/ porque ela falava em espanhol e a maioria não entendia/ E aí começavam ah falem português/ mais porque o espanhol dela é aquele corrido sabe?

Pesquisadora: Claro/ Sim/ Sim/ Até mesmo pra ficar mais segura né? Ah porque eles vêm da Colônia claro/ Ah sim e a reação da professora como é que foi? Era trabalho de quê? Que disciplina? Ah sim/

Luiza: Ah a professora/ Era seminário/ Seminário pegou todas as matérias juntas/ todas as áreas/ E aí eu lembro que ela pediu silêncio/ que entendessem que ela era nova/ que ela não tava falando em português ainda hh/ mas dava pra ver que ela tava bem incomodada/

Pesquisadora: E a professora assim como é que ficou? Os professores como é que reagiram?

Luiza: Né ela falou isso/ porque todo mundo teve que ajudar ela/ Que era um trabalho enorme e ainda ela teve que fazer sozinha/ e também que ela não falava nossa língua/ Era bem difícil assim (.) se entedia a parte dela/ mas tá/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ E vocês em algum momento ajudaram em outros momentos além desse ajudaram ela com a relação assim tipo com a professora ou com os professores pela língua?

Luiza: É/ A gente tinha uma professora hh que é a que mais tem contato com a gente e tal/ E era nossa professora de português/ hh Então ela tava sempre pedindo pra gente/ E até pra ela fazer essa trabalho a professora pediu a nossa ajuda/ porque como era um monte de coisa e ela não entendia nada de espanhol nada nada nada/ Então em tudo a gente tinha que ajuda assim/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ Sim/ Ah/ Claro/ E tu Felipe te lembra de alguma situação que tu tenha passado ou um visto um colega assim?

Felipe: No começo quando eu comecei a/ a estudar no/ no Brasil eu tinha bastante dificuldade por que eu não conhecia a/ tipo eu recém tava me mudando pra cá/ (.) aí eu demorei um ano/ um ano ou dois pra começar a falar bem o português e pra entender/

Pesquisadora: Sim/ Tu lembra assim (.) alguma coisa de pequeno de quando tu tava na escola ou até agora mesmo?

Felipe: ... Quando eu comecei a escrever/

Pesquisadora: Ah na escrita/

Felipe: Unhum/ Era bem difícil/

Pesquisadora: Sim/ E agora assim tu consegue se a professora dá uma avaliação/ já que tu estuda numa escola brasileira/ a avaliação é em português tu consegue fazer a escrita? E na fala também?

Felipe: Sim/ Sim/

Pesquisadora: E em casa tu disse que usa o espanhol né e na escola o português/ tá/ E acaba usando umas gírias do *portuñol* pelo convívio aqui né/ E tu também Luiza em casa tu fala?

Felipe: Sim/ O português/

Luiza: O português/

Pesquisadora: Teu pai fala português/ mesmo sendo uruguaio em casa ele fala português/

Luiza: Já no trabalho ele fala espanhol/

Pesquisadora: No trabalho ele fala espanhol/ Ai que bacana/ Eu queria perguntar também pra vocês ... sobre essa relação do *portuñol* é:::/ Eu pergunto do *portuñol* porque é/ é algo diferente aqui da fronteira (.) / o português tá no Brasil o Espanhol/ mas quando a gente pensa em *portuñol* afinal o que que é esse *portuñol* / o que que faz vocês diferentes ou se vocês se sentem diferentes entendeu? Aí eu queria saber como que vocês se sentem é::: na forma de ser/ por ter o espanhol (.) na rotina de vocês/ De que forma/ De que forma o *portuñol* constitui a Luiza/ De que forma o:: *portuñol* constitui o Felipe/ Pensem se vocês não falassem *portuñol* (.) né/ Se vocês não usassem essas gírias né/ Por que às vezes como é uma coisa tão natural a gente não se dá conta que é uma coisa que tá sempre com a gente/ Que a gente tá falando toda hora né/ Eu posso também ter coisas que podem me perguntar e/ eu nossa/ eu falo isso muito/ ou eu uso isso muito/ e aí isso acaba formando meio que de alguma forma o jeito que eu sou/ ou até o jeito que eu falo com as pessoas/ E aí eu queria saber de vocês/ se vocês se sentem bem ao falar (.) de tá falando com os amigos ou nas situações que vocês usam o *portuñol* se vocês veem o *portuñol* como uma forma positiva ou negativa/ Queria saber de vocês como vocês se sentem/ se sentem a vontade em:: saber/ em ter/ porque é incrível assim o Felipe é uruguaio mas fala português/ estuda na escola brasileira/ no colégio fala português/ em casa fala espanhol/ Tem essa facilidade de transitar/ Se chegar um uruguaio aqui tu vai falar espanhol/ tá falando comigo em português mas tu tem a facilidade/ E a Luiza é a mesma coisa tem o pai uruguaio/ E aí acaba dando essa mescla de línguas que vocês falam gírias que eu posso tá aqui e não fazer ideia do que vocês estão falando/ porque são expressões bem típicas daqui/

Felipe: Tipo no começo quando eu via alguém falando *portuñol* / eu achava muito errado isso/ só que depois eu comecei a ver que era uma coisa normal

aqui da fronteira/ tipo/ a maioria/ noventa por cento da população daqui fala *portuñol* /

Pesquisadora: Tu achava errado?

Felipe: Eu achava que era tipo/ que era errado/ fala em espanhol ou fala em português/

Pesquisadora: Aí de tanto tu escuta que acaba/

Felipe: Mas daí eu via que eu mesmo falava sem querer porque era uma coisa tão normal/ Eu vi que era norma tipo/

Pesquisadora: Sim e agora tu te sente assim/ Como tu te sente sendo daqui da fronteira e falando *portuñol*? Falando *portuñol*? (.) Falando português e falando espanhol/

Felipe: Pra mim é normal/

Pesquisadora: Pra ti é normal/ Tu vê como algo positivo?

Felipe: Sim/

Pesquisadora: Por que que tu vê como positivo assim?

Felipe: Por exemplo/ o dia que eu for embora longe da fronteira por exemplo se eu for para o Brasil/ meu espanhol é fluente ou se eu for para o Uruguai meu português também é fluente/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ É bem bacana/ E tu Luiza?

Luiza: É bem bom isso saber as duas línguas (.) Mas tipo quando tá assim:: não sei porquê como eu falo mais português eu puxo mais o sotaque gaúcho né hh

Pesquisadora: Sim/

Luiza: Aí se tu tá em Melo e fala em espanhol assim eles sentem/ eu não sei se é da fronteira/ mas eles sentem isso do sotaque sabe/ E quando tá no Brasil é a mesma coisa/ Eles sentem que tu não é sabe/ Mas é muito bom saber as duas línguas porque (.) ah vem tanto uruguaio quanto brasileiro tu pode se comunicar com os dois/ Tem essa coisa assim sabe de facilidade/ Isso é bom/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ Claro/ E essa relação com o *portuñol* assim de ser uma língua que acontece aqui na fronteira/ se vocês pensarem que sessenta quilômetros que é Bagé ou a sessenta quilômetros a gente tá em Melo/ não acontece esse *portuñol* que tem aqui né/ Aí eu queria saber o que vocês pensam sobre isso a::: reação que vocês tem/ vocês são daqui vocês falam essa língua né por que não deixa de ser uma língua porque se a Luiza fala

uma coisa em *portuñol* e tu entende então é uma língua vocês conseguem se comunicar né/ E como vocês se vem ah eu sou da fronteira eu sou de Aceguá e eu falo essa língua? Vocês se sentem bem com isso?

Felipe: Sim ... é uma coisa normal/

Luiza: É/ Eu acho que já faz parte da identidade sabe/ Vai carregar isso pra sempre/ hh Vão ouvir tu falando e vão dizer esse ↑só pode ser da fronteira/

Pesquisadora: hh ↑Só pode ser da fronteira/ Sim/

Luiza: Vai carrega essa coisinha/ Sempre vai dizer isso porque é costume já/

Pesquisadora: Sim/ Vocês sentem ↑fronteiriços quando vocês saem daqui com esse/

Felipe: Sim

Pesquisadora: Sim?

Luiza: Sim/

Pesquisadora: O que que seria pra vocês ser fronteiriços/ que é o mais forte assim quando uma pessoa vê a:: esse aqui é da fronteira por quê? Que re/ O que vocês fazem pra pessoa achar que vocês são da fronteira?

Luiza: Eu acho que às vezes tu conta umas histórias/ assim sabe/ E só pode ser coisa de lá sabe? Eu acho que também por isso ou pela língua/ mas acho que as histórias assim sabe/ quando tu conta assim só pode ser lá de Aceguá mesmo/ hh/ só pode ser da fronteira

Pesquisadora: Sim/ Pela língua/ Sim e vocês gostam de morar aqui? Felipe/ gosta de morar aqui? Tu nasceu em Melo/ mas não gosta? Pode falar se tu não gosta/

Felipe: Não/ Eu não gosto da fronteira porque/ não é que eu não goste da fronteira eu não gosto de morar aqui/

Pesquisadora: de morar aqui/

Felipe: Eu não me identifico aqui/

Pesquisadora: Por que tu não te identifica?

Felipe: Porque eu não gosto/

Pesquisadora: da rotina assim? ... Das coisas que tu faz assim ... Tu não te adaptasse/ apensar de tá desde pequeno aqui/

Felipe: É/ não/ é/

Pesquisadora: Mas tu tem amigos/ faz as tuas coisas aqui/ frequenta as coisas aqui ou não?

Felipe: Sim/ claro/ Só que tipo eu vejo que no mercado de trabalho aqui não tem muito futuro/ entendeu/ tipo pra estudar/ fazer uma faculdade ou um curso técnico alguma coisa tu tem que sair/

Pesquisadora: Claro/ Sim/ Porque é uma cidade bem pequena ne/ Praticamente não sei quanto por cento daqui a renda é do comércio né (.) Porque é os free-shops/ os mercados/ que aí os uruguaiois vem comprar do lado brasileiro/ os brasileiros vem comprar nos free-shops/ E aí:: é só isso né/ E tu Luiza/ tu gosta de de de viver na fronteira assim?

Luiza: É/ Eu gosto até/ Tipo (.) antes eu gostava menos mas agora já me acostumei/ E isso de (.) estudo essas coisa assim/ Eu acho assim se a gente não estudar não vier pra cá Aceguá nunca vai crescer ... porque a maioria do jovem estuda e vai pra Bagé/

Pesquisadora: Isso é verdade/

Felipe: Vai embora/

Luiza: Vai pensando bem aqui em Aceguá/ se tu não estudar e vier pra cá/ se tu não correr o risco de abrir teu próprio negócio a cidade nunca vai crescer/ Se não sempre vai continuar a mesma coisa/

Pesquisador: E fazer a cidade crescer ne/ É bem legal essa ideia assim de pensar/ ah bom a cidade não cresce mas eu/ eu posso fazer a cidade crescer/

Luiza: A gente que é jovem e que vai estudar em Bagé e que tem essa oportunidade/ tem um ônibus que vai/ tipo a gente tem a oportunidade de trabalhar aqui se não vai continuar a mesma coisa ... E Aceguá é pequeno/ Se for pensar bem pra gente que é jovem não tem muita coisa pra fazer aqui/ não tem isso aqui de cinema/ isso essas coisas lá (.) / Vamos dizer que ali os free-shop a gente já percorreu de cabeça pra baixo/ hh/ tem isso/

Pesquisadora: Sim/ Já sabem de cor o que tem no no free-shop/ hh

Felipe: Aí às vezes gente fala mas não tem nada pra fazer em Aceguá/ Até tem o shopping pra passear/ ah como que não tem os free-shop pra passear/ Só que pra gente não tem mais graça/ Tem gente que vem só pra ir no free-shop/

Luiza: É/ pra quem vem de fora é vai Uruguai/

Pesquisadora: Sim/ claro/

Felipe: Pra gente já não tem mais graça ir/

Pesquisadora: Sim a atração pra quem mora em Bagé no final de semana é vir pra Aceguá/ Mas aí é só final de semana/ vocês tão toda a semana aqui/ hh/

Luiz: Isso/ Pra nós já é comum já/

Pesquisadora: E que tipo de atividade vocês fazem aqui além de ir no free-shop que vocês já estão/ Que que tu faz aqui em Aceguá Felipe?

Felipe: A gente sai à noite com os amigos/ quando a gente tá tipo a maioria dos finais de semana eu não tô aqui/ porque meu pai sai pra vê a família e coisa assim/ a gente não tá/ Então é isso/ no verão a gente usa piscina/ De noite quando tá quando a noite tá boa a gente sobe pra praça pra tomar um mate pra comer um lanche/ pra conversar lá/ sempre/ quase sempre nos finais de semana tem movimento/ não é grande coisa mas tem/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ claro/ E tu Luiza?

Luiza: Ah sempre é isso de sair/ Ir lá pra cima pra avenida/ é Aceguá/

Pesquisadora: Então eu queria finalizar assim/ Agradecendo vocês/ não sei se vocês teriam alguma coisa pra falar/ falar de vocês/ dessa relação com a fronteira/ se eu perguntasse quem é o Felipe/ o Felipe que mora em Aceguá/ O que tu diria Felipe? Felipe/

Felipe: Não sei/

Luiza: Até a pronúncia do apelido né/ É X e o uruguaio puxa mais pro Y⁴²/

Pesquisadora: É/ O X e o Y em Português/ E não sei como a gente vai fazer pro *portuñol*/ Quem é o Felipe que mora aqui em Aceguá? O Felipe é uruguaio? Uruguaio que estuda na escola brasileira/

Felipe: Sim/ brasileira/ Que tem amigos uruguaios e brasileiros/

Pesquisadora: Tem amigos uruguaios e brasileiros/ Se relaciona/ E vê a fronteira como? Tudo isso que tem na fronteira essas coisas tão diferentes/ por isso que me interessa pesquisar sobre fronteira/ Sempre me interessou assim/ Porque quando eu cheguei mesmo vocês falando português tinham um acento diferente do meu/ e tinham gírias que eu não conhecia e tinham rotinas que eram bem diferentes da dos estudantes de Bagé mesmo/ Como é que tu te sente? Essa relação com a fronteira? Claro eu entendo pra quem vem é tudo novo tudo diferente/ a gente quer que vocês falem/ mas pra vocês é algo tão natural que/ E a Luiza/ e se eu te perguntasse quem é a Luiza?

Luiza: Ah é/ Ah eu gosto assim bastante de morar na fronteira/ Eu vou carregar isso pra sempre acho/ tipo/

⁴² X refere-se a pronúncia do apelido do participante Felipe em português e Y como é pronunciado em espanhol.

Pesquisadora: Até porque tu é daqui ne Lari/ nasceu aqui então é uma relação diferente da que o Felipe tem/ E teus familiares/ alguns tão aqui?

Luiza: Sim/ Todos moram aqui/ Eu tenho uns parentes em Bagé mas a maioria/ a minha família mora aqui/

Pesquisadora: Claro/ Sim/ então já tem a carga emocional tipo da família aqui/ Então tu é mais daqui/

Luiza: É/ Aquilo de querer voltar pra cá depois de alguns anos/

Pesquisadora: Tu tem (.) essa ideia/

Luiza: Eu tenho/ Quero vir morar aqui depois de alguns anos/ depois de estudar trabalhar tipo eu quero ter a minha vida/ eu quero voltar pra Aceguá/ Ah que legal hh/ Bom saber/

Felipe: Eu também voltaria/

Pesquisadora: Tu também voltaria?

Felipe: É/ Um dia eu voltaria/

Pesquisadora: Tu um dia voltaria/ Então tu não gosta por essa questão tipo (.) de não ter emprego/ mas tu voltaria porque tu gosta/

Felipe: Eu sei que quando eu for embora eu vou sentir saudades/ É/

Pesquisadora/ Tu vai sentir saudade/ É::

Luiza: Da calma/ Tem essa coisa/

Felipe: Daí tipo a gente quer sair pra praça/ fica a meia quadra da minha casa/ A gente quer/ por exemplo/ tipo a gente quer dirigir aqui sendo menor de idade a gente pode dirigir/

Pesquisadora: Sim/ Sim/ Tu pode andar até tarde porque ↑índice de assalto/ eu nem sei se tem assalto em Bag- em Aceguá/

Luiza: Sim/ deixa a janela aberta/

Felipe: Tipo a gente sai/ a gente desce pra ir no mercado e o carro fica aberto/ Sabe que nada vai acontecer/

Luiza: Aqui todo mundo se conhece/

Felipe: É/ a gente sai/ deixa a casa aberta/

Pesquisadora: Sim é muito legal essa relação/

Felipe: Tipo a gente sabe que se acontece qualquer coisa a gente tem o vizinho/ se precisar/

Luiza: Isso é bom também/

Felipe: e a gente sabe que numa cidade grande isso não vai acontecer/ tipo vai mudar a nossa rotina ... totalmente/

Pesquisadora: Que bom/ eu também curto bastante em a Aceguá a paisagem né?

Luiza: É/ é lindo/

Pesquisadora: Eu acho que é um dos pampas mais lindos/ eu não sei se vocês já (.) andaram assim por outras cidades que pegam o pampa tanto assim no Rio Grande do Sul quanto no Uruguai assim/ A paisagem que existe aqui pelo menos entre Aceguá e Bagé aquele pampa é muito bonito/ É muito bonito/ Acho que vocês estão privilegiados por estarem na fronteira e de estarem vivendo um monte de coisas diferentes que pra um monte de pessoas é inimaginável/

Luiza: Ter a duas culturas aí/

Pesquisadora: Essas duas culturas aí/ essa mescla/ essas línguas que circulam aqui/ E esse monte de coisa/ agora que vocês disseram que vocês podem fazer que hoje em Bagé não se pode fazer nem pensar né/

Luiza: Não/ hh;

Pesquisadora: Então é isso::/

Transcrição na íntegra - Narrativa II

Pesquisadora: Bom Sara/ eu vou::: começar te perguntando/ Queria que tu te apresentasse/ falando teu nome/ tua idade se tu quiser/ e a tua cidade de nascimento e o que tu fazes aqui em Aceguá/ Tua profissão ou

Sara: Bom meu nome é Sara/ Eu tenho 39 anos/ Eu sou dona de casa/ do lar ajudo de vez em quando meu esposo na empresa que a gente tem junto/ cuido dos nossos filhos/

Pesquisadora: Sim/ E tu nasceste aqui em Aceguá mesmo? E sempre morasse aqui?

Sara: Eu nasci em Aceguá mesmo/ do lado Uruguai/ Sempre morei/ Eu (.) com 15 anos eu fui morar em Melo/ morei 3 anos/ Depois eu morei em Montevideú 10 anos/ E eu voltei pra Aceguá de novo/

Pesquisadora: Com quantos anos voltasse pra cá? Com 20.

Sara: Eu voltei com 20/ (.) e a gente morou em Bagé 3 anos daí a gente veio embora para Aceguá/ para começar um negócio aí a gente veio embora para Aceguá.

Pesquisadora: E aí nesse meio tempo quando tu estudava sempre foi do lado uruguaio?

Sara: Eu estudei sempre no lado Uruguai até o sexto ano/ e como meu pai era muito relaxado não tinha documento então compra avançar/ eu tinha que tirar os documentos e aí meu pai não tinha me tirado/ e eu não consegui estudar e aí eu não pude estudar nada/ Aí depois de 16 anos teve a oportunidade de estudar no EJA que trouxeram para o barão/ aí eu fui lá e me inscrevi e comecei a estudar sim/

Pesquisadora: Sim/ aí começasse estudar no lado brasileiro no lado brasileiro?

Sara: Do lado brasileiro/

Pesquisadora: Por quantos anos tu ficou lá?

Sara: No Barão ... eu fiz 4 anos/

Pesquisadora: 4 anos e tu te adaptou porque tu sempre estudou no Uruguai?

Sara: nos primeiros meses não porque é muito difícil sim a matemática português é muito difícil/ porque tem coisas que tu fala de um jeito e tu escreve do outro então aí dificulta muito/ e o *portuñol* dificulta mais porque eu sempre escrevi em espanhol fica difícil/ tu vai escrever uma coisa em português tu tem

que te dar conta que tá errada e às vezes é muito difícil/ mesmo até na sala de aula a professora vai fazer um ditado por exemplo que a maioria dos professores/ Eles leem né/ e para te escrever eu tinha que escrever e depois chegar em casa/ e refazer tudo de novo/ porque tinha muitas palavras que tavam errada

Pesquisadora: Claro os professores consideravam como errado daí

Sara: E no momento das provas às vezes no final do bimestre/ eles revisam os cadernos (.) dos alunos do EJA/ eles revisam para saberem se tu tem a matéria/ porque eles avaliam tudo isso né então para ti não passar vergonha então tu tem que refazer tudo pra não passar vergonha/

Pesquisadora: E aí eles chegaram vão a te falar alguma coisa ou tu revisava tu antes e não deixava?

Sara: não/ muitas vezes eles eles diziam que sim que tinha palavra que tava errada/ e eu ali corrigiam (.) e te dá uma vergonha daquelas/ tu não sabe escrever correto mas/

Pesquisadora: sim/ mas uma forma que tu sempre falou né que é o *portuñol*/ muitas vezes os professores né/ A maioria não sei pelo menos os que eu convivi aqui pelo menos no Barão são de Bagé né?

Sara: são/ são todos de Bagé/ o portunhol eles não entendem/ para tu ver mesmo a professora de espanhol/ eu não consegui me concentrar com ela/ porque eu ficava muito brava porque ela falava errado espanhol/ eu dizia para ela/ me deixa que eu leio para senhora/ fique sentadinha que eu leio para senhora/ porque eu sei ler direito/ é a mesma coisa do português muitas vezes eu ia ler as coisas e não conseguia ler direito (.) Por tu vir do Uruguai estudar no Uruguai e é tudo diferente; recém agora que eles colocaram português como matéria no Uruguai; porque antigamente/ na minha época não tinha/

Pesquisadora: sim/ sim/ claro/ mas como tu sempre morou aqui em Aceguá/ tu teve o contato com português né então para entender assim/ conversando contigo nunca foi problema né?

Sara: não

Pesquisadora: mas na escrita né

Sara: mas às vezes algumas coisas eu falo errado aí meu esposo vem e me ↑corrige

Pesquisadora: hh

Sara: aí eu fico furiosa de brava porque tu fica ↑brava quando vem tentar corrigir o que está fazendo/ Mas tu sabe que está errado que tu deveria de aprender o certo mas igual/ tu fica brava quando tu disse olha

Pesquisadora: mas você se entendem com essa língua aqui

Sara: não com certeza

Pesquisadora: então/ não/ não é/ que há de errado nessa língua/

Sara: o errado é tu escrever porque tu fala de um jeito e escreve do outro/ então aí aí complica/ aí tu escrever direito tu vai fazer uma prova onde vão corrigir/ tu tem que escrever direito né (.) não tem como

Pesquisadora: Sim/ claro os professores cobram do lado brasileiro vão te cobrar o português/ Claro/

Sara: aqui de cobra mais/ por exemplo a professora de português ela vai te dizer óh/ muitas vezes ela/ ela me disse ah Sara esse texto tem algumas relê de novo e tenta fazer direito/ porque tem algumas coisas que estão erradas ou às vezes até tu erra numa letra só/ mas tu erra então aí ele te deu uma chance de tu corrigir/ mas é difícil não é fácil

Pesquisadora: e com os guris assim com os teus filhos/ ele sempre estudaram na escola brasileira/ como é que tu vê eles já desde/ eles nasceram no lado brasileiro?

Sara: Sim/ eles/ os dois são brasileiros nasceram na Santa Casa Bagé/

Pesquisadora: Bagé

Sara: o João fala português perfeito/ perfeito/ perfeito/ começo desde/ começou a falar com 8 meses tá/ e às vezes até se a gente fala alguma coisa errada ele corrige tá/ o Pedro já fala meio entreverado aí ta/ (.) mas mas ele não sabe

Pesquisadora: Quantos anos eles têm?

Sara: o Pedro tem oito e o João tem 12/ o João fala o espanhol não fala ele perfeito mas fala/ o Pedro arrasta/ não consegue falar recém/ tá mas recém tá aprendendo

Pesquisadora: mas eu lembro do João ele fala na escola/ ele falava muito bem muito bem espanhol/

Sara: sim espanhol sim

Pesquisadora: e aqui dentro de casa/ sim

Sara: aqui a gente só fala português/ a gente não fala espanhol porque eu não gosto/ eu não gosto de falar isso/ espanhol só escrever eu gosto/ mas de falar não

Pesquisadora: aí é mais o português dentro de casa

Sara: é aqui é só o português dentro de casa

Pesquisadora: e seu esposo é brasileiro?

Sara: ele é brasileiro pesquisador brasileiro/ sei lá mas ele fala o espanhol também

Pesquisadora: claro porque tá na fronteira/

Marido de Sara: eu sou uruguaio <trecho inaudível>

Sara: Na verdade é brasileiro/ porque nasceu na Santa Casa/ eles registraram no Uruguai

Pesquisadora: hh /assim é muito comum aqui né?

Sara: Nessas épocas assim

Pesquisadora: e outra coisa que eu queria saber assim como é que a tua vida aqui na fronteira Sara/ por mais que tu me falou assim chegar até morar em Montevideu em Bagé mas grande parte ficou aqui em Aceguá né/ aí eu queria saber como é que a tua rotina aqui na fronteira/ como é que tu ver essa relação aqui em Aceguá/ na fronteira do Brasil com Uruguai/ e como é que tu te relaciona com quem tá do outro lado?

Sara: normal

Pesquisadora: para ti é normal

Sara: é como se não não existe essa de fronteira é normal é Aceguá/ é Aceguá tanto do lado do Uruguai- porque eu já morei do lado uruguaio/ morei do lado brasileiro/

Pesquisadora: sim/ agora tu tá do lado brasileiro

Sara: sim agora eu tô/ mas faz uns meses eu morava no lado uruguaio tá/ só a única diferença você quanto vai pagar as contas é diferente/ hh/ mas demais eu acho normal as pessoas curtem/ tem umas uruguaias que tu tem que falar em espanhol com ela/ tem outras que não mas não tem diferença porque tu mora numa fronteira/ mas no fim é tudo a mesma coisa/

Pesquisadora: tudo a mesma coisa e circulam independente-

Sara: tudo/ não precisa tu vai e vem normal

Pesquisadora: sim e dentro da escola tu acha que existe um tratamento diferente para se o aluno é brasileiro? O que tu percebeu assim?

Sara: existir existe como tu é uruguaio tem muitas coisas que tu não sabe e que depende do professor te ajudar ou não/ e eu no meu ponto de vista lá no A⁴³ me ajudaram muito tá/ eu que vim do Uruguai/ às vezes eu pedia mais de uma explicação/ eles que explicavam tá/ eles são mais tolerantes quando vai fazer as provas/ porque eles sabem que tu vem de outro lugar/ que tu não entende muito/ Às vezes a matéria e aí eles ajudam muito/ e no B a mesma coisa/ quando tu vem do Uruguai e tu tem um apoio maior para poder encaixar junto com os outros/ porque às vezes pode até ficar para trás na sala de aula/ por tu não entende as coisas mas eles ajudam bastante/ e eu fui/ a mim ajudaram muito porque tu vê 16 anos sem estudar/ quando tu vem tem matérias que tu nem nunca conheceu (.) e é difícil/ e tu tinha que chegar e quebrar a cabeça para tentar fazer todas as coisas para outro dia entregar tudo de novo/ se tu não sabe hoje em dia a internet te ajuda muito/ porque tu vai lá/ pesquisa/ (.) tem dicionário/ tem tudo/(.) mas às vezes/ eu chegava na sala de aula e tu não consegue/ aí os professores vem/ eles te ajudam/ eu dou graças a Deus; não tenho que falar deles né

Pesquisadora: sim/ sim/ sim/ claro/ não isso aí é importante/ eles compreenderem (.) que que tu vem de uma outra forma de ensino/ e fora o tempo que tu ficou né mas fora da escola

Sara: às vezes o que te incomoda são os teus colegas né/ porque tu ser/ tu vem de outro lugar que falam outro idioma/ que tu não entende muito/ eles não entendem muito porque os professores te ajudam mais a ti que a eles

Pesquisadora: sim

Sara: mas aí os professores explicam né/ E como tu vem que tu fala outra língua que tu escreve de outro jeito né/ aí que eles tem que te ajudar/ para tu poder encaixar junto com ele seguindo a mesma rotina deles

Pesquisadora: outra pergunta/ Quando a gente fala em fronteira a gente fala muito sobre o *portuñol* que era isso como tu tava falando/ que às vezes os professores vêm de fora e eles não entendem o que vocês falam aqui/ porque para eles lá é só português/ e para eles e lá eles acham que aqui é só o espanhol/ ↑ e que não existe algo no meio disso que é o *portuñol* / E aí eu queria saber o que que é para ti é o *portuñol* e se tu tem o costume de falar essa língua como tu já comentou que o próprio Pedro fala entreverado/ e em quais situações que tu fala o *portuñol*? se tu te sente à vontade falando com ele o que que é para ti/

⁴³ A e B, neste caso, referem-se ao nome de duas escolas do município de Aceguá.

Sara: Olha/ a vontade eu não me sinto muito/ porque e quando às vezes têm palavras que vai com R que eu não consigo pronunciar/ Então eu fico incomodada/ eu não falo; eu penso e eu falo em português (.) que não tem problema de arrastar o R/ Mas é bom (.) se veio uma pessoa do lado uruguaio fala contigo em espanhol tu tem que responder do mesmo jeito/ porque tem muitas pessoas que não entendem/ que não compreende o português/ então eu falo tem algumas coisas que eu arrasto (.) / outras que é bem fácil de falar

Pesquisadora: e pra ti o que seria esse *portuñol* / ele é diferente do espanhol para ti/ é diferente? o que que tem de diferente

Sara: é o que eu digo o espanhol/ o *portuñol* / Nossa não tem nada a ver com espanhol que que ensina nos colégios/ porque o espanhol que ensinam na escola é da Espanha/ o nosso é porque nela tem coisas que tu vai dizer se expressar de maneira que pra nós não é normal/

Pesquisadora: sim/ sim/ são expressões diferentes pras mesmas coisas

Sara: objetos qualquer/ nome/ só estão tudo diferente do espanhol que a gente aprendeu do colégio/ porque no colégio uruguaio tu aprende *portuñol* / mas não é o mesmo espanhol da Espanha/ então às vezes tem dificuldades para fazer as coisas para falar porque que dizem assim::: vamo num caso né (;) pegar um objeto *coger* tá/ para a gente para o *portuñol* / nossa isso é um palavrão (.) então aí tu tem que pensar no que vai falar/

Pesquisadora: e como é que vocês falam

Sara: E aí a gente não fala/ Eu por exemplo não falo porque já aconteceu isso de eu falar com a professora de espanhol e ela me disse assim ::: como é "*cogime esa taza*"

Pesquisador: sim

Sara: que seria/ me levanta essa xícara/ e eu fiquei olhando para ela/ e eu disse não isso aí eu não vou dizer porque no meu vocabulário isso é um palavrão/ daí ela ficou/ se surpreendeu/ me perguntou/ é porque eu disse é porque no *portuñol* é um palavrão/ tá mas tu tem que dizer sim /mas eu não quero dizer/ aí ela me deu outra palavra pra mim de um objeto no banheiro e não sabia que que era/ porque no meu *portuñol* não era isso/ e eu dizia para ela mas o que a senhora está me ensinando é espanhol da Espanha/ Não é o que eu sei falar/ é diferente/ completamente/ diferente um montão de coisa

Pesquisadora: Sim eu lembro também uma situação quando eu tava no estágio que eu falei molho (.) que que a gente aprende como *salsa* né/ E aqui vocês usam outra palavra

Sara *Tuco*

Pesquisadora: isso mas aí eu disse não faz boa gente molha *salsa* não é molho em Espanhol os professores como não é eu não sabia claro você tem uma outra variedade do espanhol ainda mais com a mistura do português que torna esse *portuñol* a gente fala *tuco* mas nunca que eu tinha ouvido falar

Sara: Mas tu vai/ por exemplo/ pedir uma massa com molho num restaurante uruguaio/ eles não vão saber o que está pedindo massa é *fidel* e o molho é *tuco* então eles não vão saber se um pesquisadora sim/ risos

Sara: por isso as vezes é difícil (.) é difícil tanto para nós que a gente fala espanhol/ *portuñol* quanto para o português mesmo umas palavras isso aí

Pesquisadora: é muito para quem vem de fora é bem bem diferente/ ↑ E eu queria saber assim o português e o espanhol como tu já falou/ em que momentos tu tem preferência em utilizar o português/ como tu falou é mais em casa né mil espanhol que utiliza quando vem o Uruguaio e não sabe falar/ Foi o que tu disse né?

Sara: isso/ o português eu normalmente utilizo ele sempre/ porque o nosso dia a dia a gente fala mais com brasileiro que uruguaio/ Mas se a gente passa lá para o outro lado uruguaio que tem comércio e coisas que tu precisa falar aí tu tem que falar/ aí eu falo mas não é uma coisa assim às vezes a gente vai a Melo a gente tem que falar (.) o espanhol *más*

Pesquisadora: mas agora mesmo tu tava falando com a tua vizinha

Sara: com a minha vizinha

Pesquisadora: falando português comigo e com ela

Sara: É porque a minha vizinha não entende português

Pesquisadora: aí tu fala espanhol com ela

Sara: e eu falo espanhol com ela/ e têm coisas que eu não falo↑ eu falo em português e ela fica me olhando/ e me diz assim o que que tu disse

Pesquisadora: hh

Sara: E aí eu vou lá para que ela não ia né Eu numa época eu tive “freninge” que dizem é uma coisinha que fica na língua assim que tem que cortar e a mim nunca me cortaram/ então quando eu ia no colégio professor o diretor me fazia ficar na frente/

Pesquisadora: pode atender aí eu paro aqui/

Pesquisadora: hh/ e aí ela não te entende e tu...

Sara: não/ ela não entende nada nada que tu fala o que tu fala devagar se tu disser algo coisa para ela de me dizer alguma coisa com R eu não vou te responder então ela faz de gosto porque ela me diz *caturrita* e eu não pronuncio *caturrita* em Espanhol/ porque é com dois R para mim fica difícil aí tá/ Que contava no colégio porque quando eu tava no quinto ano mais ou menos o diretor me levou para sala dele me botou na frente do espelho para mim pronunciar várias vezes a R e eu não conseguia

Pesquisadora: tu sabe que eu tenho uma tia uruguaia eu tenho uma tia brasileira que mora mais de 40 anos no Uruguai e ela não consegue pronunciar esse R também só o "rã"/ Então é *perro* ela não consegue fazer "rã"

Sara: *Perro* é::: *rato*

Pesquisadora: *trabajo*/ né tudo

Sara: não eu não consigo por isso às vezes que eu vou falar/ que eu tô falando espanhol eu penso o que eu vou falar para não falar com r

Pesquisadora: evitar palavras/ hh

Sara: toda toda palavra para evitar para evitar palavra / <som de porta abrindo>
::: hh

Pesquisadora: Depois aqui também comentasse um pouco sobre isso/ vou te perguntar se tu já viveu uma situação que seja na escola ou fora dela né/ em que tu usaste alguma expressão (.) tanto na fala como na escrita e tu não foi compreendida/ por exemplo na escola ou que não gostaram da forma como tu falou e tu escreveu (.) justamente pelos professores virem de Bagé/ Eles não estão acostumados com esse português que tem um acento diferente do que eles falam lá em Bagé/ Então tu já viveu já até comentou quando a professora te disse de uma forma que eu não conhecia aquela expressão e tu já viveu isso também na escrita como tu já comentou né/ Tu lembra de alguma outra situação?

Sara: nas provas quando a gente fazia que a gente tinha que responder em espanhol/ várias vezes eu respondi errado/ e eu entregava prova para ela e depois ela vai botar vão é a mais ou menos tá/ ela e dizia/ não/ não era assim porque/ É como eu digo é diferente ao *portuñol* meu e o que eles ensinam no colégio/ completamente diferente/ então às vezes o raciocínio assim por exemplo te dar um raciocínio de um cozinheiro da cozinha como eu me lembro/ que ela colocou de um chefe de restaurante que tava fazendo uma receita e pediram para ele um prato de comida e ele serviu o prato e não era o que tinha um pedido/ E ela queria que a gente explicasse só que como eu não entendia (.) o espanhol dela/ eu não conseguia com as minhas palavras e ela ficou bem brava porque ela dizia mas como se tu sabe o *portuñol* / como tu vai estar

como tu não vai saber/ aí eu tentei explicar que não tem condições de fazer isto não entende se tu não sabe

<O áudio começa no meio de uma conversa>

Sara: e porque sabia o que ia te acontecer e por que o senhor fez isso comigo porque não me disse que eu tinha que trazer? não só para ver como tu te vir aqui em Porto Alegre e aí toda vez que eu ia no mercado

Pesquisadora: hh/ ↑imagina ainda em Porto Alegre/ que tá bem longe da fronteira/ ainda se fosse assim Bagé:::/

Sara: mas às vezes se vai um castelhano em Bagé não entende/ o meu vizinho foi outro dia/ ontem foi com Luiz numa casa de autopeças lá/ porque ele trabalha com maquinário agrícola (.) / dessas bem sofisticada/ aí foi comprar/ e o homem não entende a ele e ele não atende e passaram um bom tempo para tentar/ até que ele escreveu para poder entender ele escreveu e o cara leu aí desse jeito/ ele é que nem surdo mudo/ porque tem que ser né senão ele não entendia porque às vezes não entende não adianta aí eu posso falar alguma coisa se não vai entender também porque o nosso *portuñol* de vocês em português fechado/ então eu aposto que não vai entender/ ↓mas ela não entende nada/

Pesquisadora: E tu já viu assim que esse tempo que tu ficou esse tempo que tu ficou na escola brasileira/ assim algum colega que era uruguaio e passando alguma dificuldade algum constrangimento alguma coisa assim por usar o *portuñol* ou essa forma de escrita que os professores consideram como ↑errada ou tu nunca viu isso muito claro assim

Sara: eu já vi uma professora de português e uma colega que tinha que fazer um texto/ e ela fala espanhol fechada mesmo e ela dizia que não entendia/ e a professora dizia para ela que ela teria que entregar o texto (.) / e aí ela perguntou quantas horas ela tinha que entregar o texto/ porque tinha que traduzir o texto para fazer/ e ela disse que ela teria uma hora e meia/ quando ela foi embora a gente ajudou ela traduzir para ela poder ler o texto direito aí a professora voltou e disse para ela/ mas como tu fez tão rápido assim/ no começo nem sabia fazer/ e ela ficou muito triste/ depois e ela disse que ia desistir porque ela não entendia/ Mas tá o bom como eu digo do EJA é que daí eles te incentivam/ os professor/ tá conversando e debatendo a gente falou com a professora quer dizer eu já não falo e dou indireta já direto/ Eu disse para ela que ela tinha porque no meu modo de pensar ela tinha se comportado errado/ porque ela tinha que explicar para ela como é que era já que dá a chance dela/ Como ela vem do Uruguai ela não sabe pesquisador assim como ela ia querer desistir por causa disso/ porque a professora não ajudou/ uma porque acho que não tinha muita força de vontade/ porque eu acho assim se tu

vem do lado Uruguai e tu vai para o lado brasileiro tem que ter muita força de vontade para poder entender tudo

Pesquisadora: sim/ ela ia querer desistir por causa disso/ porque a professor não ajudou/

Sara: aí mas eles se ajudam bastante/ Mas ela desistiu/ hoje ela tá fazendo X⁴⁴ em Bagé/ mas ela não terminou o terceiro ano/ eu não sei se aceitam depois de fazer o curso se aceitam sem o terceiro ano (.) do colégio/

Pesquisadora: não sei como é que é

Sara: não sei/ mas ela não terminou ela dizia que era muito difícil que ela não entendia/ mas já dizia tu é mais jovem que eu eu passei 16 anos sem estudar/ quando eu vim estudar eu mandava porque não sabia ↑nada/ eu tinha/ e muitas vezes que para internet porque era sozinha/ não sabia cheguei em casa um dia desse para o Luiz disse eu tenho isso para fazer/ ah Sara lá eu te apoio em tudo mas eu não sei te ensinar como fazer/ eu disse tá me viro sozinha/ aí comecei a fazer procurar a internet pesquisar tá E aí foi fácil mas não é não é tão fácil assim

Pesquisadora: é ainda mais ficar nesse tempo parada né

Sara: é porque hoje em dia os guri/ os guri de hoje em dia não estudam porque não querem porque tem tanta chance né

Pesquisadora: é a internet e tudo mais

Sara: eu se pudesse teria terminado de estudar mas naquela época visse/ sem documento se tu não tem documento; meu pai foi me registrar com 16 anos/ era uma vergonha que não tem uma identidade ::: e se tu passava de ano tu tinha que ter identidade pra poderem te registrar em ali/

Pesquisadora: Sim/ e agora tu tem identidade brasileira aqui eu só tem a

Sara: só uruguaia

Pesquisadora: só uruguaia

Sara: eu sou legítima (.) aceguaense legítima hh

Pesquisadora: sim/ hh/ e aí Sara gostaria de saber assim como tu te sentes vivendo aqui na fronteira e sabendo lidar com todas essas línguas/ porque para quem tá longe da fronteira/ quem chega aqui nossa eles tem essa facilidade ta no Uruguai e tá falando com o brasileiro daqui a pouco esse *portuñol* / Então como tu te sente assim que tu acha que essas línguas influenciam na tua vida assim tu acha que elas fazem parte da tua vida de como tu é o que seria a tua

⁴⁴ X, neste trecho, refere-se a um curso técnico.

achei que seria a Sara sei lá tem que saber falar espanhol o *portuñol* o que seria a Sara sei falar o português que que é? o que tu pensa sobre isso?

Sara: Ah é bem legal

Pesquisadora: tu te sente bem sabendo? eu queria saber se sente bem?

Sara: eu sim porque assim óh tu te sente útil/ saber que tu vai no lugar e tem uma pessoa que tá falando *portuñol* com uma pessoa que fala português/ tipo como a minha vizinha eu me sinto feliz de poder ajudar ela porque eu sei que ela vai ali no X⁴⁵ e ela não entende nada de te explicando para ela e cada vez que ela vai ali ela vem me chama a me chama de "moletto" podes vir comigo?/ não é incomodo nenhum vamos lá/ lá vou eu com ela sim e tu te sente útil porque tu sabe que a pessoa precisa é que tu pode ajudar uma pessoa que é muito bom ajudar os outros/ então é muito bom saber as duas eu gostaria que ela aprendeu também que ela aprender sozinha tipo e não lugar comprar; por exemplo e trocar dinheiro; por que vai ter que ir com alguém que traduza o que eles estão dizendo ou a pessoa fala devagar ela entende ou a pessoa falar rápido/ e ela não entende/ então é muito bom sim/ bah

Pesquisadora: sim/ sim/ aconteceu assim quando eu cheguei em Aceguá há dois anos atrás assim e eu vi essa facilidade dos alunos em simplesmente eles tão falando em português comigo e vira para o colega e começa a falar do nada espanhol/

Sara: e tem gente que fica assombrada com isso né

Pesquisadora: é eu tive essa reação eu percebi isso agora conversando em português contigo e chego a tua vizinha ele começou a falar espanhol com ela

Sara: às vezes tu vai no armazém/ eu vou no armazém ali e nesse armazém entra uruguaio/ brasileiro e como o peso hoje em dia está bom para comprar aqui no Brasil/ eles vem fazer o rancho dele né/ então de repente tu tá falando com uma pessoa em português de repente a outra fala e às vezes te mete na conversa porque a pessoa pede informação do valor das coisas e o outro ↑ não entende/ e a gente já vai ajudar já/ e é muito engraçado/ (.) o porque o outro dia me aparenta dali foi pedir carne que queria::: um pedaço de carne e ela não entende o que ele dizia/ e eu fiquei quieta né/ tava comprando a minha carne fiquei quieta e eu olho para ela e digo assim mas hein (.) parenta mas tu tá aqui faz tempo e não entendi o que eles falam/ ai não consigo entender/ tá mas tu tem que ir aprender o espanhol ou básico *portuñol* ali (.) porque se tem tanto castelhano/ aí tu tem que saber o que eles vão te pedir senão toda hora tu vai pedir/ oh seu José que que o Fulano quer aqui que eu não entendo/ é a mesma coisa do português eu estou ajuda as pessoas a falar que precisa/ mas é muito bom parte sentir útil

⁴⁵ X, nesse trecho, refere-se ao nome de uma escola.

Pesquisadora: hh/ sim/ inda mais sabendo falar várias línguas

Sara: e as pessoas às vezes tu vai a Bagé por exemplo/ eu faço isso as vezes de gosto/ eu vou a Bagé e vou com alguém assim/ e converso em espanhol/ e se eu vou ela conversa

Pesquisadora: hh/ coisa boa isso

Sara: e é muito engraçado eles te olharem e dizerem/ olha/ olha lá maneira que ela fala/ assim muito legal isso/ aí de te falarem assim/ porque se dão conta (.) a parte do sotaque daqui é diferente/ sabe quando a pessoa é da fronteira/ porque eu não sei como eles fazem mas eles te dizem/ aí onde tu mora? Aceguá/ ah sabia que tu era da fronteira

Pesquisadora: sim/ sim/ hh/ Eu queria te dizer assim/ é um acento diferente do português/ teu português é diferente do meu/ assim do meu dá para ver que tu tem assim a influência muito forte provavelmente quando tu vai para Melo eles percebem a tu é da fronteira teu espanhol tá

Sara: e eles percebem mais porque o normal é que a gente os quatro quando a gente sai a gente fala em português a gente não fala em espanhol porque dentro de casa é assim/ até a minha irmã que mora em Montevideu a gente fala em português sempre sempre fala em português

Pesquisadora: fala em português

Sara: e na casa dela/ onde ela mora/ ela fala em português/ mas ela trabalha com judeus que falam espanhol fechado/ muitas vezes eu trabalhei na casa que ela trabalhava né/ E quando eu ficava brava eu falava em português/ e a mulher me dizia assim porque tu fala essa língua se eu não entendo/ e eu dizia eu é que não foi em colégios pago (.) não? te ensinaram português?

Pesquisadora: hh/

Sara: e ela me dizia assim/ ah Sara não me balbucia Sara/ eu dizia não mas se tu sabe falar se tu estudou em escola e os caras tem que saber falar alguma coisa entendeu/ alguma coisa tu vai para o Rio São Paulo viajar que eu não entendi quanto chega lá o que tu faz? ah mas lá tem as pessoas que sabem várias línguas e elas falam/ olha não sabia disso muito engraçado/ e aqui na fronteira é muito bom de morar/

Pesquisadora: hh/ tu gosta de viver aqui em Aceguá?

Sara: eu adoro ::: aqui/ não será o paraíso como eu digo/ porque acontece às suas tragédias essas coisas assim/ mas tu dorme de porta aberta (.) carro aberto (.) por exemplo o nosso carro várias vezes tem ficado com material para trabalho aberto as janelas de casa aberta (.) então é uma paz daquela

Pesquisadora: coisa boa né sim e essa paisagem ainda na frente da janela linda

Sara: que eu gosto de me sentar de noite e te olhar o céu eu olho olho ontem a gente na minha vizinha só que tinha muito mosquito a gente entrou para dentro e é muito bom aqui a paz daquelas/ Claro tem seus movimentos/ tem suas pessoas estranhas que tu ver que as vezes que eu te assusta porque às vezes vem de uma cidade pacata tranquila né/ mas às vezes pode acontecer alguma coisa né

Pesquisadora: sim

Sara: mas demais todo mundo se conhece

Pesquisadora: sim uma cidade pequena

Sara: uma cidade pequena/ todo mundo sabe da vida de todo mundo/

Pesquisadora: hh

Sara: mas é só tu viver como eu vivo aqui/ dentro/ sair antes quando a minha mãe era viva/ eu ia na casa da minha mãe/ agora não/ aqui vivo no meio das flores/ de lá para cá/ limpando/é bem legal/ assim vou levando/ ajudo o Luiz de vez em quando/ eu não entendo muito as coisas que ele faz/ mas eu ajudo ele bastante/ atendo o público/ que na minha casa tem um montão/ porque como a gente tem uma empresa de ::: internet/ então tu trabalha muito com o público (.) tanto espanhol como português/ que tu tem que falar durante o dia às vezes/ quando vem para pedir alguma coisa/ então (.) tem que trabalhar com os dois idiomas

Pesquisadora: Sim/ hh/ claro/ que bom/ então é isso Sara/ não sei se tem mais alguma coisa que queira falar?

Sara: não

Pesquisadora: porque eu gostei bastante da nossa conversa/ hh

Sara: ué quando quiser voltar de novo

Pesquisadora: pode ter certeza que eu vou voltar e vou falar com essa gurizada/ hh.

Transcrição na íntegra - Narrativa III

Pesquisadora: então tá Mônica/ tudo bem? eu queria que tu te apresentasse/ falasse de novo aqui o teu nome/ a tua idade se tu é onde tem onde tu nasceu/ Se tu é daqui da fronteira e contasse um pouco de ti/ da tua rotina aqui em Aceguá/

Márcia: é/ meu nome é Mônica/ eu tenho 38 anos/ eu sou daqui/ toda vida né (.) morei aqui e algum tempo fora no exterior/ morei no Uruguai muito tempo/ depois eu morei na Europa também muito tempo/

Pesquisadora: sim/ ah que legal/ então tu nasceu do lado uruguaio aqui de Aceguá?

Mônica: nasci do lado uruguaio/ Uruguai/

Pesquisadora: mas aqui e agora é o lado brasileiro? Sim/ Claro/

Mônica: agora eu moro do lado brasileiro eu tenho toda documentação de estrangeiro eu tenho uma filha que é (.) a minha primeira filha é o uruguaia e a minha segunda filha que é brasileira/ eu optei por ter ela no Brasil (.) por n motivos que era muito melhor eu achei muito melhor na verdade acho que não me arrependo hh as duas minhas duas filhas estudam na X à escola aqui do lado brasileiro e pretendo no dia de amanhã que elas sigam estudando no Brasil/

Pesquisadora: no Brasil/ tudo é mais vantagem delas estudarem aqui?

Mônica: muito mais vantagem para o profissional/ acho que é mais rentável estudar no Brasil hh por ser menos tempo de estudo e por eles terem um reconhecimento muito maior das profissões (.) que no Uruguai/ não sei mais o que eu posso contar/

Pesquisadora: e como que a tua rotina aqui? tu trabalha? no lado brasileiro/ no lado uruguaio?

Mônica: eu/ a minha rotina é tranquila/ é eu gosto muito de Aceguá/ eu ... quando morei fora senti muita falta/ justamente por ser pequenininho e todo mundo se conhecer/ não tem quem a gente não conheça/ tanto que tu me perguntou/ ↑de três ou quatro pessoas que tu já fez a entrevista eu conheço todo mundo/ não tem jeito de tu não conhecer em Aceguá se tu é daqui/

Pesquisadora: Sim/ Já conhecia/ Sim/

Mônica: a minha família também é daqui mesmo que tem a minha mãe a minha irmã mora em Melo/ Depois tem as minhas tias a maioria mora em Bagé/ Mas aqui tem muita gente também/

Pesquisadora: a tua família é bem mesclada assim? tem brasileiros e uruguaios?

Mônica: exatamente/ tem/ tem tudo

Pesquisadora: tem tudo/

Mônica: os mais novos/ eu acho que são mais brasileiros/ os mais velhos são uruguaios ... é muito bom/ que dizer da minha rotina? a minha rotina eu não trabalho/

Pesquisadora: sim

Mônica: porque eu trabalho na minha casa/ hh com as minhas filhas/ e a gente/ eu tomo conta dela maioria do dia/ (.) eu faço aqui tudo que uma dona de casa faz/ é/ é arrumo/ organizo/ mando para escola/ pego da escola/ levo pro curso/ volto/ e aí acabou o dia/ quando vai ver/

Pesquisadora: Sempre aqui pela cidade assim?

Mônica: sempre aqui/ eu tentei um tempo levando a Bagé/ só que é muito/ não é que é muito tempo/ só 50 minutos chegou/ só que tu perde uma manhã/ leva/ espera para ela fazer alguma coisa/ aí depois volta/ perdeu amanhã/ ou perdeu a tarde/ quando vai ver/ e eu tenho duas que são 10 e 5 anos/ então ela tem uma diferença/ uma já tá fazendo uma coisa/ outra está fazendo outra/ então eu perco muito tempo/ então eu decidi que não/ que tudo vai ser feito aqui/ o curso de inglês é Uruguai ela faz no Uruguai/ elas sabem falar perfeitamente espanhol/ então elas falam português também falam espanhol/ e elas fazem o curso lá/ fazem o balé desse lado/ e aí ela vão indo/ um pouco lá/ um pouco cá/ assim como todo mundo que mora aqui né?

Pesquisadora: isso que eu ia te perguntar/ como é que tu vê essa relação dos dois países/ assim?

Mônica: é tranquila/ aqui não tem diferença/ tu entra de um lado/ porque não tem a divisa aqui né/ de uma ponte ou coisa assim/ é muito/ então tu não sabe quando tá lá/ quando tá aqui/ tu que mora aqui/ é indiferente/

Pesquisadora: sim/ sim/ é um lugar só/

Mônica: é um lugar só/ e todo mundo/ Tu compra lá/ tu compra aqui/ e tu vai para lá e faz o curso que tem lá que aqui não tem/ e a mesma coisa os de lá/ vem para cá/ mas é tudo/ a gente não vê essa diferença/ o Uruguai e a o Brasil/ não/ só tu vê/ o curso de inglês é dado em espanhol/ hh/ mas se aprende inglês/

Pesquisadora: sim

Mônica: aqui desse lado não tem/ Então tem balé/ Então faz o balé desse lado/ mas se o balé fosse lá também não tem problema/ vai:: para lá/

Pesquisadora: não tem problema/ sim/

Mônica: então é muito tranquilo/ aqui é tranquilo nesse sentido que todo mundo sabe quem tu é todo mundo/ conhece aquela ali? Ah filha da Mônica/ aquela outra mora em tal lugar/ aquele mora em tal lugar/ Ela é filha do fulano/ é sobrinha do/ sabe é um lugar assim/ que eu me sinto em casa/

Pesquisadora: sim/ sim/ claro/ qualquer coisa tu sabe que podem te avisar/

Mônica: sim/ porque a gente tá em casa/ não tem jeito/ aconteceu alguma coisa não tu vai ali na Mônica/ aqui e fala com ela/ é tranquilo/ é gostoso de morar aqui (.)/ tem uns contra também né que/ hh tu tá longe de tudo/ por ser pequenininho/ não tem muita coisa/ tem que te acostumar com essa vida pacata/ tranquila/ ↓ não tem cinema/ não tem shopping/ não tem disso aí/ mas vai indo/ né vamos vendo o dia de amanhã/ quem sabe as minhas filhas vão embora/ eu pretendo também um dia sair daqui/ eu não gosto do frio/ hh não que eu não goste de Aceguá/

Pesquisadora: sim/ sim/ sim/ faz muito frio né? hh venta muito/

Mônica: sim/ aqui venta muito/ direto/ venta no verão e venta no inverno/

Pesquisadora: exatamente

Mônica: é frio e à noite é fria/ por mais que seja verão a noite caiu e vem aquela ventania e fica frio/ tu tem que colocar casaco/ e eu não gosto de inverno/ então eu pretendo um dia/ se Deus quiser/ ir para algum lugar que seja quente mas hh

Pesquisadora: sim/ quente/ hh eu lembro que os dois anos que eu trabalhei aqui/ aí no inverno/ por mais que tivesse muito frio em Bagé/ Eu sabia que quando eu chegasse aqui às 8 horas da manhã/ aí tá muito mais frio/

Mônica: muito mais frio

Pesquisadora: é impressionante né

Mônica: muito::/ sim::/ a temperatura sim é fria por ser alto/ a gente tem aquele vento continuo que às vezes eu fico pensando caraca/ mas o verão passa tão rápido que chegou e não dá tempo de ficar feliz/ acabou/ foi embora/ ↑ e aí já vem o inverno que ele que começa lá em março/ é só acaba em fins de outubro/ e aí depois o verão veio “tum”/

Pesquisador: sim/ hh/ sim/ e hoje já é primavera/ já tá bem fresquinho/

Mônica: não e esse inverno não tem sido frio né/ porque na verdade não tem sido inverno rigoroso/ mas também não é aquilo quente tu não pode andar assim e chove a temperatura daqui não é legal é isso

Pesquisadora eu conheço bem hh

Mônica: tu é daqui? de Bagé?

Pesquisadora: hh/ não/ sou de Bagé/ sou de Bagé/

Mônica: muito parecido também/ escuta eu morei em Porto Alegre/ eu morei um tempo em Porto Alegre; Eu morei um ano e meio em Porto Alegre e era frio/ mas daí tu sai de lá com 20; e tu sabe que vai chegar aqui com – 5/ tu vai chegar com 15 certo/ se tu saiu com 7 tu vai chegar com 2/ é sempre assim/ lá e sempre 5/ 4 graus a mais/ e faz diferença

Pesquisadora: é bem mais frio/

Mônica: essa região aqui é bem mais fria/ bem mais fria

Pesquisadora: e Aceguá se supera/ hh

Mônica: se supera pelo vento

Pesquisadora: é por esse vento continuo né/ <fala sobreposta>

Mônica: no que tem mais assim é tranquilo/ eu não tenho que reclamar de Aceguá/ eu gosto de Aceguá/ gosto das pessoas de Aceguá/ gosto dessa nossa cultura/ assim popular/ no Uruguai um pouco/ lá um pouco cá no Brasil/ com todo mundo sabe?

Pesquisadora: acho que isso é mais interessante que tem aqui

Mônica: é aquela/ é ... o dinheiro do Uruguai que é o peso né/ e o real/ então é aquela mistura/ Mas tu vai lá e compra em reais também/ tu vem aqui compra com peso também/ não tem problema/ a moeda ela circula lá e circula aqui de um jeito que não tem diferença/ do jeito que/ na minha carteira/ eu tenho uns reais e tem os presos/ tem os dois/ tenho sempre/ tenho os dois/ porque tu vai lá/ tu vai tá/ tu termina que tu te acostuma de um jeito que tu não vê diferença/ e aí tem gente que pergunta ai que tem as duas moedas e como é? aí tu demora para fazer/ o que tu já sabe que é tanto e tanto/ agora atualmente um real é 9 peso/ então tu sabe disso aí/ é e aí vai subindo/ vai descendo tu sabe essa subida e descida da diferença

Pesquisadora: e tá na rotina de vocês os valores/

Mônica: e direto/ direto tu sabe o preço das coisas que tem lá/ tu sabe o preço do que tem cá/ tu sabe o que é mais caro lá/ do que aqui porque é normal para gente/ é diário tu não vê a diferença não/ cara isso é muito bom também/

Pesquisadora: Sim/ sim/ e falando um pouco de fronteira/ tu falou um pouco assim de como é segura e tranquila/ e se a gente for pensar em outras fronteiras/ que as pessoas né ficam horas tentando passar lá/ ou às vezes não conseguem né/ e também tem essa questão do lado bom de Aceguá/ nisso que é super pacato/ né/ em relação a língua que a gente tem tanto o português quanto o espanhol/ falou que fala fluentemente nas duas línguas/ mas sempre quando a gente fala e a gente vai estudar sobre fronteira entre dois países assim/ Brasil e Uruguai por exemplo/ sempre veem o *portuñol* / eu queria saber o que tu entende por *portuñol*? se vier uma pessoa assim que é longe/ quem vem de Bagé que está próxima da fronteira a gente sabe/ o que não tá perto da fronteira não sabe o que acontece aqui/ Mas se vem uma pessoa de São Paulo/ lá do meio do país/ que não tem esse contato/ e tivesse que dizer o quê que é o *portuñol* que vocês falam na fronteira como é que eu te explicaria? Eu queria saber/

Mônica: é a mistura das duas línguas né/ e tem muita é inventada/ a palavra inventada que não existe ↑nem lá nem cá/ é inventada/ é uma palavra que tu diz assim da onde que tirou/ mas aí eu não sei da onde/

Pesquisadora: é/ sim/ hh mas que vocês entendem aqui?

Mônica: ↑aqui a gente entende tudo que/ é até esse momento assim/ não surge nada que eu lembre/ mas tem muita palavra que a gente ouve diariamente mas que não está no dicionário em espanhol não tá no em português/ inventado mas teria que fazer um ↑mini dicionário de *portuñol*/

Pesquisadora: eu lembro que já me comentaram isso/ Thaís quando tu chegar aqui e a gente começar a conversar muita coisa tu não vai entender/ hh/

Mônica: não entende/

Pesquisadora: hh/ mas esse é um lado bom/ porque a gente sempre pode conversar/

Mônica: mas eu tenho meu marido/ meu namorado/ como eu sempre falo para ele/ que ele adorou/ vai e quando ele tenta falar português/ ele é assim oh/ uns 60% ↑das palavras/ hh/ ele mistura/ mas aí ele mistura/ ele não inventa/ só que quem é daqui inventa/ tem a palavra inventada que não existe

Pesquisadora: ah a palavra inventada

Mônica: ele não/ ele erra a tradução e a termina falando duas palavras/ a tradução/ outra em português 3 em espanhol e vai indo/ furando as duas mas quem ficam/ *portuñol* um portunhol mais português

Pesquisadora: mas aí tu consegue identificar as palavras

Mônica: consegue/ a gente/ †tu que entende as duas/ tu consegue acompanhar as duas e sabe mas tem aqueles que chegam aqui e dizem assim/ da onde que é essa palavra?/ não conheço/ não tô identificando/

Pesquisadora: essa palavra é só daqui mesmo

Mônica: claro/ só daqui que começa inventar eu acho que...

Pesquisadora: mas se entendem/ se entendem

Mônica: claro/ todo mundo sabe o que é/ todo mundo entende que é essa palavra mas não existe/

Pesquisadora: e tu tem o costume assim de falar em Portunhol ou em que situações assim?

Mônica: não eu acho que eu não tenho costume de falar as palavras essas inventadas daqui/ eu Não misturo assim/ eu tento/ e não sou muito de misturar/ quando eu falo espanhol eu falo espanhol/ quando eu falo em português/ eu não misturo as duas línguas mas não agora não/ inventado eu invento/ tem algumas palavras que sai assim

Pesquisadora: que já é daqui

Mônica: que já é da fala daqui e sai assim como se fosse normal/ só que eu sei eu tenho uma amiga que é do Rio/ e ela dizia o que que essa palavra? já dizia assim/ é espanhol? e eu não/ não é espanhol/ essa palavra inventada não existe/

Pesquisadora: hhh

Mônica: mas ela quer dizer tal coisa/ aí eu falava

Pesquisadora: é o *portuñol* de Aceguá hh

Mônica: é †eu acho que é/ daí eu dizia assim/ eu acho que é da fronteira sim/ quem mora para lá que escuta/ aí ela sempre dizia assim/ ah tá/ aí ela ia entendendo sabe essa essas palavras que a gente diz que um dia desse vou te copiar/ algum dia eu te †mando por whats para tu ler saber hh

Pesquisadora: sim/ sim/ e tu me disse que tu estudou seis meses no Brasil/ na escola brasileira/ em que ano foi Márcia?

Mônica: foi 2014/

Pesquisadora: 2014

Mônica: foi no primeiro semestre de 2014/

Pesquisadora: Tu foi fazer o terceiro ano?

Mônica: foi fazer o terceiro para validar as matérias

Pesquisadora: Sim tu fez através da EJA/ (.) ou?

Mônica: foi EJA que eu fiz/ foi aí que eu conheci a Juliana/ conheci um monte de gente da li do Y⁴⁶/

Pesquisadora: E aí como é que foi pra ti? claro tu tem um domínio do português assim/ mas como é que foi pra ti?

Mônica: a escrita eu era péssima na escrita eu era péssima porque como eu morei longe eu me comunicavam muito por/ ^onaquela época era Messenger ou coisa assim/ e a gente batia papo/ só que eu não conseguia falar e escrever/ digitar em português nada/ ah era uma negação/ eu só falava/ vou mandar uma mensagem de voz ou se não eu falava espanhol/ escrevia em espanhol/ eu escrevia em espanhol^o

Pesquisadora: sim em espanhol/

Mônica: sempre espanhol/ espanhol mesmo/ com as pessoas que moravam no Brasil eu dizia/ ah mas tenta falar/ não consigo não/ não consigo falar/

Pesquisadora: na escrita

Mônica: digitar

Pesquisadora: e como era a função dos trabalhos de avaliação?

Mônica: aí eu fui indo/ indo/ foi indo/ e eu gosto muito de ler/ aí eu lembro que diz assim ah lê muito Mônica/ que aí tu começa a visualizar as palavras/ eu não conseguia “s” dois “ss”/ c cedilha/ “z”/ mas eu digo não/ era uma confusão os tracinhos aqueles/ eu ia ficar doida/ porque no Uruguai não tem tanta/ não tem dois s que nem tem o s/ z/ o c/ e deu acabou/ nada/

Pesquisadora: “ss”/ cedilhado/

Mônica: nada/ então é muita palavra e tu deve escrever com s/ não mas é ss mas deve ser ss/ ah mas é porque eu digo/ não/ essas coisas não entram na minha cabeça

Pesquisadora: e aí como é que os professores avaliavam quando viu que a tua escrita tava meio errada?

Mônica: tu sabe que quando eu acho que eu tirei essa negação/ porque era uma negação comigo/ pra ver que eu não era tão ↑ruim como eu pensava que eu era que eu não podia/ mas que na verdade quando eu me larguei assim a

⁴⁶ Y, nesse trecho, refere-se ao nome de uma escola.

↑escrever/ era perfeito tanto que quando eu fiz o ENEM; a minha prova de redação praticamente não teve erro/

Pesquisadora: era perfeito/ Ai que bom/

Mônica: não teve erro/ eu fui/ eu digo assim não acredito a minha redação foi ótima/ então eu pensei eu tô ótima/ hh o meu português ↑tá fluente/ já tá com a escrita dele

Pesquisadora: Que ótimo/ hh/ então tu nunca sentiu assim porque como a maioria dos professores/ eu acredito que em Bagé/ eles não têm muito/ por exemplo/ a não ser a professora de espanhol talvez/ os outros não tem o contato do espanhol para entender/ então tu acha que não teve dificuldade deles assim contigo/ de entender na escrita não?

Mônica: não/ não/ eu acho que não/

Pesquisador: Ah que bom

Mônica: até teria que perguntar um dia para Juliana/ eu acho que foi a Juliana que mais tinha letras né/ não sei se tinha outra que tinha tanta letra/ Mas eu acho que não ela não tem problema/ eu era boa até/ eu até outro dia tava com caderno aí/ tava olhando assim e tudo era corrigido assim a Juliana e era muito bem/ (.) até fiquei feliz comigo mesma por eu ter tirado essa/ foi muito bom ter feito EJA esses seis meses/ porque eu/ por causa que eu aprendi a escrever/

Pesquisadora: sim/ sim/

Mônica: em português que eu não sabia eu aprendi/ não sei se é se eu aprendi ou se eu parei de mim

Pesquisadora: Claro de se comunicar/

Mônica: mas eu não sei se foi assim/ eu acho que eu tinha tipo uma trava com a escrita em português/ porque eu nunca estudei/ eu nunca/ só ali/ eu/ eu li a novela em português só que a escrita como eu disse/ acho que eu tenho uma trava/ quando aí eu fui/ eu ai meu Deus foi até uma amiga que foi comigo fazer/ aí eu fui e ela disse assim eu ai meu Deus é muito difícil a escrita eu não vou saber/ aí a minha irmã que tinha feito/ ela trabalha no no Free Shop aqui// ela disse assim/ é muito tranquilo as professoras são muito boas/ elas vão te ensinar assim tudo que tu precisar/ e na verdade que foi assim/ eu cheguei e já comecei a escrever e aí eu vi que eu tava boa/ e aí eu já peguei a camiseta

Pesquisadora: porque a tua dificuldade era mais na escrita porque tua fala é tranquila/ tu consegue né? Tu não mistura né/ às vezes a gente vê uns que misturam bastante na fala e na escrita/ eu acho que às vezes pro professor fica mais difícil/ sim/

Mônica: não/ no meu caso eu acho que eles não tiveram dificuldade

Pesquisadora: e tu chegou a ver algum colega assim que tinha na fala mais misturado o *portuñol*/ e aí o professor que estava entendendo chegou a ver isso?

Mônica: não sei se o professor/ eu acho que os professores daqui de Aceguá já estão acostumados

Pesquisadora: já estão acostumados/ já estão aprendendo/

Mônica: acho que eles já estão aprendendo é o *portuñol* / essas palavras inventadas eles já estão assim tirando de letra/ olha eu não vi nunca dificuldade nele/ sem/

Pesquisador: entender/ avaliar/

Mônica: os alunos assim/ mas eu tinha sim colegas que misturavam bastante/ eu tinha uma colega assim que ela misturava mas misturava direto/ não/ tá errado

Pesquisadora: hhh

Mônica: mas ela misturava direto

Pesquisadora: Mas aí/ claro/ os professores pediram trabalho em Português

Mônica: tudo em português/ tudo em português/ e ela misturava/ mas ela misturava/ não falaram já

Pesquisadora: sim ↑claro/ se fala assim/ ela vai escrever do mesmo jeito que ela fala

Mônica: ela tinha a mãe/ a mãe dela mistura eu vejo muito porque eu falo diariamente com a mãe dela/ e mistura/ ela na frase ela mistura/ vai o espanhol/ vai a palavra inventada e vai o português e vai as 3 coisas tudo misturado assim

Pesquisadora: claro/ talvez a tua facilidade na escrita porque na tua fala tu consegue falar fluentemente o português sem mesclar/ porque então era só a grafia de lembrar se era com s com o c cedilhado

Mônica: esse era minha trava/

Pesquisadora: mas a estrutura sabia?

Mônica: eu sabia

Pesquisadora: Eu só não sabia claro que é que tinha que ir se era s se era z se era c/ Era toda aquela coisa mas eu nunca vi dificuldade no idioma/ porque eu

acho que quando eu nasci foi o português tipo *portuñol* (.) que eu aprendi ele primeiro/ aí depois eu fui para a escola no Uruguai/ aí eu já com cinco ou seis anos eu comecei a falar/ comecei a aprender o espanhol e a falar lá o espanhol/ e aí depois daí para frente eu sempre fui lá mas em casa era aquele *portuñol* mais para o português do que para o espanhol/ Só que de vez em quando aquelas palavrinhas misturadas né/ aí foi indo/ foi indo/ foi indo/ depois eu terminei lá o segundo grau e aí eu já fui fazer o curso técnico/ porque é o técnico em hotelaria que é técnico no Uruguai/ não é faculdade/ aí eu fui para lá para Montevideu e segui fazendo lá espanhol/ aí depois eu terminei e aí eu vim para este lado daqui/ e aí eu comecei peguei/comecei a fazer um curso de inglês/ porque meu inglês é péssimo e segue sendo péssimo/ eu sou só bilíngue/ não adianta hh/ e não tem não tem como um terceiro de o mano tá querendo entrar

Pesquisadora: hh/ sim

Mônica: aí eu fui e fiz um curso ali em Bagé no CC/ e foi tranquilo (.) sabe/ o português e o espanhol e aí eu acho que eu fui aperfeiçoando o português naquelas palavras que ficavam meio mistureba/ e aí eu fui pegando lá e cá e aí eu acho que hoje em dia tanto que às vezes eu chego nos lugares e às vezes assim a sonoridade/ do Uruguai/ Às vezes as pessoas perguntam assim/ nacionalidade? Uruguiaia/ Uruguiaia? Mas como uruguiaia? eu nem tenho sotaque/

Pesquisadora: claro/ esperam pelo sotaque/ tu não tem sotaque/ tu não erra palavra eu digo assim/ eu acho que é porque eu nasci na fronteira/ eu aprendi o português praticamente junto com o espanhol/ então foram os dois pelo mesmo/ e não fica/ eu vejo a minhas filhas a Maria que tem 10 né/ a Maria fala perfeito/ Só que ela erra ela em palavra/ Ela não ela não mistura/ só tem palavras que ela assim como é que é mesmo geralmente acontece do lado Uruguai do espanhol/ quando ela tá falando espanhol/ como é que é mesmo tal palavra? a tradução de tal palavra? aí ela erra assim/ e a pequena faz até os três anos ela só falava português/ ela não falava espanhol/ ela entendia/ entendia/ mas ela repetia

Pesquisadora: entendia mas não falava

Mônica: ela responde em português/ aí de um dia para o outro ela começou/ ela começou e agora ela pega o telefone e liga para ela o pai dela que é do Uruguai e a família paterna dela que é de lá e ela desenrola aquele espanhol que não tem ↑sotaque/ é em algumas palavras/ mas é sem ↑sotaque

Pesquisadora: Sim/ claro/

Mônica: se não fosse na errada de palavras/ ela falaria perfeito não tem o sotaque/ aquele sotaque que ↑marca sabe/ que o pai dela tinha/ esse sotaque

que meu namorado tem sotaque quando eles falam português/ tu mas na ↑hora tu vê como/ ele falou a primeira palavra/ Não/ não/ é esse aí é estrangeiro/ hh/ não tem jeito e o pai dela também falava/ o meu namorado não fala perfeito/ ele erra/ o outro falava perfeito assim as palavras eram todas perfeitas

Pesquisadora: <falas sobrepostas> só que tinha sotaque demais

Mônica: sotaque demais/ aquele sotaque sabe acentuado demais que na primeira palavra por mais que aquela palavra fosse perfeita/ ele tinha ↓sotaque e as minhas filhas não tenho ↓sotaque/ eu vejo que elas vão bem assim elas vão bem assim como eu sem o sotaque porque eu acho que justamente por aprender junto né/ E tu te largar falar praticamente as duas paralelas e vai indo né

Pesquisadora: sim/ sim/ que tu acha disso assim da fronteira de tu ter contato/ até duas duas filhas desde pequenas com o com essas três/ na verdade são três línguas né porque tu mesma disse/ por mais que tu não fale tanto em *portuñol* ou se alguém vem com essa mescla de línguas tu entende/ então tu tá com português com espanhol com o *portuñol* o que tu acha disso?

Mônica: entendi/ eu acho Maravilhoso né/ para a gente aprender as duas ao mesmo tempo/ porque olha eu tento o Inglês e ↓ não consigo

Pesquisadora: não consegue

Mônica: se eu tivesse nascido num lugar que tivesse o inglês/ hh/ a gente aprende junto vai e ela já vem com como uma coisa a mais do dia a dia só que não adiantou inglês não dá/ e o espanhol tem gente que eu vejo que tem muita diferen-/ dificuldade no/ no espanhol (.) /é a mesma coisa Uruguaí/ Quando o brasileiro diz assim ah mas eu não entendo nada do que ele tá dizendo/ nada porque acelerou de um jeito que não teve jeito de me entender/ Eu não entendi Nem a primeira

Pesquisadora: Ainda mais se é muito longe do local/ por exemplo/ Bagé tá próximo mas se for pessoal tipo do mais distante

Mônica: mas tem gente de Bagé que não entende nada

Pesquisadora: que não entende nada/ hhh

Mônica: não a minha irmã/ que vem/ que é a Caixa no X⁴⁷/ E ela diz assim Mônica tem gente de Bagé que chega do lado de lá/ aí eles pensam que tá do lado de lá tem que falar espanhol/ não sabem que aqui em Aceguá todo mundo fala as duas então eles chegam falando espanhol/ aquele espanhol/ e a mulher chegou/ eu tive que fazer assim de seu rosto e rir do que a mulher tava dizia/ hhh/ ela tem uma história que ela conta da mulher que dizia/ eu não lembro que

⁴⁷ X, nesse trecho, refere-se ao nome de um estabelecimento comercial.

que é a palavra que a mulher dizia/ eu tinha que olhar para o lado e dizer assim/ Deus do céu eu vou ter que rir/

Pesquisadora: hhh

Mônica: Rio da mulher aí eu falei com ela mas aí eu falei em português respondi em português hh ah <suspiro> tu sabe falar em português/ que bom/ mas eles não entendem nada

Pesquisadora: não entende nada aqui 60 km/ tem gente que não entende

Pesquisadora: super perto

Mônica: não entende a mesma coisa no Uruguai/ eles não entendem não adianta/ eu tenho um conhecido que às vezes diz assim não entendo quando fala assim/ aquela frase assim continuar e rápida não entendo eu não entendo o que dizem e eles têm o costume de vir aqui para comprar né

Pesquisadora: Sim claro e aí imagina

Mônica: e aí eles/ <frases sem sentido para ironizar a fala> / e eu não entendi nada/ mas eu digo como pode não entender?/ é eu digo assim/ a gente não entende/ não consegue/ mas eu digo tem muita palavra igual

Pesquisadora: muito parecida né?

Mônica: como Italiano né

Pesquisadora: também é

Mônica? o italiano a gente consegue/ eu fui/ eu tive dois meses na Itália/ depois eu tive uma vez visitando/ e eu tu sabe/ eu consegui eu digo/ eu vou/ eu acho que eu vou/ vou lá agora chegou na França (.) não entendi nada/ nada/ mas nada vezes nada/ não entendi nada e eles não falam inglês e eles não falam nada que a gente conhece/ hh/ e eles também não fazem força/ mas na Itália era muito tranquilo assim/ eu acho que não só o espanhol é meio italiano/ assim no/ no som ouve mesmo que são dois idiomas totalmente diferentes mas assim não/ são eles são parecidos

Pesquisadora: hh/ sim/ sim é/ tu consegue/ sim

Mônica: tem outros que não/ o espanhol/ e o português eu acho ele meio parecido mas eu não sei

Pesquisadora: Sim/ até porque tu já tá aqui/ eu acho que também eu acho porque a gente também tem contato com espanhol desde pequena/ então sempre foi muito fácil/

Mônica: são interligados/ muito interligados/

Pesquisadora: bastante

Mônica: tanto eu vejo o italiano ou espanhol ou português/ eles são muito meios ligados os três mas/ tu já colocou o inglês não/ ↑nada haver/ ah já colocou o francês/ não/ também nada a ver

Pesquisadora: já muda

Mônica: e aí tu já colocou outras línguas assim que não tem tipo o holandês o alemão no meu som é a mesma coisa/ entre eles não têm nada a ver o meu som de ouvir eu morei seis anos na Holanda

Pesquisadora: Ah que legal/

Márcia: e para mim o alemão (.) vinha e falava eu achava que tava falando holandês

Pesquisadora: hh

Mônica: só que as línguas são (.) diferentes/ eles têm várias palavras que são iguais pronunciadas praticamente igual só que tem a maioria que são diferente/ só que pra mim não era a mesma coisa/ era meio doido/ hh/

Pesquisadora: sim/ sim/ hh

Mônica: ainda que eu não sabia falar direito aquele/ povo ficava falando e eu dizia assim mas esse holandês/ eu vou me aplicar aqui para ver o que ele tá dizendo/ alemão/ aí eu não tô entendendo nada mesmo/ hh/ não sei o que que é

Pesquisadora: e assim/ mas eu queria saber já que tu falou das línguas ele essa facilidade que tu tem de transitar assim entre essas três línguas/ essa facilidade de se comunicar/ o que que tu acha que influencia isso na tua vida e na tua forma de ser assim Tu te sentiu/ acaba se sentindo diferente de outras pessoas assim/ que acabam que tu mesmo disse assim como o que é um bageense ou que mora em Melo não entende/ como tu acha que que isso influencia assim de uma forma boa assim na tua vida?

Mônica: não não eu acho que de uma forma ótima porque eu posso vir para cá esse lado do Uruguai como posso ir para o Brasil e para mim tem toda a facilidade do mundo porque eu chego vou pego avião quem sabe que eu sou e aqui a mesma coisa/ hh/ é tranquilo transitar aqui nessa parte tanto do Mercosul né porque todo falado em espanhol o que não é português/ e eu sei então para mim é muito tranquilo nunca fiquei pensando eu tenho facilidade nisso né no tu ir/ e ninguém/ e tu entender tudo/ tu sabe/ tu não ser assim ah estrangeira/ Porque às vezes é chato ser estrangeiro/ porque às vezes não sei eu acho/ às vezes que ↓estrangeira assim tão tu passa despercebida mas não sei tem essa vantagem

Pesquisadora: sim/ sim/ sim/ sim

Mônica: tem outras vantagens que tu tá entendendo tudo que tão falando

Pesquisadora: sem achar/

Mônica: que tu não tá entendendo

Pesquisadora: sim/ né

Mônica: porque tem muitas vezes que tu chega/ e mesmo que eu viajo muito aqui para o Brasil/ aí eu chego com o Paulo/ falando em espanhol/ aí o povo pensa que eu falo só isso aí o povo fala atrás/ tá atrás falando português pensando que a pessoa não tá entendendo/ só que a pessoa tá entendendo tudo que tá falando sabe/ aí às vezes se faz de bobá/ isso é muito bom/ é uma vantagem

Pesquisadora: é uma vantagem de ser da fronteira/ e do *portuñol* específico o que que tu acha nele assim?

Mônica: o *portuñol* das palavras inventadas eu acho não legal

Pesquisadora: tu não acha?

Mônica: não/ não/ umas palavras inventadas assim que não tem significado/ hh

Pesquisadora: hh

Mônica: mas tem um significado só para nós

Pesquisadora: só para vocês

Mônica: para o resto do de lá e de cá não tem significado nenhum/ acho/ não sei assim as minhas filhas às vezes elas vêm com as palavras assim/ eu digo não/ isso não é/ isso não existe

Pesquisadora: hhh

Mônica: Ah mas na escola fala/ e eu digo é/ fala mas tá errado/ °não se diz isso/ isso tá errado tá/°

Pesquisadora: sim

Mônica: eu acho assim/ não gosto muito das palavras inventadas/ algumas/ algumas eu acho que eu já tenho meio

Pesquisadora: porque já é né

Mônica: do dia a dia/

Pesquisadora: é e aí tu vê/ tu não gosta mas já tá falando/

Mônica: Aí eu não vejo/ já tô falando/ já tô/ já é letrinha/ já é do vocabulário/ e/ mas eu acharia/ sim eu gosto mais do português e do espanhol/ agora quando é misturado assim ... me incomoda

Pesquisadora: te incomoda

Mônica: ah quando tem umas pessoas assim tal fala espanhol/ eu não tô entendendo não/ tenta falar em português/ é melhor/ não sabe

Pesquisadora: hhh

Mônica: aquela coisa assim vai misturando uma palavra/ vai misturando outra/ vai misturando outra/ afinal qual é o idioma que está falando mesmo? é o espanhol ou é português ou é os dois juntos? então fala um/ decide/ eu às vezes me incomodo quando as pessoas/ e eu sou muito de corrigir/ eu corrijo as minhas tias velhas/ as que moram mais aqui/ elas misturam numa frase de 10 palavras/ ↑umas 7 é em português e umas 3 misturado do Uruguai/ aí eu tinha não fala isso não

Pesquisador: ah sim/ hh/

Mônica: então assim dói nos ouvidos das pessoas/ falando essas palavras aí que tá falando e ela/ sai para Mônica/ que coisa bem chata deixa/ entendeu? Entendi/ ah então/ e se você entendeu então tá bom/ e é normal/ as pessoas velhas são as que mais misturam acho/

Pesquisadora: Claro

Mônica: eu acho que não sei que o seu tempo de antes os anos atrás a educação fosse diferente porque ninguém puxava/ fala desse jeito/ fala desse outro/ fala do jeito que ache que ele quiser/ a gente entende igual/ porque eu vejo que as pessoas velhas só as que mais tem/

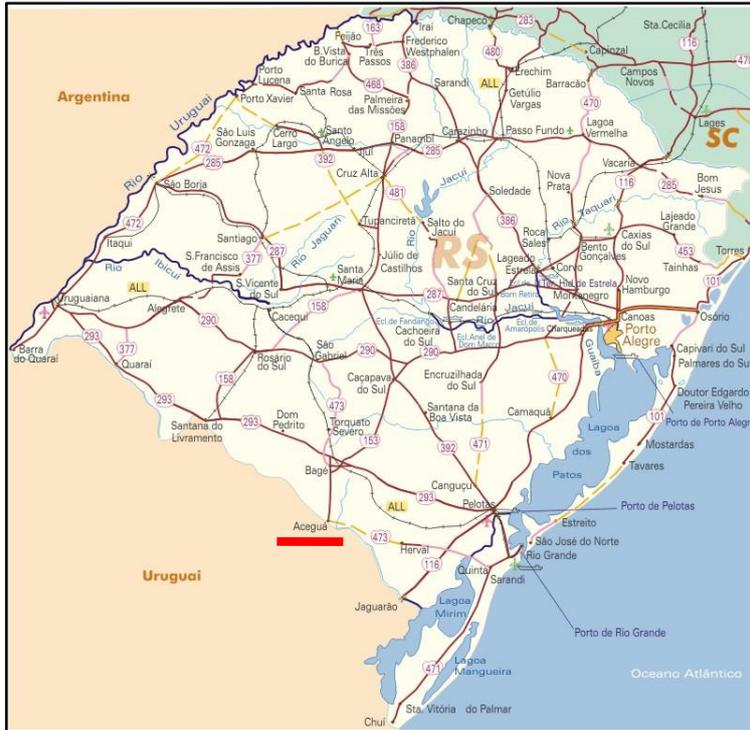
Pesquisadora: sim/ hum que interessante

Mônica: as pessoas velhas/ eu vejo pela minha família mesmo/ as minhas tias velhas elas misturam direto/ é as pessoas que moram a gente tem um campinho aqui para fora os vizinhos/ ↑tudo errado/ tudo errado/

Pesquisador: o pessoal mais da campanha/ mais do interior né/

Mônica: e aí eles misturam/ mas eles misturam e ainda inventam as palavras inventadas/ ↑tudo misturado/ e aí fica aquela confusão/ que é direto assim/ os vizinhos tudo da campanha/ da li tudo tudo fala errado/ não tem nenhum que fale assim/ poxa falou perfeito espanhol ou falou perfeito/ não/ eles misturam os dois idiomas/ fizeram uma coisa assim um mix daquilo é/ é/ isso/ hh

Pesquisadora: hh/ sim/ bem bacana/



Aceguá tendo como referência o Mapa do Rio Grande do Sul⁴⁸



Aceguá tendo como referência o mapa do Uruguai⁴⁹

⁴⁸ Fonte: http://www.achetudoeregiao.com.br/rs/mapa_rodoviario_rs.htm



Marco no município de Aceguá (área urbana).
Foto de Sheila Cuña.



Marco no município de Aceguá (área rural).
Foto de Giovanna Barcelos

⁴⁹ Fonte: <http://www.uruguai.org/mapa-de-rodovias-do-uruguai/>